

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

LUCAS FERREIRA BARBOSA DA SILVA

**“FELIZES VÓS, OS POBRES, PORQUE VOSSO É O REINO DE DEUS”:
PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL E ESCATOLÓGICA DE LUCAS 6,20**

GOIÂNIA

2021

LUCAS FERREIRA BARBOSA DA SILVA

**“FELIZES VÓS, OS POBRES, PORQUE VOSSO É O REINO DE DEUS”:
PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL E ESCATOLÓGICA DE LUCAS 6,20**

Dissertação apresentada à Banca examinadora, como requisito ao título de Mestre em Ciências da Religião, em cumprimento às exigências do Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás sob orientação da Professora Dra. Ivoni Richter Reimer.

GOIÂNIA

2021

S586f Silva, Lucas Ferreira Barbosa da
"Felizes vós, os pobres, porque vosso é o reino de
Deus" : perspectiva histórico-social e escatológica
de Lucas 6,20 / Lucas Ferreira Barbosa da Silva.--
2021.
174 f.

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2021
Inclui referências, f. 170-174

1. Jesus Cristo. 2. Bíblia - N.T - Lucas. 3. Riqueza.
4. Solidariedade. 5. Riqueza - Aspectos morais e éticos.
6. Pobreza - Aspectos religiosos - Cristianismo. 7.
Ano jubilar (Judaísmo). I. Pontifícia Universidade
Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências
da Religião - 2021. II. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 27-318-247.7(043)



**"FELIZES VÓS, OS POBRES, PORQUE VOSSO É O REINO DE DEUS":
PERSPECTIVA HISTÓRICO-SOCIAL E ESCATOLÓGICA DE LUCAS 6,20**

**Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada
em 25 de fevereiro de 2021.**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer / PUC Goiás

Prof. Dr. Douglas Oliveira dos Santos / UNIARAGUAIA

Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás

Prof. Dr. Danilo Dourado Guerra / UNIARAGUAIA

Dedico este trabalho ao meu bom Deus, meu Salvador.

À minha noiva, Rafaella Lago, que lutou arduamente ao meu lado.

Aos meus pais que protagonizaram a minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que nunca me desamparou nessa caminhada. Minha inspiração de fé, meu alicerce que me faz prosseguir e galgar voos maiores.

Registro, aqui, minha gratidão à minha querida professora e orientadora, Dra. Ivoni Richter Reimer, por demonstrar sua competência não só através de suas qualificações, mas na sua maneira de cuidado e empatia para comigo. Orientou-me, bem como me ajudou a vencer as barreiras dos lutos, doenças e os momentos difíceis que passei. Portanto, quero externar meu sincero respeito e gratidão por ter sido seu orientando.

À minha família. Minha noiva, Rafaella Lago, por me incentivar, me estimular nos momentos que não tinha força para continuar nas correções dos textos. Você faz parte desta conquista. Meu mentor, Me. Antônio de Jesus Silveira Ichiki, que acreditou no meu potencial e, através de sua influência Schawantiana, me fez ver a vida de outra forma. De fato, você é o alicerce fundamental para minha formação acadêmica e pessoal.

Ao ilustre Me. Hamilton Matheus da Silva Ribeiro, em sua experiência acadêmica. Auxiliou-me em todo o processo do pré-projeto e dissertação de Mestrado. Não poderia deixar de citar sua grande relevância na minha pesquisa, pois representa grande parte do que foi construído nesta dissertação.

Quero agradecer também ao Dr. Douglas Oliveira dos Santos e ao Dr. Danilo Dourado Guerra que me inspiraram através de suas histórias de vida e jornada acadêmica, fato que contribuiu direta e indiretamente para a minha motivação, construção e sucesso desta dissertação.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás, professores e funcionários de modo geral, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pelo empenho e qualidade no ensino e no atendimento. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, por me conceder a bolsa de estudos entre janeiro de 2019 e dezembro de 2021.

Caminhar na contramão daquilo que julgo ser impossível é o que me dá sentido de vida.

SILVA, Lucas.

RESUMO

SILVA, Lucas F.B da. “*Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus*”: perspectiva histórico-social e escatológica de Lucas 6,20. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2021.

Esta pesquisa objetiva abordar a impetuosidade da classe dos ricos contra os pobres, entendida como uma construção sócio-histórica que está apoiada no amor das pessoas às riquezas e bens existentes do século I, especificadamente no contexto religioso do Novo Testamento, conforme registrado em Lucas 6,20. É possível ver como a teologia da salvação e da redistribuição surge com o advento messiânico na pessoa do Jesus lucano, no momento em que sua missão é estabelecida na Palestina. Através de seus ensinamentos, em especial, o Sermão da Planície, instituiu as boas novas do Reino de Deus que propõe a inversão da antiga forma de se viver, inclinando-se, portanto, a uma nova ética proposta pela redistribuição igualitária dos bens e riqueza aos pobres, e visa o amparo, a hospitalidade e o cuidado dos que estão na tristeza, na fome e na angústia, por conta da perda de seus parentes, perda de suas propriedades e suas terras, que por sinal, eram produtos imediatos para mantimento próprio e o de seus familiares. Sabendo da dimensão e complexidade da pobreza na comunidade de Lucas, optou-se por utilizar o termo *ptochós* que abrange as pessoas cuja única forma de sobrevivência era a mendicância. As engrenagens político-sociais que contribuíram para o empobrecimento da população encontravam-se nas taxas e juros exorbitantes propostos pelas autoridades romanas. Com o surgimento e a práxis do movimento de Jesus, houve a possibilidade de transformação das situações, aparentemente repletas de desesperança. Por meio da divulgação do ano jubilar, surgem novas perspectivas geradoras de esperança, liberdade e dignidade às pessoas vítimas das marginalizações, explorações, escravizações e opressões dos que estavam no poder.

Palavras-chave: Comunidade de Lucas; Amor às riquezas; Ética do Reino de Deus; Os pobres; O ano Jubilar.

ABSTRACT

SILVA, Lucas F. B. da. "*Blessed be the poor: for yours is the Kingdom of God*": a historical-social and eschatological perspective of Luke 6:20. Dissertation (Master in Science of Religion). Goiânia: Catholic University of Goiás, 2021.

ABSTRACT: This research aims to approach the impetuosity of the class of the rich against the poor, understood as a socio-historical construction that is supported by people's love for wealth and goods existing in the first century community, specifically in the religious context of the New Testament, in the Book of Luke 6:20. It is possible to see how the theology of salvation and redistribution arises with Messianic advent in the person of the Lucan Jesus, at the moment His mission is established in Palestine. Through His teachings, in particular, the Sermon on the Plain, institutes the good news of the Kingdom of God that proposes the inversion of the old way of living, leaning, therefore, to a new ethics proposed by the egalitarian redistribution of goods and wealth to the poor, and aim the protection, hospitality and care of those who are in sadness, hunger and anguish, due to the loss of their relatives, loss of their properties and their lands, which, as a matter of fact, were immediate products for self-maintenance and for their family members. Knowing the extent and complexity of poverty in Lucas's community, we chose to use the term *ptochós*, which include people whose only way of survival was mendicancy. The political-social gears that contributed to the impoverishment of the population were in the exorbitant fees and interests proposed by the Roman authorities. With the emergence and praxis of Jesus's movement, there was the possibility of transforming situations, apparently, full of hopelessness, which through the dissemination of the Jubilee Year, give rise to new perspectives that generate hope, freedom and dignity for people who are victims of marginalization, explorations, enslavement and oppression from those who were in power.

Keywords: Lucas's Community; Love of Riches; Ethics of the Kingdom of God; The Poor; The Jubilee Year.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	A POBREZA NO EVANGELHO DE LUCAS	19
1.1	OS POBRES NO N.T E NO EVANGELHO DE TOMÉ.....	20
1.1.1	<i>Ptochói</i> no Evangelho de Lucas	24
1.1.1.1	Lucas 4, 18-19.....	25
1.1.1.2	Lucas 7, 22.....	28
1.1.1.3	Lucas 14, 13-14.....	30
1.1.1.4	Lucas 16, 19-31.....	31
1.1.1.5	Lucas 18, 22-23.....	34
1.1.1.6	Lucas 19, 8-9	36
1.1.1.7	Lucas 21, 3-4	39
1.1.2	<i>Ptochói</i> no Evangelho de Marcos	40
1.1.2.1	Marcos 10, 21.....	40
1.1.2.2	Marcos 12, 41-42	42
1.1.2.3	Marcos 14, 4-7	43
1.1.3	<i>Ptochói</i> no Evangelho de Mateus	45
1.1.3.1	Mateus 5, 3	45
1.1.3.2	Mateus 11, 3-5	46
1.1.3.3	Mateus 19, 21.....	47
1.1.3.4	Mateus 26, 9	48
1.1.4	<i>Ptochói</i> no Evangelho de João	48
1.1.4.1	João 12,5-6	48
1.1.4.2	João 13, 29	49
1.1.5	<i>Ptochói</i> em Atos dos Apóstolos	50
1.1.6	<i>Ptochói</i> nas Cartas Autênticas de Paulo.....	51
1.1.6.1	Romanos 15, 26	51
1.1.6.2	2 Coríntios 6, 10	52
1.1.6.3	Gálatas 2, 10.....	53
1.1.7	<i>Ptochós</i> em Tiago	54
1.1.7.1	Tiago 2, 2-3.....	54

1.1.7.2	Tiago 2, 5	56
1.1.8	<i>Ptochói</i> em Apocalipse de João	56
1.1.9	<i>Ptochói</i> no Evangelho Deuterocanônico de Tomé	58
1.2	OS POBRES NO IMPÉRIO ROMANO	59
1.2.1	Dominação Romana: Representações Sociais	61
1.2.2	Dominação Romana: Predominância Cultural	64
1.2.3	Dominação Romana: Coerção e o Empobrecimento	65
1.3	AS MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS	68
1.3.1	Lucas 1,5-11; 26-30: Izabel e Maria	70
1.3.2	Anunciação I: Nascimento de João Batista – O cântico de Isabel.	71
1.3.2	Anunciação II: Nascimento de Jesus – O Encontro da Graça.....	72
1.3.4	O encontro em Judá: A hierofania e Maria é Exclamada Bendita .	74
1.3.5	Lucas 8,1-3: A <i>práxis</i> de Jesus e a Diaconia das Mulheres	75
1.3.6	Lucas 10,38-42: O Paradigma Diaconal de Mulheres	78
1.4	OS PORTADORES DE DOENÇAS FÍSICAS E CRÔNICAS	80
1.4.1	Lucas 9,37-39: O Endemoninhado Epiléptico	82
1.4.2	Lucas 18,35-43: O Cego a Beira de Jericó	82
1.5	OS CAMPONESES NO CONTEXTO LUCANO	85
	RECAPITULAÇÃO DO CAPÍTULO	87
2	ANÁLISE DE LUCAS 6,20.....	90
2.1	DEFINIÇÃO E PRESSUPOSTOS	90
2.2	PERSPECTIVAS DE LEITURAS BÍBLICAS	91
2.2.1	Leitura Conservadora	91
2.2.2	Leitura Histórico-Crítica	93
2.3	EXEGESE DE LUCAS 6,20.....	95
2.3.1	Análise Literária.....	95
2.3.1.1	Delimitação da Perícop.....	95
2.3.2	Estrutura de Lucas 6,20-26.....	98
2.3.2.1	Relação de Convergência, Oposição e Paralelismo	99
2.3.3	Teoria das Duas Fontes.....	103
2.3.3.1	Comparação do Sermão da Planície e o Sermão da Montanha .	104
2.3.4	Análise das Formas: Gênero Maior	107

2.3.5	Análise da História	109
2.3.5.1	Lucas 6,24-26	112
2.3.5.2	Lucas 10,13.....	113
2.3.5.3	Lucas 11,42-44.....	114
2.3.5.4	Lucas 11,47;52.....	115
2.3.5.5	Lucas 21,23.....	117
2.3.5.6	Lucas 22,22.....	118
2.4	ANÁLISE DO CONTEÚDO.....	120
2.4.1	Os Famintos e os Saciados.....	121
2.4.2	Os que Choram e os que Riem	127
2.4.3	O Ódio, a Rejeição, os Insultos, a Expulsão e os Elogios.....	132
	RECAPITULAÇÃO DO CAPÍTULO	134
3	A EXPECTATIVA ESCATOLÓGICA EM LUCAS	138
3.1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	138
3.2	IMAGENS DO REINO DE DEUS.....	142
3.2.1	Ideias Equivocadas Contra o Reino: A Falsa Segurança.....	142
3.2.2	Os justos, os Injustos/Pecadores e o Amor de Deus	145
3.2.3	Inversão do Reino: Os Primeiros Serão os Últimos	147
3.3	O REINO DE DEUS NA PERSPECTIVA LUCANA.....	149
3.4	A MENSAGEM CENTRAL DO REINO DE DEUS.....	152
3.4.1	Conteúdo do Reino: Os Bem-aventurados e O Ano Jubilar	150
3.4.2	Conteúdo do Reino: “Deixamos Tudo para te Seguir”	156
3.4.3	Conteúdo do Reino: O Chamamento ao Arrependimento.....	158
	RECAPITULAÇÃO DO CAPÍTULO	160
	CONCLUSÃO	163
	REFERÊNCIAS	170

INTRODUÇÃO

As circunstâncias que estimularam o levantamento de alguns questionamentos neste trabalho são discussões que já foram trabalhadas por autores renomados. Trago em destaque o livro: “O direito dos pobres” escrito pelo Dr. Milton Schwantes (2013) em sua tese de doutorado, onde aborda arduamente sobre as questões dos pobres no Antigo Testamento.

O interesse da pesquisa perpassa esta temática: Os pobres no Novo Testamento, relatados no Evangelho de Lucas 6,20. Ao olhar para a história dos judeus e gentios no século I, em especial a comunidade de Lucas, percebe-se que estes passaram por situações de violência, marginalização, escravização e opressão, semelhantes aos tempos atuais, em proporções e contextos diferentes. Pode-se perceber que a prática do ser humano contra outro tem como finalidade o estabelecimento de seu poder e domínio, não se importando com o custo desta ação, isto é, mesmo que cause graves problemas como: traumas, distúrbios cognitivos e doenças, a ação não deixará de ser efetuada. O poder e o domínio acabam sendo alvos ideais para os que estão em alguma posição privilegiada, pelo fato de gerar satisfação e conforto. É provocador observar a obsessão dos indivíduos por poder e glórias. A sede de poder e domínio acaba sendo a fonte primária dos diversos crimes contra o próprio ser humano. Foi feita uma tentativa de emparelhar o cenário atual da sociedade brasileira com a pobreza da comunidade lucana no século I, contudo não foi possível dada a distância da realidade temporal de cada época. Para responder essa proposição que, por sinal, contribui para a área de conhecimento nos contextos social e cultural atuais, tem-se a proposta descortinadora do Jesus lucano que propaga o Reino de Deus que é a chave que irrompe na história em favor de pessoas empobrecidas.

As enfermidades e as poucas condições de sobrevivência são realidades diárias da comunidade empobrecida de Lucas, a qual é açoitada pelo estado e pela sociedade. A maioria das pessoas em seu contexto sofre consequências socioeconômicas sob o sistema do império romano, motivo que gerou o empobrecimento, escravidão e exploração em todas as áreas de trabalho e vida da população. Como resposta àquela situação, as classes exploradas buscavam se organizar, até mesmo em ajuntamentos e rebeliões,

como formas de protesto frente às opressões sofridas. Através destas iniciativas populares, é possível observar que as pessoas estavam insatisfeitas com as situações desiguais, por isso, por meio da união do povo, levantavam-se líderes revoltados com as opressões sofridas, motivo pelo qual estimulavam os movimentos de resistência contra o governo imperial, presente na Palestina por meio de seus representantes legais.

Nesse contexto, Jesus de Nazaré protagonizou um desses movimentos revolucionários que se desenvolveu na antiga região da Palestina. A *práxis* do Jesus lucano estava em favor das causas de pessoas empobrecidas, trabalhadoras, marginalizadas, e objetivava anunciar a elas um novo estilo de vida segundo a ótica do Reino de Deus. A partir dessa ética temos como seguidores imediatos os pobres, que diante dos desafios sociais são libertos do jugo romano restabelecendo suas dignidades. A ética do Jesus lucano estabelece uma luta sem armas e inverte a ótica da antiga sociedade, ou seja, quem era pobre é considerado feliz, a justiça se encontra em uma vida de fraternidade com o próximo e o não revidar violência com violência.

A proposta, aqui, é peregrinar no Evangelho em busca da compreensão de que tipo de pobreza o texto de Lucas se refere. A partir daí, pretende-se perceber a força motriz do Reino de Deus que move as pessoas a resistirem e transformarem suas realidades. O sistema de dominação romana, neste contexto, é apontado como suspeita principal, geradora de todo o processo gradativo da fome, escravidão e exclusão dos direitos basilares da vida. A pobreza não está relacionada apenas com a falta de recursos, mas abarca também, a localização e as circunstâncias socioeconômicas.

Observando algumas práticas de pregação e ensino em algumas igrejas contemporâneas, é preocupante a maneira como a Bíblia é utilizada. A mensagem propagada acaba sendo limitada por causa da dificuldade de uma abordagem que permita a compreensão da realidade imediata nos contextos bíblicos, que, ao invés disto, são enquadrados em dogmas das igrejas. As leituras equivocadas, além de fomentarem a exclusão e desvalorização de algumas classes, reduzem o movimento de libertação de Jesus, em especial o Sermão da Planície, quando o enquadram em suas próprias vontades e interesses litúrgicos e dogmáticos. O tema versa sobre a pobreza em Lucas,

perpassando a perspectiva dos pobres e dos ricos em seu contexto diante da proclamação exposta no Sermão da Planície em Lucas 6,20.

A realidade contextual do evangelho de Lucas é predominantemente urbana, todavia a forma de subsistência é dependente da produção agrícola e pecuária como fonte de renda e de alimentos. A comunidade lucana vivenciava situações de violência, ganância e desigualdades causadas pelos romanos e pelas elites judaicas. Pautas como: riquezas e abundâncias de terras, as quais eram de propriedades e usufruídas por camponeses em benefício e conforto próprios, de agora em diante, com o domínio do império romano, seriam propriedades exclusivas dos romanos, através de seu sistema ideológico de dominação conhecido como *pax romana*.

Uma das formas de dominação romana era a cobrança de taxas e impostos. Muita gente perdeu terras em decorrência de dívidas e do empobrecimento ligados a esta prática. Por um lado, o sistema de dominação romana instaurou avanços tecnológicos para a Palestina, tais como: estradas, aquedutos e tanques termais. Por outro lado, esse sistema hierárquico gerou várias assimetrias, como exemplo o privilégio e vida abundante para os romanos e suas elites, enquanto as outras classes sofriam com a submissão à base da força, trabalhos forçados, escravidão e o enquadramento ao seu modo de viver.

Em virtude disso, a razão que justifica esta pesquisa encontra-se na compreensão histórico-social e escatológica presentes na comunidade lucana frente àqueles aspectos assimétricos. Em Lucas 6,20, observa-se que as bênçãos são destinadas aos pobres que impactam de forma imediata a vida comunitária, motivando a responsabilidade de um para com o outro. No século I, esse assunto enfatizado pelo Jesus lucano apresenta os contrastes existentes como forma de denúncia.

A compreensão do aspecto histórico-social permite focar nas estruturas que foram gerando as assimetrias sociopolíticas e os traumas psicossomáticos existentes no ambiente comunitário das comunidades no tempo de Jesus. A *práxis* de Jesus tem como característica um movimento marginal que permeou de forma marcante em sua época, ocasionando inclusive a sua própria morte sob o regime imperial. Para o entendimento do cenário político-social lucano, tem-se como referências bibliográficas os

trabalhos de Stegemann e Stegemann, Wengst, Richter Reimer, Kümmel, Brown e Koester.

Na dimensão escatológica, na perspectiva do fim dos tempos/fim da vida, há duas concepções: a primeira diz respeito ao acúmulo de riquezas como forma de asseguramento de uma vida tranquila e bem abastecida e sem hipóteses de perigo. Na segunda concepção, a segurança da vida encontra-se na repartição dos bens para os mais carentes, na fraternidade, na hospitalidade e no aguardar com fé a dependência de Deus. Para a construção dessa dimensão, tem-se o auxílio bibliográfico dos autores: Segundo, Moxnes, Goppelt, Rossi e Junior, Schüssler Fiorenza, Marconcini e outros.

A temática dos pobres em Lucas mostra-se relevante pelo fato de seu ponto de partida ser o texto, que foi confeccionado em seu contexto imediato e experienciado pela vida comunitária cristã do século I. Nesse sentido, a chamamos de comunidade lucana pelos critérios, aspectos e linguagem daquela sociedade, cujo autor mostra as interações entre os seus grupos sociais existentes e suas vivências como formas de construções das relações. O texto apresenta como a comunidade de Lucas, em seus enfrentamentos diários, buscava viver a vida segundo a ética da nova ótica do Reino de Deus.

A finalidade da pesquisa é a compreensão desses aspectos citados a partir de Lucas 6,20. A perícopes tem como composição estrutural a presença de sete versículos que versam expor quatro felicitações e quatro *ais*. Especificadamente, a investigação encontra-se no contraste característico da obra lucana entre a classe dos ricos e dos pobres. Em resposta a estes contrastes, existe a mensagem proclamada por Jesus que opta pelos pobres, e para a classe dos ricos – caso não aceitasse seus ensinamentos: a venda de seus bens e doação aos pobres –, o juízo e justiça do Reino de Deus que recairia sobre eles.

A problematização da pesquisa se faz em conhecer quais os mecanismos que geraram o empobrecimento dos pobres registrados em Lucas 6,20, tendo como única alternativa Jesus em seu movimento que declara como benditos os que estão na pobreza e 'ai' daqueles que estão na riqueza. Neste seguimento, nos mecanismos que geravam os empobrecimentos é possível observar os principais causadores dessa assimetria social no ambiente lucano, causados pelos agentes/funcionários do império romano e a aristocracia/elite.

A desigualdade social era tão vasta que aquela(e)s que não possuíam bens e riquezas passavam por uma vida de miséria, tendo que viver da mendicância. Sendo assim, este estudo busca compreender como se estruturou essa cadeia desigual no século I, apresentado por Lucas 6,20. A teologia da Salvação/Redistribuição de Lucas desmascara toda exploração, opressão e descriminalização exposta em: “Felizes vós, os pobres” e “Ai de vós, os ricos”. O movimento de Jesus denuncia as construções negativas e ações depreciativas feitas contra as pessoas pobres e assim, abria espaço para superação das situações traumáticas e a esperança para as seguidoras e seguidores de Jesus que eram membros da comunidade de Lucas.

O pressuposto teórico metodológico histórico-crítico será o auxílio na exegese através do *Manual de Metodologia do Novo Testamento* de Uwe Wegner. Esta dissertação investigará especificamente a passagem de Lucas 6,20, interligando-a com outras passagens deste evangelho e a outros textos do Novo Testamento, com auxílio de obras publicadas por estudiosos(as) de Lucas.

A pesquisa se mostra relevante na área das Ciências da Religião, em especial na literatura sagrada, apontando a relevância dos textos como fundantes para a pesquisa das experiências anteriores das comunidades religiosas dentro da peregrinação bibliográfica, teórica metodológica e sócio histórica. Portanto, o trabalho se realiza dentro da Linha de Pesquisa da Religião e Literatura Sagrada do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Esta investigação dos pobres em Lucas divide-se em três capítulos. No primeiro, tem-se os pobres que estão sendo oprimidos pela política, economia e a religião. Partindo do panorama de quem são os pobres, dentro do evangelho, observa-se, em algumas passagens, as várias faces da pobreza. Logo após, com objetivo de perceber a diferença quantitativa, será examinado a reincidência do termo *ptochóí/ptochós* em outros textos do Novo Testamento e no Evangelho deuterocanônico de Tomé. Em seguida, traça-se a força motriz que causa o endividamento, opressão e escravidão das pessoas. Dessa forma, serão evidenciadas, do ponto de vista histórico-social, as relações assimétricas entre os estratos inferior e superior. Essa pesquisa fornecerá um fundamento

para alavancar a compreensão dos fatores sociais que constituíram essa nomenclatura de pobres ao público de Lucas.

A segunda parte da pesquisa permite o aprofundamento da análise de Lucas 6,20. Inicia-se com um estudo exegético fundamentado no pressuposto teórico metodológico histórico-crítico, o qual possibilitará uma análise aprofundada da estrutura da perícopé em questão. Neste sentido, ao prosseguir pelas definições e pressupostos de Lucas por meio da análise literária, encontra-se a diferença entre o Sermão da Planície (Lc 6,20-26) e o Sermão do Monte (Mt 5,3-12), possibilitando a identificação do sentido da pobreza em Lucas. Em seguida, será feita a análise das formas, a análise história e do conteúdo da estrutura geral de Lucas 6,20-26, que permitem a compreensão de como as classes dos ricos viviam e se relacionavam com a classe dos pobres.

Na terceira parte, será feita uma observação com base nos estudos de Lucas 6,20, visando encontrar quem são os pobres no contexto atual, e como o Reino de Deus, propagado pelo autor lucano, pode contribuir nos desafios enfrentados no dia-a-dia; assim também será observar como era construído o pensamento da falsa segurança que contrapunha a mensagem de Jesus.

Ao final, será realizada a conclusão da pesquisa e a exposição das referências bibliográficas. Em cada estrutura do texto será propiciado ao leitor(a) os detalhes de conceitos centrais reproduzidos ao longo de cada parte da pesquisa, a fim de alcançar o melhor entendimento desta.

1 A POBREZA NO EVANGELHO DE LUCAS

“Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lucas 6,20).

O evangelho de Lucas em seu caráter histórico teológico apresenta em seu enredo teórico metodológico uma descrição da história do século I, entrelaçada com a história de Salvação propagada por Jesus em proclamar o Reino de Deus aos pobres. Esse movimento revolucionário se estendia em favor dos excluídos, daqueles que passavam fome e choravam por causa das opressões e da escravidão promovidas por quem possuía mais poder e posses. Neste sentido, Jesus contrapõe o dinamismo socioeconômico da época, nomeando como felizes os pobres e profere palavras de alerta e juízo aos ricos. A priorização e valorização dos pobres no evangelho de Lucas tinham como objetivo a reprodução do pensamento e comportamento frente à nova ética proposta e estabelecida pela manifestação do Reino de Deus. Mesmo diante da desigualdade social que envolvia o ambiente lucano, existia uma esperança de dias melhores aos menos favorecidos.

A pesquisa possibilita a compreensão do tipo de pobreza que o texto de Lucas 6,20 se refere. Para tanto, será observada a opressão estabelecida sobre os empobrecidos em seu contexto social, e assim entender o significado da expressão “bem-aventurado”. O que se pretende alcançar é o aprofundamento da causa do empobrecimento registrado em Lucas, e desse modo mergulhar nos mecanismos que os fortaleceram, a ponto de serem conhecidos como bem-aventurados. Buscando responder aos questionamentos levantados no texto do Evangelho de Lucas, optou-se pela perícopie de Lucas 6,20. De forma mais abrangente, será analisado dentro do bloco narrativo (Lucas 6,20-23) as quatro bem-aventuranças e os *ais* (Lucas 6,24-26) que compõem o discurso de Jesus proclamado no Sermão da Planície.

A partir desta ideia, procurou-se o termo *ptochós* nos outros Evangelhos, salientando assim, não uma análise aprofundada da abordagem dos evangelistas, mas a comparação quantitativa em relação a Lucas. No bloco seguinte, foram identificados o período que ocorreu a citação da perícopie alvo, no prólogo do livro de Lucas. Em seguida discorreu-se sobre as sete passagens em Lucas que mencionam o termo *ptochós*, e similarmente nos

textos do Novo Testamento que utilizam este termo, bem como no Evangelho de Tomé.

1.1 OS POBRES NO N.T E NO EVANGELHO DE TOMÉ

Muito se tem discutido acerca da autoria do evangelho de Lucas¹, questão que ainda não foi resolvida e também não temos a intenção de sanar. Diante da relevância desta questão, é possível enfatizar algumas características lucanas que revelam a sua identidade. Para Kümmel (1982, p. 186) a confirmação sobre a autoria de Lucas é a observação de sua dificuldade com o não conhecimento da geografia da Palestina, bem como por evitar expressões semíticas, com exceção da palavra amém. Afirma o autor que o fato de Lucas escrever para cristãos-judeus ocorre em razão da ausência das tradições nos debates polêmicos sobre a Lei mosaica entre fariseus/escritas e Jesus, comprovando a sua identidade gentílica.

Em concordância com esta informação, temos em Brown (2012, p. 379) o destaque para o engano que o autor de Lucas comete “quanto à purificação em Lc 2,22 (‘deles’, erroneamente, implica a purificação do pai) é inadmissível da parte de alguém que tenha crescido numa família judaica”. Comenta-se, com frequência, o que é consenso entre o(a)s pesquisadore(a)s², a respeito do período de escrita de sua obra entre os anos 80 a 90 d.C., como também suas duplas obras: o evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. Além de mencionar, faz uma dedicatória ao seu destinatário, primeiro citado em (Lucas 1,1-4) e (Atos 1,1-2) dirigida a Teófilo.

Para melhor compreender em qual contexto literário foi narrado Lc 6,20, tem-se a estrutura geral do Evangelho de Lucas³:

- 1) Prólogo (1,1-4)
- 2) As atividades de Jesus na Galileia (4,14-9,50)

¹ Verificar, principalmente Kümmel (1982), Brown (2012), Koester (2005).

² Tomar por base as afirmativas nos autores Richter Reimer (2010, p. 18); Storniolo (2017, p. 7-10); Brown (2012, p. 385-386); Kümmel (1982, p. 187-188).

³ Para esta estrutura, tome por base o estudo de Brown (2012). A tradução e escolha dos versículos apresentam bastante diferença. A tradução escolhida é a Bíblia de Jerusalém (1985).

- 3) A viagem para Jerusalém (9,51-19,44)
- 4) As atividades de Jesus em Jerusalém (19,45-21,38)
- 5) Paixão, Ressurreição e aparições de Jesus (22,1-24,53)

Após a apresentação da estrutura maior do evangelho de Lucas, será feito um recorte da estrutura menor que abrange a segunda parte principal das atividades de Jesus na Galileia, especificamente o texto de Lucas 6,20 neste contexto galilaico. Feito o recorte, caminha-se da primeira abordagem dos textos selecionados, em busca de uma aproximação da mensagem do autor lucano. O bloco escolhido abrange questões iniciais do discurso de Jesus no Sermão da Planície, que contém seus ensinamentos de aos seus discípulos e discipulas a partir Lucas 6,20-26.

Buscando olhar minuciosamente para o contexto anterior ao Sermão da Planície, pode-se verificar Jesus separando seus discípulos e logo após a nomeação encontra uma multidão de pessoas (6,12-49). No dia anterior, Jesus passa à noite no monte orando e no amanhecer do outro dia encontra com os futuros discípulos (6,12-16). Em sua proclamação, Jesus ensina o Sermão da Planície (6,17-49), em um local plano, repleto de discípulos e grande multidão de pessoas pobres que vieram para ouvir e serem curados (6,17-19). Dentro do conteúdo do Sermão da Planície pode-se separar por: bem-aventuranças e ais. A divisão segue da seguinte forma⁴: Três bem-aventuranças (6,20-21) **Q**⁵. Felizes sereis quando os homens vos odiarem...pois do mesmo modo seus pais trataram os profetas (6,22-23). Logo após, são proclamados três ais (6,24-25) **L.**; Ai de vós, quando vos bendizerem... pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas (6,26) **L.**

Dentro desta estrutura citada anteriormente há a proclamação de Jesus para seus discípulos, discipulas e seguidores narrados no Sermão da Planície que corresponde também a um paralelo no Sermão do Monte em Mateus 5-7, trabalhado no capítulo 2: A comparação do Sermão da Planície e Sermão do

⁴ Optou-se pela estrutura com base nos estudos de Pablo RICHARD. El evangelio de Lucas, estructura y claves para una interpretación global del Evangelio. *RIBLA*, n.44, 2003, p. 14.

⁵ No que tange a questão da *Quelle* ("Q"), trata-se de escritos cristãos mais antigos, cujo conteúdo perpassa ao questionamento hipotético, como bem frisado por Brown (2012, p. 193-194) onde aponta estudos feitos pela grande maioria de teóricos em descreverem a teoria da Fonte Q, na qual percebem entre Mateus e Lucas conteúdos que não são achados em Marcos. O autor continua a dizer que em Mateus e Lucas, não há uma apresentação que caminham na mesma ordem, todavia várias reconstruções caminham na ordem lucana.

Monte. Observando as considerações de Richard, pode-se considerar que “La fuente de este sermón Q y es Lucas el que tiene la versión original y más fiel a la fuente” (RICHARD, 2003, p. 14).

No evangelho lucano as bem-aventuranças são ensinamentos proferidos por Jesus no Sermão da Planície (Lc 6,20-22) aos que estavam na pobreza. O termo entendido como pobre em Lucas 6,20 chama-se: *ptochoí*⁶. Possui significado em sentido literal, no qual destinava-se às pessoas que enfrentavam situações reais de pobreza, como: exclusão social, opressão, escravidão, e a mendicância como única alternativa para manterem a sua sobrevivência.

Nas palavras de Marconcini (2012, p. 159) percebe-se que a teologia lucana tem como foco revelar, na história, “o projeto unitário de Deus para salvar os homens, iniciando no Antigo Testamento com a promessa realizada no ‘hoje’ de Jesus [...] como dom do Espírito”. Segundo o autor, pode-se acrescentar que o contato experimentado pelas pessoas através dos ensinamentos de Jesus descortinava os falsos valores propostos pelas riquezas.

Segundo Fabris e Maggioni (2006, p. 114), o Evangelho de Lucas propõe aos que possuem riquezas não apenas uma simples renúncia, mas estipula a venda dos bens e a sua destinação, através da ajuda generosa, aos menos favorecidos. Outro ponto a respeito do seu perfil socioeconômico é a condenação à postura dos ricos que ostentavam as riquezas em Lucas. Aos ricos, Jesus apela para o abandono radical das riquezas, de modo que pudessem vender seus bens e dá-los aos pobres.

O uso de forma desacerbada das riquezas, como vimos anteriormente, gerava desigualdade nas relações em comunidade no século I. Neste sentido, o autor lucano utilizou-se de parábolas como alertas àqueles que acumulavam bens, fator que causava ausência no amparo dos pobres.

⁶ Para Stegemann e Stegemann (2004, p. 110-115) Os *ptochoí* são as pessoas consideradas residentes da “pobreza extrema” e sua forma de sobrevivência é por meio da mendicância. Não possuem o mínimo para sobreviver e a situação da grande maioria é de: fome, sede, suas vestimentas são farrapos, moram nas ruas, são desprovidas de esperança e dependem de outras pessoas para o seu sustento. As pessoas incluídas nessa classe são: as viúvas, os órfãos, também os doentes crônicos e portadores de deficiências, como cegos, paráliticos e lepras.

Ao apregoar a expressão pobre, o autor de Lucas utiliza-se do termo *ptochós*. Na mesma direção ao que tange esta abordagem, Casalegno (1988, p. 10) afirma que o termo *ptochós* serve para “qualificar os que não têm meios de subsistência [...] são os indigentes em extrema necessidade a quem é preciso dar esmola para sobreviver”. Além disso, analisando a mesma palavra, Reimer e Richter Reimer (2011, p. 192) traduzem o termo mais empregado no Evangelho de Lucas:

O termo grego *ptochós* caracteriza a pessoa em situação de pobreza mendicante: trata-se de alguém que não tinha mais condição para sobreviver, devendo entregar-se à mendicância, sendo, portanto, extremamente necessitado. Pelo extremo grau de empobrecimento que abrange todos os níveis da vida, estas pessoas também eram caracterizadas *tapeinoi* ('humildes'), isto é, que viviam humilhadas em situação de extrema pobreza.

A concepção de *ptochós* empregada no Evangelho de Lucas, portanto, é designada para pessoas que estavam em situação de extrema miséria, tendo que viver da compaixão de outras pessoas. O caminho trilhado pelo autor perpassava a via dos pobres. O ministério de Jesus implantava a proposta do Reino de Deus que proclamava a justiça, o perdão, o resgate e a esperança em favor dos menos favorecidos e desprovidos de cuidados. Este caminho estava em oposição ao estilo de vida dos ricos, que se encontravam na trajetória oposta ao projeto do Reino de Deus.

A palavra pobre no Evangelho de Lucas⁷ tem como descrição o termo *ptochóí* que abrange as pessoas em estado de mendicância, necessitando de uma ajuda para seu sustento. Como o adjetivo evoca o significado de mendigo, este dependia da ajuda de estranhos. Conforme Storniolo (2017, p. 68) os pobres em Lucas são pessoas empobrecidas no sentido literal da palavra, pois passavam fome, choravam pelas aflições sofridas, tinham como único recurso à luta pela justiça. Para essas pessoas existe a promessa de que serão saciadas e irão rir com a chegada do Reino porque pertence a elas. A consequência do empobrecimento da maioria era a razão direta da riqueza da minoria. Em Lc 6,24-26, percebe-se que o termo *ptochóí* encontra-se em contraste com *plousios* que significa pessoas que possuem riquezas. Ou seja, as bem-aventuranças são direcionadas não só às pessoas que estão na

⁷ Tomei como ponto de partida o estudo de Coener (1983, p. 1682-1684).

pobreza, mas também àquelas em situações de vulnerabilidade, tendo como a única forma de esperança crer no Filho do Homem, onde serão cumpridas todas as promessas garantidas e asseguradas por Deus.

1.1.1 *Ptochós* no Evangelho de Lucas

Em Storniolo (2017, p. 68) os pobres em Lucas são pessoas empobrecidas no sentido literal da palavra. Rossi e Junior (2018, p. 116) descreve como aqueles que diante das taxas altas e tributações abusivas, sofrem com o empobrecimento por parte de Roma. O assunto sobre o empobrecimento dos pobres, será visto no tópico 1.2 Pobres no império romano.

Não existia somente os pobres (*ptochoís*) em Lucas. Havia também outras classes de pobres intituladas: *penes*, conforme Stegemann e Stegemann (2004, p. 91-92) eram pessoas que viviam com o mínimo necessário, o que os autores intitularam como “relativamente pobre”. Em outras palavras, pessoas que viviam uma situação econômica consideravelmente regular. Em comparação com os pobres (*ptochoí*), aqueles tinham comida, bebida e roupas para vestirem-se, embora tivessem dificuldades de manter suas famílias. Os pobres (*ptochoí*) estão no grupo daqueles que são intitulados como “absolutamente pobres” vivendo abaixo do mínimo necessário, com carência total de alimentação, vestuário e moradia.

A partir dessas afirmações, vale levar em consideração que o ambiente lucano estava repleto de dificuldades. Desse modo, é preciso restringir em uma verificação rigorosa o termo *ptochoí* no referido Evangelho. Deve-se observar, portanto, reincidências nas passagens bíblicas em Lucas⁸, onde encontra-se que eram os pobres em seu contexto. A começar de observações exegéticas nas passagens em Lucas, é possível observar a situação dos pobres em cada versículo. Vale ressaltar o não aprofundamento de todos os pontos apresentados por Lucas, a fim de que a pesquisa não fique extensa. Dessa forma, o foco a seguir está no destaque dado aos pobres e as reincidências do termo no Evangelho.

⁸ O termo *ptochós* aparece sete vezes no livro de Lucas. Será explanado em Lc 6,20 no tópico 2 nomeado: “Análise de Lucas 6,20”.

1.1.1.1 Lucas 4, 18-19

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.

No episódio em Nazaré, Jesus estava na sinagoga no dia de sábado. No momento da leitura habitual, fez uma explanação no livro de Isaías, descrito em Lucas 4,18-19. Nesta leitura, são destacadas as situações imediatas nas quais as pessoas empobrecidas estão sofrendo. Jesus utiliza-se do texto de Isaías 61 para dizer que a sua missão é de libertação a um público específico: os pobres, cativos, cegos e oprimidos, e também o anúncio do ano da graça do Senhor.

Ao falar sobre o ano de graça do Senhor, está se referindo ao ano do Jubileu. São muitos autores que tem abordado essa temática, entre eles Richard, (1999, p. 13) que faz uma definição da palavra Jubileu:

La palabra 'Jubileu' viene del latín 'iubilaeus, que fue tomada directamente del hebreo 'yobel'. Yobel significaba originalmente carneiro, posteriormente el cuerno del carneiro usado como trompeta para anunciar el ano del Jubileu, y finalmente, significó escuetamente júbilo o Jubileu. Expresa la alegría de la tierra, de los esclavos y de los explotados em general, cuando se tocaba el cuerno y se anunciaba un ano sabático o jubilar. Este toque del cuerno era, por supuesto, una desgracia para los opressores del pueblo, que 'perdían' sus esclavos y todas las propiedades arrancadas al pueblo al no poder pagar éste sus tributos y deudas.

A utilização da palavra Jubileu tem uma relação estreita com a libertação e perdão das dívidas, onde a pessoa explorada é liberta quando era anunciado o ano sabático. Richard (1999, p. 13) ainda faz uma consideração sobre o Jubileu na tradição do Antigo Testamento que tinha por finalidade:

proteger la vida del clan de la sobre-explotación, concentración de la tierra y la acumulación de riqueza, y que pone un limite preciso a toda esclavitud por deuda. La tradición sabática y jubilar exige una ruptura histórica, que permite a la tierra y a las personas recuperar su libertad

Em outras palavras, a própria proclamação do Jubileu no Antigo Testamento tinha como objetivo a oposição ao sistema tributário através do perdão das dívidas. O ano sabático e o ano jubilar são expressões que demonstram o poder libertador de Deus em sua vontade de libertar as pessoas das opressões e exclusões. Neste sentido, pode-se dizer que o ano sabático e o Jubileu são intervenções de Deus em favor das pessoas empobrecidas, escravizadas e endividadas, todas e todos que estão sob a influência das estruturas dominantes (RICHARD, 1999, p. 13).

Segundo Croatto (1999, p. 82), o texto de Isaías não somente destaca o anúncio da dimensão socioeconômica, como também tem por objetivo chamar a atenção na dimensão interior psíquica que estava sendo corrompida em decorrência das situações de opressão nos diversos setores: econômicos (carências), sociais (os dominantes), onde contribuíam para a destruição das pessoas. Desse modo, podemos considerar que no texto de Isaías 61 há um destaque para as concepções que abarcam situações de opressão físicas e espirituais, nas quais as pessoas precisam de libertação nestas respectivas áreas. Neste sentido, para Jesus o ano da graça do Senhor “consiste en anunciar buenas nuevas a los pobres, lo cual se traduce en acciones concretas, que involucran los planes social, político, económico y religioso” (MANSILLA, 1999, p. 141). Percebe-se nas palavras do profeta Isaías que ele “discierne que el Espíritu está sobre él, por eso mismo él está ungido para cumplir esta misión [...] en la reconstrucción de la vida del pueblo” (RICHARD, 1999, p. 11).

Embora os elementos conceituais destacados pelos autores anteriores, sobre a perspectiva de Isaías 61, sejam de fundamental relevância, o foco encontra-se no ano jubilar que visa a questão das dívidas no Novo Testamento no período de Jesus. A intenção foi o de obter o entendimento sobre as dificuldades reais que fomentaram o empobrecimento dos pobres. Ao trabalhar com as situações enfrentadas pelos pobres, é possível observar, nas considerações de Richter Reimer (1999, p. 126), as imbricações que os impostos e as guerras causavam:

Los mayores factores para el creciente empobrecimiento de la población el tiempo de Jesús eran deudas, los impuestos y las guerras. La deuda a través de préstamo siempre aumenta sus intereses; lo

miesmo val para las deudas através de impuestos. Esto significa siempre aumento de las deudas.

Tem-se, portanto, como um dos fatores fundantes do empobrecimento dos pobres, os impostos e os juros abusivos. Ao abordar as questões de impostos, Richter Reimer (1999, p. 126) apresenta que o interesse do empréstimo disponibilizado pelos dominantes era proposital, pois favorecia no aumento dos juros. Ocorria ameaças aos endividados que não conseguiam pagar as dívidas combinadas, ocasionando torturas, prisões de membros da família e escravatura. As dívidas eram marcas na história de crianças, mulheres e homens empobrecidos pelo sistema romano, de maneira que os efeitos ocasionados pelo endividamento não eram apenas econômicos, mas também desencadeavam implicações nas relações interpessoais.

O interesse do autor lucano é apresentar Jesus como um ungido enviado do Senhor, e como profeta prometido que evangelizaria os pobres (Lc 4,18). Neste sentido, Lucas desenvolve a narrativa a partir de Nazaré, local em que iniciou a missão ministerial de Jesus de forma conturbada, sendo ele rejeitado (Lc 4,14-30). Por Jesus estabelecer um paralelo na leitura do livro de Isaías 61, referindo-se como “o ungido”, causou desconforto aos religiosos judeus. A missão de Jesus tem como movimento fundante as ações imediatas que evocam transformações socioeconômica e econômica religiosa em uma sociedade que estava em ruína (MANSSILLA, 1999, p. 141). Assim, o que confirma esse direcionamento específico, encontra-se nas palavras: presos/cativos (*a'ixmalotois*), cegos (*tupslois*) e oprimidos (*tetrausmenous*).

É possível fazer um paralelo entre a leitura de Jesus em Lucas 4,18-19 e a promessa proferida pelo profeta Isaías que evoca uma proposta de “libertação e consolação que tem o início sobre a unção profética sobre o profeta pelo poder do Espírito” (CROATTO, 1999, p. 87). No evangelho de Lucas, o personagem de Jesus é uma figura central que não só proclama palavras proféticas, mas coloca em prática a anistia jubilar pelo poder do Espírito, em razão de ter sido consagrado para evangelizar os pobres (Lucas 4,18). Ou seja, inicia-se aqui a resposta messiânica que tanto foi divulgada no contexto de Isaías 61,1-2, bem como em Lucas é descrita. Neste sentido, é possível compreender que a pobreza aqui, perpassa situações em dimensões no sentido literal e espiritual.

1.1.1.2 Lucas 7, 22

Então lhes respondeu: 'Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho.

No capítulo 7,22 novamente há uma descrição das mesmas expressões citadas em Isaías 61,1: "*laweh* me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres...". Aqui, Jesus toma a postura de um profeta do Novo Testamento, e assim o Evangelho de Lucas pretende mostrar que em Jesus se cumpre a profecia: "aos pobres é anunciado o Evangelho" (Lc 7,22).

Vale ressaltar que existem diferenças na citação lucana em comparação à Isaías 61, por exemplo:

Isaias 61,1-2:

O espírito do Senhor *lahweh* está sobre mim, porque *laweh* me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, **a proclamar um ano aceitável a *laweh*** e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados [...]

Lucas 4,18-19

O espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar aos pobres; e enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para **proclamar um ano de graça do Senhor**

Observa-se as diferenças que ocorrem nos dois textos. Essas adições e cortes podem ser percebidos nos textos da septuaginta. Todavia, a intenção está em focar no ano jubilar proclamado por Jesus sobre a esperança para os menos favorecidos que estão sob o jugo dos opressores e exploradores.

Em Jesus é possível identificar seu amor e cuidado para com as pessoas pobres. Fator que é trabalhado em Kümmel (1982, p. 172), no qual apresenta um Jesus que difere dos evangelhos de Mateus e Marcos, pois além da demonstração de sentimentos de empatia, Lucas aprofunda este amor de

Deus que é expressado para as pessoas desprezadas no mundo, tanto através de sua mensagem, como também por suas práticas de cuidado. O evangelho de Lucas expõe a influência de Jesus que é totalmente inclinada para a “piedade feita de pobreza” que difere do desprezo característico de outros grupos religiosos (fariseus e escribas), com intento de demonstrar que em “Jesus o amor divino para com aquelas pessoas dadas como perdidas aos olhos dos homens tornou-se realmente salvação aqui e agora” (KÜMMEL, 1982, p. 172).

Neste sentido, Lc 7,22 tem essa perspectiva apresentada como boas novas de salvação. O que eram as boas novas? Eram boas notícias que chegavam aos corações daqueles que estavam destroçados em virtude das relações e ações assimétricas das autoridades que estavam no poder, bem como aqueles que exerciam autoridade sobre as pessoas, a exemplo dos militares e funcionários romanos. Os cegos, coxos, leprosos e surdos estavam necessitados de cuidados. Sendo assim, por meio da ação do Reino de Deus através da *práxis* de Jesus, ocorriam os feitos miraculosos e era resgatada a esperança e dignidade dos empobrecidos, onde a verdadeira paz era diluída para todas as pessoas.

As boas novas são notícias para as pessoas que estavam em situações de dificuldades e seja elas quais forem. A partir do anúncio proferido por Jesus aos pobres, finalmente eles serão “contemplados em suas necessidades materiais, e dignificados em seus direitos inalienáveis de seres humanos” (ROSSI; JUNIOR, 2018, p. 115). Temos como eixo central da mensagem do Reino de Deus propagado por Jesus, as boas novas aos pobres, isto é, a justiça e a fidelidade que agora se encontra do lado dos pobres (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 74).

Esta é a prova cabal de que a notícia de salvação do Reino de Deus, na qual foi marcada pela fala dos anjos: “Hoje, na cidade de Davi, nasceu para vocês um Salvador que é o Messias, o Senhor” (Lucas 2,11), pode ser percebido nas considerações de Storniolo, quando apresenta a ação de Deus: “A verdadeira salvação é anunciada aos pobres e marginalizados (‘para vocês’). Jesus é o Salvador, porque traz a libertação definitiva; é o Messias que, através do Espírito de Deus, traz o reino da justiça que leva à paz” (STORNILO, 2017, p. 27). Ou seja, a prova concreta de que Jesus é o profeta

messiânico do Novo Testamento, cuja autoridade revela o tempo de libertação, onde aos pobres anunciava o Evangelho (Lucas 7,22), e eram evidenciados por eventos miraculosos: “os cegos (*tupsloi*) recuperam a vista, os paralíticos (*Xoloi*) andam, os leprosos (*leproi*) são purificados, os surdos (*kopsoi*) ouvem e os mortos (*nekroi*) ressuscitam.

Levando em consideração esses aspectos destacados no texto, observa-se a postura de Jesus com características semelhantes aos profetas do Antigo Testamento. Neste sentido, Jesus evidencia a sua postura ativa, que a partir do anúncio às pessoas que necessitavam de cuidados, divulga a mensagem do Reino para os que estavam mortos para a sociedade. Sendo assim, aos pobres são replicadas as Boas notícias materiais e espirituais através do movimento de Jesus.

1.1.1.3 Lucas 14,13-14

Pelo contrário, quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então porque eles não têm com que retribuir. Serás, então, recompensado na ressurreição dos justos.

Em Lucas 14,13, o cenário é de festa. Após os convidados não aparecerem na festa, são chamados “os pobres, aleijados (*havapeírous*), paralíticos (*xwloús*) e cegos (*tupsloús*)”. Ainda neste capítulo, é possível observar que estes que foram convidados, encontravam-se “nas ruas e becos das cidades” (Lucas 14,21).

Em primeiro plano o autor lucano identifica o ambiente social no período do séc. I. Nas considerações de Sancho e Hayraud (2010, p. 131-133) podemos captar a situação imediata dos pobres. Como bem ressaltado, o ambiente social era marcado pela discriminação, e por este motivo, criou-se um abismo entre as classes superiores e as inferiores. Os traços característicos dos pobres eram percebidos pelo modo de viver em sociedade. Os pobres nas cidades helenistas estavam rodeados pela luxúria, edifícios, praças monumentais e ginásios que eram usufruídos pelas elites romanas. Sabe-se que a sociedade romana era escravista pelo fato de pelo menos um terço da população ser de escravos (SANCHO; HAYRAUD, 2010, p. 133).

No tocante as classes superiores, pode-se partir dos critérios estipulados por Stegemann e Stegemann (2004, p. 76) que esclarece como se constituía a estratificação das sociedades antigas:

A análise da estratificação pressupõe basicamente uma desigualdade social, ou seja, os membros de uma sociedade ocupam, com base em determinados fatores, posições sociais diferentes.

Identifica-se as desigualdades entre as relações que são entre ricos e pobres. Quanto à estrutura de Lucas 14,13-14, há uma ruptura com relação a esta lógica social. A proposta lucana é bênção para aquele que ao dar uma festa “chama os pobres, estropiados, coxos e cegos” (14,13). Quem são os convidados para esta festa? São os amigos, irmãos parentes e vizinhos ricos (14,12). No período de predominância romana “os pobres não podia entrar no banquete e a porta estava fechada para eles” (SANCHO, HAYRAUD, 2010, p. 135). Todavia, esta festa representa Jesus oferecendo um banquete aos pobres na presença de Deus, pois o Reino de Deus é um banquete, é a justiça para os marginalizados de todos os sistemas opressores (STORNILO, 2017, p. 138), pois no Reino de Deus proclamado por Jesus “muitos que vêm de longe – os excluídos – entram no banquete. Ninguém fica de fora” (SANCHO, HAYRAUD, 2010, p. 135).

O Reino de Deus é representado como uma festa para aqueles que socialmente são excluídos pelos homens, seja por uma deficiência física, crônica ou até mesmo por sua condição social. Todos que estão dispostos a servir com as portas abertas. Aos mais necessitados é prometido uma recompensa na ressurreição dos justos (14,14), pois o Reino de Deus é salvação e esperança ao necessitado.

1.1.1.4 Lucas 16,19-31

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras.

No capítulo 16 de Lucas encontra-se a história do rico e Lázaro. Averigua-se aqui as condições claras do pobre (*ptochoi*), as quais são representadas por Lázaro: “E certo pobre (*ptochós*) por nome Lázaro estava

jogado (*hebébleto*) junto ao portão, coberto de úlceras (*e'ilkwmenos*) e desejando saciar-se (*xoptastenaí*) com as migalhas que caíam da mesa do rico” (Lucas 16,21). Também é descrita a forma de viver dos ricos representados por este personagem: “...se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteara com requinte” (16,19).

No desenrolar da história é descrita a cosmovisão do autor a respeito da vida pós-morte: O pobre (*ptochoí*) morreu (*hapétanen ou hapotnesko*) e foi levado embora (*hapenextenaí*) pelos anjos para o seio (*kolpon*) de Abraão, na festa do céu. Aqui, Jesus conta a parábola aos seus discípulos evidenciando a realidade do dia a dia que está relacionada por duas situações: A riqueza que caminha na via do desperdício e do luxo (16,19), enquanto de outro lado há o personagem Lázaro, que representa a realidade dos que estão na pobreza e necessitam de cuidados (16,20-21). Vê-se aqui a figura de Lázaro, o empobrecido, necessitando de cuidados (16,21a) enquanto na casa do rico, há um grande banquete em sua mesa (16,19b).

Pode-se afirmar que, devido a situação que o texto narra, temos Lázaro em um cenário que revela o desequilíbrio social neste ambiente. Quanto a isto, Casalegno (1988, p. 13) explicita a necessidade de observar as situações de desigualdade:

A precária situação dos pobres ganha o devido destaque, se se põe em relação a riqueza das categorias abastadas. O contraste que Lucas [...] estabelece entre as classes que estão nos extremos da pirâmide social [...] pode ser significativo se referido à situação histórica do tempo de Jesus, na qual existem desequilíbrios econômicos muito grandes.

A frequência em acumular riquezas é palco deste ambiente. O que favorece as discrepâncias entre a classe alta e a baixa. No caso específico de Lázaro, a sua situação era tão miserável que desejava saciar-se do que caía da mesa do rico, e sua única forma de amenizar suas úlceras era quando os cães as lambiam (16,21). Há uma similaridade do sofrimento de Lázaro com o que Jesus diz em (6,21a) “Felizes vós, que agora tendes fome...”. A realidade da pobreza encontrava-se na ausência de cuidados e necessidades básicas. A situação dos que estavam nessa posição era o desprezo total e a

desumanização (15,16), a única esperança dessas pessoas estava na promessa de que: “porque haveis de rir (6,21b).

Lázaro, após a sua morte, encontra consolo e paz (16,25), enquanto, o rico, passa por tormentos e roga por piedade (16,23-24), neste contexto, cumpre-se os ensinamentos de Jesus: “tereis fome...” e “conhecereis o luto e as lágrimas!” (6,25). Os personagens Lázaro e o rico são demonstrações de como ocorria as relações sociais e seus tipos de representações⁹ no ambiente lucano. Há, portanto, a proposta para aqueles que estão na miséria a promessa do Reino do consolo, fator que agora, os ricos, já tendes (6,24). Desse modo, ocorre um paralelo com este termo *paraklêsis* que significa consolação, o mesmo é utilizado após a morte de Lázaro: “agora, porém, ele encontra aqui consolo” (16,25). Com a parábola, o autor lucano informa sobre o perigo das riquezas, alertando que aqueles que esbanjam sem se preocupar com o próximo obterá o fracasso e tormento para toda a eternidade. Lázaro, após morrer, encontra-se no seio de Abraão¹⁰ (16,23). Após passarem para a mansão dos mortos, o rico em tormentos, exclama por piedade, diferente de Lázaro que desfruta do consolo, misericórdia e cuidados. Entre os dois personagens existe um abismo (16,26).

Diante das considerações de Pimentel (2003, p. 91) expõem-se a descrição de dois polos dentro da narrativa:

El Hades en donde está ahora el rico, presentado como lugar de tormentos y lugar de llamas que queman la piel; y la otra parte, que no es definida en el texto, pero que claramente que el que fue antes un rico insensible, que, com su conducta, impuso una distancia entre él y el pobre, ahora alza los ojos y ve, de lejos, a Abraham y a Lázaro en su seno.

Assim, tem-se o rico representando uma pessoa insensível a dor do outro, neste caso, Lázaro. O texto apresenta dois sistemas: o terreno, na qual Lázaro padece e carece de cuidados (16, 20-21) e o rico esbanja roupas de linho fino e baqueteia (16,19). O segundo sistema é metafísico representado pela mansão dos mortos e o seio de Abraão (16,23).

⁹ Para maiores detalhes sobre os tipos de representações sociais na descrição sobre doenças, ver Richter Reimer (2008, p. 43-80).

¹⁰ Acerca de iconografia cristã sobre o inferno, ver em Pincinato (2015, p. 1-11).

Para Pimentel (2003, p. 95) o autor lucano tem como prioridade alertar os discípulos de Jesus sobre a temática da pobreza e riqueza. Tal advertência tem a ver com a postura dos fariseus e saduceus diante do povo pobre, quanto as diversas formas de compreensão a respeito da riqueza e pobreza entre os discípulos e os fariseus depois da destruição do templo. Neste sentido, o objetivo da parábola é a denúncia da avareza que é o resultado das riquezas para uns e o empobrecimento para outros. A figura simbólica do abismo representa aqui a urgência de conversão daqueles que se encontram nas riquezas. Ainda convém lembrar que no discurso do Sermão da Planície são proclamadas palavras de alertas aos que estão na riqueza, pois diferente de Lázaro, o rico assemelha-se a figura predita por Jesus: “agora estais saciados [...] agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas” (6,25). Após passar para a mansão dos mortos, o rico atormentado clamar por piedade (16,23).

Sendo assim, levando em conta o que foi observado, a intenção do autor lucano é alertar a insensibilidade dos ricos para com os pobres, e expor o perigo das riquezas que causam a ‘cegueira’, mesmo diante dos sinais, curas e exorcismos praticados por Jesus. Em Lucas 16,23, como exemplo, o rico está no sofrimento na mansão dos mortos e impossibilitado de avisar os seus. O desfecho da parábola ensina sobre a insensibilidade dos ricos e seu desperdício, a despeito do cuidado com o próximo.

1.1.1.5 Lucas 18, 22-23

Ouvindo, Jesus disse-lhe: ‘Uma coisa ainda te falta. Vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me’. Ele, porém, ouvindo isso ficou cheio de tristeza, pois era muito rico.

O capítulo 18, 22, apresenta o discurso do jovem rico que quer a vida (*zoe*) eterna (*a'ionion*). Jesus o aconselha e diz: “[...] todas as coisas que tens, vende e distribui aos pobres (*ptochoi*) e terás tesouro nos céus (*tesauron*)”. Pode-se afirmar que em razão da *práxis* apregoada Jesus, nota-se característica marcada por palavras que evocam “um radicalismo ético, que se evidencia de maneira clara à renúncia à moradia, família e propriedade” (THEISSEN, 1985, p. 39). Na própria margem do lago Genesaré, o autor lucano evidencia o critério para o discípulo de Jesus deixar tudo e o segui-lo

(5,11), como também no chamado de Levi que levantou, deixou tudo e o seguiu (5,28). Em outra conversa entre Jesus e as multidões sobre a renúncia a todos os bens disse: “qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (14,33).

Para Calderón (2004, p. 48) a dificuldade do Jovem rico está por ser amante de seus bens. Dessa forma, tem dificuldade de abandonar suas riquezas para o mestre. Jesus então faz uma declaração: “Como é difícil aos que têm riquezas entrar no Reino de Deus” (18,24). Nessa perspectiva é possível notar o grande obstáculo que os ricos enfrentarão, no tocante as riquezas, pois o amor aos bens e conforto é bem maior, o que impossibilita entrarem no Reino de Deus.

Segundo Brown (2012, p. 359) o objetivo de Jesus era alcançar as pessoas que estavam perdidas. Ao ver a vontade do jovem rico em herdar o Reino de Deus, Jesus fez o convite, mas ao perceber o seu amor pelas riquezas, apresentou uma instrução do Reino de Deus que mostra a necessidade do abrir mão dos bens, vendê-los e distribuí-los aos pobres. Jesus provoca o jovem rico a assumir o desafio de ir mais fundo, mesmo sendo um observador dos mandamentos, não apenas com a intenção de ser perfeito, mas também de ser tolerante e abandonar tudo para segui-lo. Esse trajeto, Marconcini (2012, p. 165) apresenta como um convite para retirar “a máscara dos falsos valores representados especialmente pelas riquezas [...] a fim de imprimir um novo dinamismo à vida cristã individual e comunitária”. Ao ouvir a proposta estipulada por Jesus, o Jovem rico ficou cheio de tristeza, pois era muito rico (18,23), e não conseguia cumprir o pedido de Jesus.

Em vista dos argumentos apresentados pelos autores vale dizer que o Evangelho de Lucas propõe aos ricos a adesão da prática da partilha de seus bens aos pobres e do abandono do amor às riquezas. Todavia, o jovem rico não conseguiu abandonar suas riquezas porque as amava muito. Ora, a adesão ao Reino de Deus possibilitava uma nova perspectiva em relação as pessoas que careciam de ajuda, por isso todos os que se encontravam nas riquezas eram convidados as abandonarem, pois estavam em oposição a Deus. Pode-se concluir, que houve uma grande dificuldade no cuidado de pessoas empobrecidas, o que privou a entrada dos ricos no Reino de Deus.

1.1.1.6 Lucas 19,8-9

Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quadruplo’. Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa[...].”

A narrativa abrange a história de Zaqueu, um homem rico e chefe dos publicanos (19,1) que procurava conhecer Jesus (19,4). Após este encontro, Zaqueu tem um comportamento peculiar para a época: “de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres’” (19,8).

Os publicanos eram os arrendatários romanos de impostos (*publicani*), conforme Stegemann e Stegemann (2004, p. 140-141), e também responsáveis por recolher diversos tributos, impostos e taxas alfandegárias terrestres e portuárias. Os arrendatários corriam todo o risco caso não conseguissem recolher os tributos devidos; eles ficavam com o lucro quando arrecadavam mais do que estava prescrito. À vista dessas arrecadações não se sabe ao certo “se o tributo para os romanos ainda se somava aos tributos que Herodes recolhia para si mesmo ou se estava incluído nestes, ou seja, era pago apenas indiretamente” (STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 142). Cooperando com esta premissa, Wegner (2006, p. 114) apresenta a naturalidade entre o Estado e César na questão da arrecadação. O Estado tinha o direito de arrecadar tributos e entregá-los a César. Além disso, acrescenta em uma citação de Dunn:

A naturalidade com que o dinheiro arrecadado pelos tributos é pressuposto como realmente pertence a César (‘O pagamento do imposto é uma obrigação legítima dentro do complexo de relacionamentos humanos.

Portanto, todas as arrecadações eram formas favoráveis de pagamento que beneficiava Roma e também os seus funcionários. Dentro dessa perspectiva, nas palavras de Stambaugh e Balch (1996, p. 57), as elites sociais tinham como foco a ostentação e exibição de consumo, de maneira que para manter esse tipo de vida requeria muitos bens, dinheiro e recursos para explorar. Além da exploração, adquiriam as terras de vizinhos devedores, como também os espólios obtidos em guerra. Zaqueu é um dos personagens “que paga por sua fonte não-tradicional de riquezas aceitando *status* social inferior”

(STAMBAUGH; BACH, 1996, p. 57). Sendo assim, publicanos que são funcionários de Roma, que recolhiam os tributos e taxas, aproveitavam-se dos devedores para usufruírem de suas propriedades e bens em benefício próprio. Retornando afirmativa de Zaqueu: “Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo” (Lucas 19,8), surge a pergunta: O que o autor lucano quer nos indicar através da fala de Zaqueu? Para compreender o texto sobre Zaqueu em Lucas é preciso entender um pouco da dinâmica dos tempos de graças.

A contar dos enfoques sociais e históricos no mundo bíblico sobre os tempos de graças, Richter Reimer (2006b, p. 135) refere que os tempos de graças é uma ação fundamentada em uma perspectiva profética e apocalíptica, e apresenta o Jubileu como um recomeço com dignidade e regozijo, frente as situações caóticas que propõe desesperança e exclusão. Alicerçado nos tempos de graças, o Jubileu é o desmascaramento e denúncia de mecanismos de endividamento que fomentavam nas pessoas culpa, medo, situações de pecado, e processos de marginalizações e exclusões. O Jubileu é um rompimento às estruturas opressivas e ela evoca a liberdade, o perdão, e anuncia a esperança a todas as mulheres, crianças e homens. O Jubileu também tem como função o resgate da vida, conforme apresentado por Reimer e Richter Reimer (1999, p. 152):

Na dinâmica do jubileu está, pois, o resgate, sobretudo o resgate de uma situação e condição de vida em justiça para toda a criação, em especial para os elos mais frágeis. Esse resgate passa necessariamente pela dinâmica do movimento, ou melhor, de *movimentos* de mulheres, homens e crianças para ‘cobrar’ o perdão de dívidas injustas indevidamente impostas, mas também, ‘cobrar’ as *dívidas sociais* devidamente devidas. Homens e mulheres podem e devem resgatar os direitos que lhes são devidos. E aí os campos de luta são muitos e diversos: educação, desemprego, moradia, terra para produzir, saúde, lazer, transporte digno, etc.

Tendo como suporte a citação anterior, percebe-se que a ruptura da estrutura de dominação, que gerava endividamento nas pessoas, era imposta pela presença de Jesus, que proclamava o ano do Jubileu. Em sua *práxis* ele ensina sobre os novos tempos de graças e estimula as práticas quanto ao Jubileu divino, que tratava da necessidade do perdão das dívidas para viver (RICHTER REIMER, 2006b, p. 137). Dessa forma, é possível fazer um paralelo

com o ensino de Jesus acerca da oração, onde é ensinado por ele na quinta petição: “perdoa-nos os pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores” (Lc 11,4). As palavras de Jesus anunciam que o perdão está na mesma dimensão: perdão e dívidas.

Em Calderón (2004, p. 48-49) tem-se a menção da narrativa anterior do Jovem rico, que possuía bastante bens. Zaqueu também possui e seu interesse está em conhecer Jesus pessoalmente. Diferentemente do Jovem rico, Zaqueu está disposto a abandonar suas riquezas e partilhar com os pobres. A partir da proclamação do Reino de Deus, o ano de graça do Senhor chega aos pobres (Lc 6,20). É possível ver que nessas duas histórias o perdão das dívidas tem origem na raiz econômica. Na história do publicano Zaqueu, que extorquia as pessoas através da cobrança de impostos, quando encontrou com Jesus, ele se levanta e diz: “Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo” (Lc 19,8). Jesus diz: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9). A adesão de Zaqueu a proposta de Jesus foi o sinal de que “a salvação entrou em sua casa”. Esta é a ação imediata do Reino de Deus: a transformação da situação socioeconômica do pobre e o desapego dos ricos às riquezas.

Na missão de Jesus, que era o de evangelizar os pobres (Lucas 4,18), acontece a transformação da realidade dos *penes* e *ptochós*. A liberdade, o restabelecimento da saúde e a restituição da paz, são os sinais da presença do ano da graça. Pode-se perceber que o “ano de graça do Senhor” tem a característica de um tempo de paz e alegria, representado pela anunciação de esperança e prodígios àqueles que estão em situações de vulnerabilidades (RICHTER REIMER, 1999, p. 122-136). Toda a estrutura que comporta a missão de Jesus perpassa este dinamismo: o anúncio de esperança contra toda e qualquer possibilidade de exclusão de crianças, mulheres e homens. O ano da graça de Deus desmascara o sistema de dominação, traz perdão as pessoas endividadas e resgata a dignidade dos seres humanos que viviam em grande opressão e miséria (RICHTER REIMER, 1999, p. 123).

Portanto, diante dos aspectos apresentados, observou-se que Lucas quer mostrar aos membros ricos que o verdadeiro comportamento diante das riquezas é a adesão da partilha aos que estão na pobreza literalmente. Este sinal, o ano da graça do Senhor, é a prova de que o desmascaramento do

sistema opressivo chegou ao fim, pois aos pobres é apregoado o Evangelho da salvação.

1.1.1.7 Lucas 21,3-4

E disse: 'De fato, eu vos digo que esta pobre viúva lançou mais do que todos, pois todos aqueles deram do que lhes sobrava para as ofertas; esta, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver.

Na narrativa que fala sobre a viúva pobre, Brown (2012, p. 362) apresenta os doutores da lei, que diferente dela, devoram as casas das viúvas, fato que recebe um destaque especial na obra lucana. A atitude daquela, em oposição ao comportamento dos ricos exibicionistas, mostra-se um exemplo do verdadeiro discípulo de Jesus, onde oferece tudo que tem em favor do cuidado de pessoas.

Calderón (2004, p. 49) faz uma distinção na postura da viúva pobre em relação a postura dos ricos, que se exibiam. A viúva pobre, que deu tudo que tinha, tem uma atitude que é aprovada pelo o Reino de Deus. Vale lembrar que diante de sua atitude de diaconia, a viúva é louvada por Jesus. Os doutores da lei deveriam ser os primeiros a cuidarem dos outros, mas contrapunham a fraternidade e por ganância não cuidavam dos mais necessitados, e ainda extorquiam as casas das viúvas (20,47). O comportamento da viúva pobre é o sinal do verdadeiro seguimento: o oferecimento de tudo que possui para viver (21, 4).

Em virtudes de todas as passagens trabalhadas aqui no Evangelho de Lucas, percebe-se que a pobreza é representada por diversos aspectos em sua dimensão socioeconômica, política cultural e religiosa. Todos estes pobres são pobres no sentido literal da palavra: *penes* e *ptochós*. Eles recebem de bom grado a mensagem do Reino de Deus. Diferentemente, os ricos são amantes de suas próprias riquezas e tem dificuldade de aderir a proposta de vender os bens e dar aos pobres.

Outro fator característico dos que estão nas riquezas é a exploração, a opressão e o desdenho em relação ao cuidado para com as pessoas em situações reais de pobreza. Esbanjam, ostentam e estão cegos pelo *glamour*

proporcionado por suas economias. Os ricos poderão participar do Reino de Deus caso abandonem o amor à riqueza em favor da venda de seus bens e a fraternidade para com os pobres.

Os pobres no Evangelho de Lucas são pessoas que estão na extrema pobreza e carecem de recursos econômicos, podendo ser considerados pobres em sentido literal. Verifica-se também que Lucas os apresenta em sentido espiritual, por aguardarem com fé a mensagem do Reino de Deus. Em função disso são beneficiados com as boas novas propagadas por Jesus.

Nota-se que os ricos não são adeptos a mensagem de Jesus por serem amantes de suas próprias riquezas, o que dificulta a entrada no Reino. Diferentemente da maioria dos ricos, Zaqueu é o exemplo de personagem que decide vender a metade de seus bens para dar aos pobres. Em virtude disso, é possível perceber que a adesão do Reino perpassar a via daqueles que ouvem e praticam as palavras de Jesus.

A situação cotidiana na comunidade lucana era marcada por diversas situações de pobreza, motivo que levou o autor a mencionar sete vezes o termo *ptochós*, razão pela qual será examinada, em outros textos do Novo Testamento, e assim identificarmos se existe essa grande diferença quantitativa nos outros Evangelhos.

1.1.2 *Ptochós* no Evangelho de Marcos

No Evangelho de Marcos o termo *ptochós* aparece cinco vezes. Destaca-se aqui apenas os seguintes textos: o episódio entre Jesus e o jovem rico (10,21), a viúva pobre ofertando dois óbolos no Tesouro do Templo (12,42) e por último, a mulher ungindo Jesus em Betânia (14,5-7). Não se fará nenhuma exegese dos textos aqui, pois o propósito encontra-se apenas nas aparições.

1.1.2.1 Marcos 10,21

Fitando-o, Jesus o amou e disse: 'Uma coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me. Ele, porém, contristado com essa palavra saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.

Neste versículo, o autor marcano apresenta a ética radical do Reino. Essa nova jornada de vida propagada por Jesus, indica um rompimento de algumas estruturas convencionais sociais. Três posturas basilares, para o seguimento étnico radical do Reino, receberão destaque.

Nas palavras de Theissen (1989, p. 18-20) a parte integral para a formação do discipulado de Jesus, se constrói na trajetória de uma “vida sem pátria”, na qual os discípulos precisam largar suas casas e terras em favor deste chamamento. Esse modo de viver de forma peregrina é considerado como o “modo de vida do Senhor”, o profeta itinerante. Sendo obrigatório aos seus seguidores. A segunda regra radical encontra-se na “renúncia à família”. Diante dessa característica o discípulo quebra os laços familiares (Mc 10,29), como também, deixa de lado os deveres de casa e abandona o serviço em pleno trabalho (Mc 1,20). Caminhando para a terceira parte integrante da ética radical do Reino, era fundamental a “renúncia à propriedade”. Jesus comumente crítica o apego às riquezas e as propriedades.

Todos e todas aquelas que decidiram seguir Jesus, precisaram abandonar as riquezas e as propriedades para dar aos pobres. Temos como um exemplo concreto a narrativa do Jovem rico que não abandonou a prática de acúmulo das riquezas para seguir Jesus, que pede para ele vender os bens e dar aos pobres (*ptochós*), com a promessa de que ele terá um tesouro nos céus (10,21). Aqui, percebe-se que a intenção de Marcos é apontar a dificuldade dos ricos em abandonarem as suas riquezas.

Jesus retoma a ética sobre a entrada do Reino. Neste episódio entre Jesus e o jovem rico, Brown (2012, p. 223) apresenta um Jesus diferente de Lucas que de forma sutil olha com amor e ouve o jovem dizer que tinha observado os mandamentos. Então, “Jesus amavelmente pede-lhe que venda seus bens e dê o montante aos pobres”. Brown afirma que o interesse de Jesus era pedir o que para aquela época seria algo absurdo: a venda dos bens para dar aos pobres. Analisando o uso de tal narrativa, Richter Reimer (2012, p. 163) demonstra que o radicalismo de Jesus abrange a lógica: “vender tudo é abrir mão da ganância e do acúmulo, e a partilha é sinal da disposição de segui-lo em seu caminho itinerante e de cruz”.

Levando em consideração esses aspectos, é possível afirmar que lógica do seguimento de Jesus enquadra-se no abandono do acúmulo de riquezas e não somente na venda de bens, mas também na partilha aos pobres.

1.1.2.2 Marcos 12,41-42

E, sentado frente ao Tesouro do Templo, observava como a multidão lançava pequenas moedas no Tesouro, e muitos ricos lançavam muitas moedas. Vindo uma pobre viúva lançou duas moedinhas, isto é, um quadrante.

Nesta passagem percebe-se que o autor marcano apresenta a questão sobre a ganância dos escribas e a oferta voluntária da viúva pobre (12,38-44). Não obstante a narrativa do Jovem rico, que possuía muitas riquezas e teve dificuldade de vender e dar aos pobres, temos uma outra narrativa que coloca uma mulher pobre como personagem principal. Esta mulher oferta tudo o que tem – todo o seu sustento (12,44) – para a casa do Tesouro, enquanto os homens ricos ofertam aquilo que sobrava (12,41-44).

Para Richter Reimer (2012, p. 184) o que Jesus enfatiza neste trecho está na composição do modo de viver dos escribas que são gananciosos e buscavam seus privilégios, também às custas das viúvas daquele período. Afirma ainda, que a imagem linguística que recebe destaque no texto: “devorar casas” (12,39), descortina a situação dos doutores da lei, em um texto de AscMos 7,3-10, traduzido pela autora e extraído de Gnilka: “Eles (piedosos exagerados) devoram os bens dos pobres, e afirmam que o fazem apenas por causa da justiça; na verdade, eles corrompem a justiça” (RICHTER REIMER, 2012, p. 184).

Diante disto, pode-se considerar o realce do autor marcano na ação da viúva pobre que demonstra sua fidelidade e diaconia frente a sua realidade dificultosa (12,41-44). Marcos apresenta Jesus olhando atentamente para o local de arrecadação. De acordo com Richter Reimer (2012, p. 184) no Templo havia treze gazofilácios (locais para depósito), cada qual tinha um destino específico, entre eles as ofertas voluntárias do povo que entrava no Templo. Jesus louva o comportamento da viúva pobre (*ptoché*) que oferta tudo o que

tem (12,42), diferentemente de outros que possuíam muitas riquezas e ofertavam o que restavam (12,41). Novamente, é ressaltado o apego dos ricos com as riquezas (12,44a) e os que estão na pobreza, demonstram serem fiéis a Deus (12,44b).

Levando em conta o que foi analisado nesta narrativa tem-se a propagação da nova ética do Reino que visa a vida sem pátria, a renúncia à família e à propriedade como forma de adesão ao seguimento. Também como ação imediata do Reino Jesus proclama a destruição do templo (Mc 13, 1-31), fato que marca uma nova construção da perspectiva.

É possível observar que Marcos, no episódio da viúva pobre, não enfatiza a quantidade da oferta oferecida, mas a lição extraída de tal ação, contribui com tudo o que tinha a serviço do Reino aos pobres. O seu gesto de fraternidade e amor para com o próximo é louvado por Jesus frente aos seus discípulos, mostrando que a verdadeira ação deve ser a rejeição da ganância em favor da ajuda do outro. Esta é a missão de quem vive a lógica do Reino de Deus.

1.1.2.3 Marcos 14,4-7

Alguns dentre os presentes indignavam-se entre si: 'Para que esse desperdício de perfume? Pois poderia ser vendido esse perfume por mais trezentos denários e distribuídos aos pobres. E a repreendiam. Mas Jesus disse: 'Deixai-a. Por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação para comigo. Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes o bem, mas a mim nem sempre tereis.

Neste capítulo tem-se a narrativa em Betânia, local onde Jesus estava na casa de Simão, o leproso (14,3). Em dado momento, Lucas exhibe a presença de uma mulher, a qual trazia em suas mãos um frasco de alabastro cheio de perfume que era caríssimo; tendo quebrado, derramou-o sobre a cabeça de Jesus (14,3). Este ato indignou os presentes que questionaram a postura daquela mulher, afirmando entre si: "Para que esse desperdício de perfume? Poderia ser vendido por mais trezentos denários e distribuído aos pobres" (14,5).

Em Lucas confirma-se a história da viúva com característica sinótica dos Evangelhos com histórias semelhantes em perspectivas diferentes. Para

Malzoni (1998, p. 101) o relato na concepção do autor lucano, mostra a narrativa em um contexto que difere de Marcos, Mateus e João. O que é comum entre os três, é que eles orientam suas narrativas para a paixão de Jesus, na qual tem proximidade da páscoa. Também mencionam a traição de Judas e a decisão das autoridades de matar Jesus. Dessa forma, Malzoni considera que os acontecimentos em Betânia estão ligados aos fatos que antecederam a morte de Jesus. Percebe-se a mesma premissa da unção nas vésperas da páscoa nas palavras de Brown (2012, p. 227). A unção de Jesus em Marcos, está imprensada entre o tempo intermediário que visa apresentar as autoridades que buscam prender Jesus e o ato executado por Judas de entregá-lo a eles. Por essa razão o acontecimento da unção é o indicativo de que os planos de Jesus será bem sucedido.

Portanto, a narrativa foca no preparo de Jesus antes do seu trajeto à cruz e a morte. Partindo para outra premissa apresentada por este texto, vemos nas palavras de Richter Reimer um destaque importante na narrativa em Marcos: “A unção é ritual-sacerdotal e ‘prepara para a sepultura’, anunciando a função histórico-salvífica de Jesus como Messias-rei, já proclamado” (RICHTER REIMER, 2012, p. 193). Desse modo o comportamento representado pela ação da mulher em ungir Jesus é o motivo do desconforto causado nos discípulos.

O foco dos discípulos não estava na unção de Jesus, mas no desconforto que se encontrava no desperdício do perfume que poderia ser vendido por mais de trezentos denários e distribuídos aos pobres (14,5). Ora, são os mesmos discípulos que pedem a Jesus que despedir a multidão de pobres que estavam famintos (6,34-36). Também foram estes que solicitaram a Jesus: “concede-nos, na tua glória, sentarmo-nos, à tua direita, outro à tua esquerda” (10,35-37). Nota-se a princípio, a abordagem entre riqueza e pobreza, como trabalhado nos dois textos anteriores. Novamente, há a menção àqueles amantes da riqueza. Marcos continua a apresentar a verdadeira ação que o discípulo e a discípula devem tomar diante da missão do Reino de Deus. Temos, agora, uma personagem, cujo nome não é revelado, mas sua atitude é fundamental para a trajetória com a qual Jesus passará logo mais à frente.

Dado o exposto, vê-se que o comportamento daquela mulher representa a verdadeira postura que os discípulos e discípulas de Jesus

precisam tomar, pois o importante não é a especiaria “desperdiçada”, mas o coração disposto no serviço do Reino de Deus.

Pelos aspectos apresentados nos três textos do Evangelho de Marcos, é possível perceber a ênfase na postura das pessoas empobrecidas que eram fiéis ao serviço/diaconia e a fraternidade para com as pessoas necessitadas, diferentemente daqueles que estavam com o coração voltado para a ganância e o acúmulo de riquezas. De fato, estes teriam grandes dificuldades para a entrada na ótica do Reino de Deus apresentado pelo autor marcano. Por meio da ética radical de Jesus, a proposta é cuidar de pessoas e abandonar as riquezas em favor dos menos favorecidos.

1.1.3 *Ptochós* no Evangelho de Mateus

No Evangelho de Mateus o termo *ptochós* aparece em cinco momentos: 5,3; 11,5; 19,8; 26,9; 26,11. A partir dessas passagens serão observadas a presença do termo *ptochós*, em comparação os textos já abordados.

1.1.3.1 Mateus 5,3

Felizes os pobres (*ptochós*) no espírito porque deles é o Reino dos Céus.

De acordo com o Evangelho de Mateus, no discurso inaugural de Jesus no Sermão do Monte, tem-se a presença do termo *ptochói*. A partir das perspectivas de Brown, pode-se compreender que a característica da comunidade mateana “comporta pessoas que não são materialmente pobres ou famintas, e o evangelista quer que elas saibam que existe algo mais de Jesus para elas também desde que tenham atitudes sintonizadas com o reino” (BROWN, 2012, p. 270). Cooperando com a mesma premissa, Richter Reimer (1992, p. 65) faz algumas considerações sobre a expressão “pobres em espírito” na perspectiva mateana:

Essa expressão é entendida geralmente como uma metáfora e caracterização de uma qualidade da pessoa diante de Deus: a pobreza real serviria apenas como imagem para uma ‘pobreza’

espiritual [...] na expressão 'pobres no espírito', caracteriza uma situação de necessidade e de sofrimento abrangentes, e não um comportamento que deva ser avaliado como positivo.

Vale considerar que a partir das percepções apresentadas anteriormente, o autor do Evangelho de Mateus direciona as palavras de Jesus para uma comunidade que não estava em uma pobreza literal como na comunidade de Lucas, mas era essencial a obtenção da postura segundo a lógica do Reino dos Céus. Sendo assim, no texto em voga são apresentadas as características de pobres no sentido espiritual.

Para Brown (2012, p. 269-270) essa é uma das passagens tipicamente mateanas, porque sua ênfase perpassa o ensinamento ético-religioso. Jesus no Sermão do Monte assume o papel de mestre de moralidade, fazendo um paralelo entre Moisés e o Jesus de Mateus. Juntamente aos dez mandamentos são apregoadas oito felicitações que representam a expressão sucinta da ética que Jesus prioriza em seu ensinamento.

Assim, Jesus em seu ensinamento foca na ética e moral que precisam ser sintonizadas a partir de agora com a ótica do Reino. Assumindo a postura de um legislador, Jesus constrói uma nova compreensão dos valores cristãos, de modo a não descartar a Lei, mas apregoar “uma observância mais profunda que alcança a razão” (BROWN, 2012, p. 270).

Portanto, diferente de Lucas, o autor mateano usa o termo 'pobreza' para a sua comunidade no sentido espiritual e não literal, mas precisa agora estar alinhada à nova ética do Reino dos Céus. Para isso, Jesus assume a postura de legislador apresentando os novos valores e observação profunda que ultrapassa a razão terrena.

1.1.3.2 Mateus 11,3-5

‘És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?’ Jesus respondeu-lhes: Ide contar a João o que ouvis e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados.

Tem-se novamente a presença da expressão *ptochós*, quando os discípulos de João perguntam para Jesus se ele era o prometido, Jesus

respondeu: “os cegos recuperam a vista, os coxos andam [...] e os pobres” (*ptochós*) “são evangelizados...” (11,4).

Há aqui um texto que já foi trabalhado em Lucas. Percebe-se a ênfase do autor mateano em apresentar Jesus como messias. Para Brown (2012, p. 276) Mateus introduz, no episódio entre Jesus e João Batista, o interesse de João diante dos rumores das ações messiânicas de Jesus e questiona se ele é o messias. Brown apresenta seis explicações que confirmam a identidade messiânica profetizado por Isaías.

Sendo assim, diferente da narrativa lucana, o Evangelho de Mateus apresenta a pessoa de Jesus que vem como o messias prometido que libertará os pobres.

1.1.3.3 Mateus 19,21

Jesus respondeu: ‘Estes: Não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Disse-lhe então o moço: ‘Tudo isso tenho guardado. Que me falta ainda? Jesus respondeu: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me’.

Nessa narrativa tem-se um diálogo entre Jesus e o moço rico que quer ter a vida eterna (19,16), mas por possuir muitas riquezas, saiu pesaroso da conversa (19,22).

Lucas trabalha a mesma narrativa chamando o personagem de Jovem rico. É possível ver que em Mateus, como demonstrado por Brown (2012, p. 289), Jesus acrescenta a exigência de amar o próximo como a si mesmo e afirma que “ninguém está apto enquanto não sacrificar todas as suas posses”. A partir dessa afirmativa, vê-se que nessa passagem o autor lucano está de acordo com Mateus no sentido central da mensagem que é: os ricos precisam sacrificar suas posses. Sendo que Lucas é mais enfático dizendo que os ricos não só devem vender suas posses como devem dar aos pobres.

Em suma, a ênfase da mensagem quanto ao apego às riquezas, impossibilita a entrada no Reino dos Céus. Jesus de forma radical solicita aos ricos o sacrifício das posses em favor de sua mensagem.

1.1.3.4 Mateus 26,9

Ao verem isso, os discípulos ficaram indignados e diziam: 'A troco do que esse desperdício? Pois isso poderia ser vendido bem caro e distribuído aos pobres'.

Novamente faz-se aqui a narrativa sobre a unção de Jesus em Betânia conforme já trabalhado no Evangelho de Lucas. Usufruindo das considerações de Malzoni (1998, p. 99) o Evangelho de João narra a história semelhantemente à de Mateus e Marcos, a qual salienta pontos comuns, todavia com uma variedade de detalhes.

Dessa forma percebe-se que a unção de Jesus em Betânia precede aos acontecimentos na páscoa que o caminhará ao cumprimento de sua paixão. O que João difere de Mateus, Marcos e Lucas é o tempo verbal como apresentado "para o dia do meu sepultamento" (MALZONI, 1998, p. 100).

Pode-se considerar que Mateus utiliza o termo *ptochói* para apresentar pessoas que são pobres pelo espírito e não no sentido literal. O próprio autor mateano apresenta Jesus como reformulador da antiga forma de observação da Lei. Essa nova postura propõe aos seus seguidores um alinhamento de práticas com o Reino. Isto é, sendo o sal e a luz para as pessoas. Outro ponto comum com Lucas é a postura dos ricos frente às riquezas, fator que dificulta a adesão do Reino dos Céus. Em Mateus, Jesus é apresentado como o messias que foi proclamado pelo profeta Isaías que evangelizava os pobres.

1.1.4 *Ptochós* no Evangelho de João

No Evangelho de João, o termo *ptochós* aparece em duas passagens: 12,5-6; 13,29. No trecho de João 12,5-6, encontra-se o termo sendo apregoado no questionamento de Judas Iscariotes em relação à atitude de Maria em ungir Jesus:

1.1.4.1 João 12,5-6

Disse, então, Judas Iscariotes, um de seus discípulos, aquele que o entregaria: 'Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários para dá-los aos pobres? Ele disse isso, não porque se

preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto.

Para Bortolini (2018, p. 120) o motivo de Judas Iscariotes reclamar de tal “desperdício”, encontra-se na real situação que o autor de João o nomeou: ladrão. Desse modo, o seu objetivo era a ganância, aumentar o seu patrimônio, e de nenhuma forma teria aderido ao espírito da partilha em comunidade, por isso extraviava aquilo que, por direito, fazia parte de todos. Em oposição ao comportamento de Judas, Maria demonstra amor através de sua atitude em chorar e ungir com um perfume muito caro os pés de Jesus, e logo após, enxugá-los com seus cabelos (12,3).

Observando o texto apresentado pelo autor do Evangelho, Fabris e Maggioni, (2006, p. 397) fazem um breve comentário a respeito da ação de Maria:

O gesto da mulher talvez quis ser uma proclamação messiânica, uma consagração régia [...] a atenção de Jo vai à morte de Jesus. Isto é explicado [...] é uma prefiguração da sepultura. Jesus é o rei messiânico, mas encaminhado para a morte.

Pode-se afirmar que Judas diferente de Maria tinha um coração voltado para a ganância e o acúmulo de riquezas. Maria através de sua ação para com Jesus, protagoniza a unção messiânica antes de Jesus partir para o caminho que será prefigurado até a sepultura. Questão já trabalhada em Mateus, Marcos e agora em João. Não é diferente em João. O entendimento do autor a respeito da unção de Jesus em Betânia perpassa a mesma compreensão que precede aproximação da páscoa, como já apresentado nos outros Evangelhos.

Portanto, a realidade que se compreende é que não apenas se deve amar e ter gestos de honrar aos outros, também é preciso enxergar o perigo na falta de fé e ganância que estimula a busca de interesses próprios.

1.1.4.2 João 13,29

‘Como era Judas quem guardava a bolsa comum, alguns pensavam que Jesus lhe dissera: ‘Compra o necessário para a festa’, ou que desse algo aos pobres.

Esta narrativa marca o episódio da traição de Judas em relação a Jesus. O texto inicia com Jesus declarando que um dos discípulos o entregaria (13,21). Pedro pergunta: “quem é aquele de quem fala?” (13,24) e Jesus responde: “É aquele a quem eu der o pão que umedecerá no molho” (13,24), e logo Judas Iscariotes toma o pão umedecido (13,26). Os discípulos não compreenderam o que tinha acontecido, pois Judas após ter pegado o pão umedecido saiu (13,30) e nenhum dos que estavam a mesa compreendeu, pois pensaram que Jesus lhe dissera para que comprasse o necessário para a festa ou que desse algo aos pobres (13,29).

Na compreensão de Bortolini (2018, p. 131), desde o episódio em Betânia, Judas se apresenta como uma figura que não abre mão de seus próprios interesses, como também não deseja fazer a partilha com outras pessoas. Dessa maneira, pode ser considerado como um personagem que não dispõe sua vida em serviço do Reino como Jesus fez.

Fazendo uso dessas considerações, pode-se afirmar que o interesse de Judas Iscariotes estava apenas na ganância e acúmulo de mais bens. O convite de Jesus sempre se deu a partir da partilha e fraternidade para com outras pessoas (13,29). Essa é a tarefa da discípula e discípulo do Reino: o serviço e o amor para com os necessitados.

Portanto, no Evangelho de João a verdadeira postura que o discípulo e a discípula devem ter é de partilhar seus bens e cuidar dos mais necessitados. João apresenta como exemplo, a unção que a mulher em Betânia fez em Jesus. Representando para os leitores o verdadeiro serviço demonstrado em sinal de cuidado para com Jesus. Vê-se também, em oposição, a escolha de Judas que pode representar aqueles que não aderem ao serviço. A ganância e o acúmulo de bens e riquezas fazem com que as pessoas sejam escravos do dinheiro deixando de lado o cuidado e a fraternidade.

1.1.5 *Ptochós* em Atos dos Apóstolos

Em Atos dos Apóstolos, considerado como a segunda obra de Lucas, percebe-se, com base na concordância grega, que nesta obra não é utilizado o termo *ptochói*. Ao invés disso, em At 4,34, por exemplo, utiliza-se o termo

endeís que significa: necessitado, sendo uma interpretação que Atos faz de Deuteronômio 15,4.

1.1.6 *Ptochós* nas Cartas Autênticas de Paulo

Nas cartas paulinas autênticas observa-se o emprego do termo *ptochós* em três ocasiões, a saber: Rm 15,26; 2Co 6,9-10; Gl 2,10.

1.1.6.1 Romanos 15,26

A Macedônia e a Acaia houveram por bem participar de alguma forma das necessidades dos santos de Jerusalém que estão na pobreza.

Nesta carta o Apóstolo Paulo escreve sobre a situação dos santos em Jerusalém que estão na pobreza. Em 2 Coríntios 6,10 ele também descreve os seus sofrimentos e acrescenta: “como morrendo, mas eis que vivemos; espancados, mas não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres (*ptochós*), mas enriquecendo muitos outros”.

Para Richter Reimer (2013, p. 83) o apóstolo Paulo produz uma das suas últimas cartas autênticas que foi dirigida à comunidade em Roma, entre os anos de 56-57 d.C. Ele apresentou a justificação por meio da graça e a teologia da cruz bem elaborada que serviram, vale ressaltar, de teologias até os dias de hoje como bases de fé e confissão. É de grande relevância a maneira amorosa como Paulo menciona vários participantes de seu ministério como mulheres e homens que atuavam em comunidade. Por estar em missão nos diversos lugares do império romano e em virtude de seu trabalho profissional-artesanal, Paulo encontrou e conheceu muitas pessoas que residiam e viviam em Roma, as quais, devido a “seu trabalho e subsistência, colocavam-se a caminho de maneira itinerante para vender suas mercadorias e, nesse trabalho [...] também fazia o trabalho de evangelização onde passavam, retornado muitas vezes para Roma”. Com essas informações é possível perceber que o apóstolo Paulo, com seu carisma e ousadia, é conduzido por Deus a anunciar o Evangelho (Rm 15,19), fato que o motivou a buscar pessoas a quem o Evangelho não foi anunciado (15,20).

Portanto, a vida e missão de Paulo tem como prioridade o acolhimento de pessoas conforme recomendou aos romanos: “Acolhei-vos, portanto, uns aos outros, como também Cristo vos acolheu, para a glória de Deus” (15,7). Tal recomendação tem uma estreita conexão com o anterior tema cultural: o cuidado e reciprocidade para com os irmãos fracos e fortes para estar unidos na doxologia do Pai (BARBAGLIO, 2011, p. 335).

1.1.6.2 2 Coríntios 6,10

Como tristes e, não obstante, sempre alegres; como indigentes e, não obstante, enriquecendo a muitos; como nada tendo, embora tudo possuamos!

Neste trecho da carta pode-se perceber a convicção que o apóstolo Paulo quer passar aos cristãos em Corinto, sobre a missão que foi designada a todas e todos os discípulos de Jesus, que por sinal, intitula não como discípulos, mas como “colaboradores” (6,1). O papel do colaborador de Cristo está em paralelo a Lc 6,22, na qual o próprio apóstolo apresenta em suas próprias experiências missionárias a “perseverança nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nas desordens, nas fadigas, nas vigílias [...] por um espírito santo, pelo amor sem fingimento” (6,4-6).

Assim, Paulo exorta aos coríntios que se faz necessário voltar ao pensamento de colaborador em serviço do Reino de Deus, no qual “o ser humano interior é renovado, enquanto o exterior perece, como acontece com tudo que é visível (KOESTER, 2005, 143). Diante dos contrastes que estão ocorrendo sobre os grandes questionamentos apresentados no ambiente em Corinto como: as polêmicas que giram em torno do exterior/interior, visto/não visto e despido/não despido, o próprio apóstolo explica que isso não é o motivo para desanimar, pois as situações que geram tribulações são temporárias, comparadas com a glória que não terá fim, e, por enquanto, quando a morada terrena for destruída, haverá um local eterno, celestial, que vem de Deus (BROWN, 2012, p. 720).

A partir dessas compreensões pode-se compreender que Paulo, apresenta para os coríntios que toda a perseguição, ódio, insultos, açoites que

aqui ocorrem são momentâneos. Em virtude disso, a graça de Deus faz pessoas viverem felizes, mesmo em momentos de tristezas, pois “no tempo favorável, eu te ouvi. E no dia da salvação vim em teu auxílio” (6,2).

Pode-se chegar à compreensão de que Paulo exorta aos Coríntios a lembrarem da graça dada por Deus e que os sofrimentos e perseguições são temporários, pois para o mundo terreno os colaboradores de Cristo não possuem nada, mas para Deus, estes estão enriquecendo a muitos (6,10). Essa é a tarefa dos colaboradores do Reino.

1.1.6.3 Gálatas 2,10

Nós só nos devíamos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude.

Mais adiante, Paulo faz menção ao cuidado de pessoas pobres: “Nós só devíamos nos lembrar dos pobres” (*ptochós*), “o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude” (Gl 2,10). Nessa narrativa, Paulo quer alertar aos gálatas que entre esta comunidade, existem pessoas que tem se infiltrado para espiar a liberdade que foi dada por Cristo, a fim de fazerem vocês retornarem para a escravidão que viviam (2,4).

Para Barbaglio (2011, p. 55-56), neste caso, Paulo está se referindo, ao falar dos opositores, aos membros da comunidade de antioquia relatado em Atos 15,1-24. Essas pessoas desempenham mal o discipulado do Evangelho de Cristo, pois seus objetivos encontram-se em retornar as práticas de circuncisão e a própria lei mosaica, que por sinal, Paulo vê como o retorno a escravidão. Neste sentido, o apóstolo traz um alerta para os gálatas lutarem contra “as manobras escravizadoras, e pela genuinidade evangélica contra falsas interpretações”.

A liberdade que Paulo apregoa para a comunidade de Gálatas, tem como objetivo fundamentar-se na luta contra a escravidão que os “falsos irmãos” querem trazer de volta as práticas judaizantes. Paulo apresenta as mesmas características do Evangelho apresentadas por Jesus que visam a liberdade da escravidão que era imposta aos pobres em Lucas. O apóstolo Paulo como representante a serviço do Reino propaga o cuidado e amor para com os mais necessitados. Por isso, nesse trecho, mostra-se preocupado com

os pobres, pois esta era a própria missão de Jesus como divulgado por ele mesmo em Lc 4,18. E agora, torna-se prioridade para os discípulos e discípulas de Cristo.

Portanto, percebe-se nas cartas autênticas de Paulo que a prioridade se encontra em alertar/exortar os membros das respectivas comunidades sobre o próprio amor para com os pobres que é a missão de todos os colaboradores do Reino de Deus.

Vê-se também que o apóstolo Paulo apresentada em suas experiências missionárias a felicidade em meio as dificuldades. Sendo assim, os colaboradores do Reino devem se alegrar diante das tribulações, perseguições, açoites e insultos. Essa questão faz referência ao discurso no Sermão da Planície, especificadamente em Lucas 6,22, onde Jesus felicita os pobres por serem odiados, difamados, excluídos e perseguidos por causa do Filho do Homem.

1.1.7 *Ptochós* em Tiago

Em Tiago, pode-se ver duas aparições do termo *ptochós* em suas recomendações:

1.1.7.1 Tiago 2, 2-3

Assim, pois, se entrarem em vossa assembleia duas pessoas, uma trazendo anel de ouro, ricamente vestida, e a outra pobre, com suas roupas sujas e derdes atenção ao que se traja ricamente e lhe disserdes: 'Senta-te aqui neste lugar confortável', enquanto ao pobre: 'Tu, fica em pé aí', ou então: 'Senta-te aí abaixo ao estrado dos meus pés.

Em Tiago, cujo conteúdo fala a respeito da discriminação que ocorre com os pobres, o autor mostra que em sua comunidade as pessoas que se vestiam bem tinham lugares privilegiados, enquanto o pobre, com suas roupas sujas, não tinha a devida importância (Tg 2,3-6). Por que esta carta em Tiago tem como característica a admoestação comunitária?

Para Brown (2012, p. 949-950) esta obra assemelha-se a uma carta normal pelo fato de que o autor lança várias exortações. Temática e

comportamento que tem forte característica com os livros sapienciais no AT, cujo preocupação encontrava-se em uma sequência de conteúdos combinados que possuía características escatológicas e ênfase em ensinamentos propagados por Jesus, como no exemplo no Sermões da Planície e no Sermão da Montanha. Voltando a dinamismo de Jesus em seus ensinamentos, em seu caráter admoestativo, alertava aos seus discípulos e seguidores que passariam por dificuldades.

Portanto, pode-se considerar que Tiago, mantém-se no dinamismo que os autores do AT escreviam para seus destinatários. Neste seguimento, pode-se ver que na carta, o autor tem a preocupação entre aqueles que estão em condições de 'humildes', pois contrastando-os com as atitudes dos ricos. Como em Lucas, aqui os ricos são bajulados pelas as pessoas. Quando eles esbanjam os seus anéis de ouros e roupas finas, são respeitados socialmente, a ponto de receberem lugares privilegiados. Temos, então, uma comunidade que reflete uma sociedade que está pautada apenas na ambição, desvalorização e o desdenho dos mais humildes.

Diante de algumas considerações na carta, Brown (2012, p. 950-951) afirma que Tiago acaba aproximando-se do mesmo formato da obra lucana, pois assim como os ricos são considerados exploradores em Lucas, Tiago percebe que as relações sociais apresentadas entre ricos/pobres são reflexos da situação social refletida em sua própria igreja, na qual, por meio de exortações, objetiva relações de fraternidade e cuidado para com os mais necessitados.

As atenções especiais e gentilezas por parte de membros que privilegiavam aos ricos em reuniões comunitárias geram estranheza, pois contrapunham o dinamismo da mensagem do Reino que valoriza, principalmente, os pobres, pelo fato de serem herdeiros do Reino (2,5). Por isto, Tiago apregoa a expressão: Lei da Liberdade, onde desafia a sua comunidade ir além de práticas mosaicas, a qual, o cuidado e a fraternidade encaminhavam as pessoas a amarem umas as outras.

Tiago dá ênfase ao cuidado com as pessoas humildes, pois elas eram apresentadas por usarem roupas sujas, eram discriminadas e não tinham lugares privilegiados. Sendo assim, ele exorta sua comunidade cristã para

exercer o amor e o cuidado com os mais humildes, pois este é o dinamismo do Reino de Deus.

1.1.7.2 Tiago 2,5

Atentai para isto, meus amados irmãos: Não escolheu Deus os pobres em bens deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam?

Nesta narrativa observa-se uma exposição do autor na carta de Tiago, cujo conteúdo exortativo apregoa o termo *ptochói*, pois “Deus escolheu [...] deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino” (2,5).

Para Vasconcellos (apud SOUZA, 2014, p. 113) a carta não tem a intenção de falar sobre as bem-aventuranças, pois encontra-se em contextos totalmente diferentes. Tiago não visa a proclamação, mas o questionamento/exortação aos membros de sua comunidade que convivem entre pobres e ricos em um mesmo ambiente, sendo que há uma desarmonia no que concerne estas relações.

À vista desses aspectos apresentados pelos autores, é possível observar que a própria carta em Tiago mostra indícios que os membros de sua comunidade têm dificuldades no tratamento de pessoas pobres. Fato que o próprio autor exorta a comunidade, reprovando tais atitudes. Razão que os fazem refletir sobre a importância do cuidado para com os pobres, pois estes são escolhidos por Deus como herdeiros do Reino (2,5).

Portanto, pode-se concluir que nesta carta, Tiago não quer enfatizar a proclamação das bem-aventuranças diretamente, mas indiretamente, vemos que o seu conteúdo admoesta os membros de sua comunidade quanto ao tratamento dos escolhidos “ricos na fé e herdeiros do Reino” (2,5), pois estes são pessoas que necessitam de amor e fraternidade, motivo que remete indiretamente a lembrança de Lc 6,20, com relação aos pobres: “porque vosso é o Reino de Deus”.

1.1.8 *Ptochós* em Apocalipse de João

No livro de Apocalipse encontramos duas vezes a palavra *ptochós*: na recomendação ao Anjo da Igreja em Laodiceia, onde escreve uma igreja que diz: “sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso. Não sabe, porém, que és infeliz: miserável, pobre, cego e nu” (3,17), e também na narrativa que fala sobre o falso profeta que está a serviço da Besta, uma marca que será dada na mão direita ou na frente para todos “pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos [...] para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca” (3,16).

Nesta narrativa apresentada pelo autor de Apocalipse 3,14-22, podemos ver a referência que aponta a nudez de Laodiceia, contrastando com sua alegria, prosperidade e suficiência. Pauta que no Evangelho de Lucas, ocorre com frequência aos personagens que são ricos. Eles amam suas riquezas e posses, aponto de deixarem de lado o cuidado e a fraternidade para com os pobres. Assim como o autor de Lucas apresentou em seu ambiente comunitário recheados de poderosos e os ricos que além de explorarem os menos favorecidos, eram prestigiados e vão gloriados por outras pessoas, por viverem uma vida em abundância. Com a chegada do Reino de Deus propagado por Jesus, esse dinamismo opressor chega ao fim. Dessa forma, os ricos se sentem em perigo por causa dos ensinamentos exortativos de Jesus e práticas representavam para eles (STORNILOLO, 2017, p. 133).

Não é diferente na igreja em Laodiceia. Apresentam-se como uma igreja que se sente suficiente. Mostrando semelhanças com os ricos, relatados em Lucas. Dessa forma, é possível ver palavras semelhantes aos *aísi*. Laodiceia diz: “sou rico, enriqueci-me e de nada mais preciso” e a repreensão chega como: “Não sabe, porém, que és infeliz: miserável, pobre, cego e nu” (3,17).

Segundo as perspectivas de Brown (2012, p. 1017) a igreja em Laodiceia apresenta-se como figura similar as fontes termais que existia na cidade vizinha Hierápolis, como também as águas frias e potável de Colossas. Essa figura das duas águas dessas cidades, serviu como ilustração para referir-se à situação que se encontrava a igreja em Laodiceia, totalmente morna.

Diante do exposto, observa-se que o autor de apocalipse apresenta características específicas sobre Laodiceia que se achava autossuficiente por ser rica. A mensagem transmitida por João mostra aquela que se considerava

rica, mas era na verdade pobre, cega e nua, o que contrastava com a situação real econômica que se encontrava. Neste seguimento, temos como cenário similar a postura dos ricos em Lucas, o qual é contrastado com os *aís* proferido por Jesus

1.1.9 *Ptochós* no Evangelho Deuterocanônico de Tomé

No Evangelho Segundo Tomé o Dídimos foram verificadas cinco bênçãos abrangendo a seguinte estrutura:

54 Disse Jesus: 'Benditos os pobres, porque deles é o Reino dos Céus' 58 Disse Jesus: 'Bendito o homem que sofreu porque encontrou a Vida' 68 Disse Jesus, felizes sereis vós quando vos odiarem e vos perseguirem; e não haveis de encontrar um só lugar onde não sereis perseguidos' 69a Disse Jesus: 'Felizes daqueles que foram perseguidos em seu coração; estes são os que na verdade conheceram o Pai' 69b 'Felizes os que têm fome, porque seu ventre será preenchido com o que desejam'.

Segundo Meyer (*apud* SOUSA, 2012, p. 114) afirma que as bênçãos proferidas aos pobres, encontra-se em paralelo com Mt 5,3 e Lc 6,20, mostrado os seus destinatários são pessoas pobres que estão totalmente sem recursos para manterem suas vidas cotidianas.

O Evangelho de Tomé ressalta a situação cujo os personagens estão sendo odiados e perseguidos em todos os locais (Tomé 68), demonstrando a semelhança com Evangelho de Lucas no Sermão da Planície. Como resposta a perseguição, estes terão um local, garantido por Jesus, na qual jamais serão perseguidos. Uma das perseguições causadas aos pobres foi a dos “primeiros cristãos de Jerusalém, na época da revolta contra os romanos, ocorrida no século I” que tentando “escapar à violência” fugiram “para Pella, na Transjordânia. Possivelmente, este seria ‘um lugar onde não serão perseguidos’” (MEYER *apud* SOUSA, 2012, p. 115).

Em paralelo com Lucas 6,22, temos no Evangelho deuterocanônico de Tomé considerações similares: são considerados pessoas felizes aqueles que estão sendo perseguidos e odiados, “pois estes que são conhecidos pelo o Pai” (Tomé, 58). Em Tomé, são apresentados os pobres que estão em situações de perseguição e ódio. Como resultado desta situação, estes são considerados

por Jesus como benditos, pois a postura de fé e perseverança desses pobres foram conhecidas por Deus.

Segundo Sousa (2012, p. 115), no Evangelho deuterocanônico de Tomé, Jesus se apresenta como uma figura de um sábio, tendências características de ditos de sabedoria. Assim, o autor afirma que as considerações ditas por Jesus podem ser interpretadas “como um dito de sabedoria”. As felicitações mostradas em Tomé aos pobres, podem ser entendidas como sendo proclamadas para um público amplo de pessoas, diferente das felicitações direcionadas para aqueles perseguidos, pois na consideração do autor “pode ser considerado outro grupo, um grupo seletivo”.

Em resumo, pode-se concluir que, a comparação entre Lucas, os outros textos do Novo Testamento e o Evangelho deuterocanônico de Tomé, o autor lucano foi o que mais utilizou termo *ptochós/ptochói*. Além desta diferença quantitativa, também fez uma descrição maior a respeito do pobre em relação aos ricos dentro do judaísmo e no contexto romano. Um terceiro elemento importante é o que Lucas apresenta a Jesus como aquele que não só proclama, mas realiza o ano jubilar junto aos pobres.

1.2 OS POBRES NO IMPÉRIO ROMANO

O ambiente socioeconômico que permeava o mundo greco-romano, caminhava em um estilo de vida de ostentação, como também havia a super valorização dos ricos e a exclusão das pessoas pobres que eram marginalizadas. Podemos perceber a forma de se viver dos ricos em detrimento aos pobres no episódio de Lc 21,1-4, os ricos lançavam as ofertas daquilo que sobrava, a viúva pobre depositou tudo que tinha: duas moedinhas. Neste cenário, podemos verificar a discrepância que há entre o estrato superior em relação ao estrato inferior¹¹. Então, surge a pergunta: quais os fatores que desencadearam o empobrecimento destas pessoas?

Primeiramente é preciso compreender como se estruturava essa cadeia de empobrecimento. A partir das considerações de Richter Reimer

¹¹ Para mais informações sobre a estratificação social e as situações nas sociedades antigas, ver em Stegmann e Stegman (2004)

(1999, p. 124), pode-se compreender os fatores e condicionamentos que permeavam o século I:

A nível de macro estrutura, que también determinaba e influenciaba la micro estrutura, estaba, por um lado, la ocupación y dominación romanas y, por outro lado, las estructuras de poder de las elites religiosas y económicas judías. El mantenimiento del sistema del Imperio Romano – y de sistemas que (sobre)vivían dentro de este Império – era posible a trav’s de estructuras jerárquicas – patriarcales de dominación em todos los niveles de relaciones, desde la política hasta la familiar.

A construção do sistema de dominação romana, portanto, é fruto das relações assimétricas entre os ricos e os pobres, além de outros níveis de discriminação e opressão, como as condições étnicas e de gênero. Ainda em Richter Reimer (1999, p. 125) acrescenta como se estabelecia o formato imperial de dominação:

El sistema político romano era mantenido a través de su política de fijación y recaudación de innumerables impuestos. Sin embargo, no todas las personas conseguían pagarlos. Y, así, crecía el proceso de endeudamiento y aumentaba el número de esclavas y esclavos.

A fonte geradora de empobrecimento presente no I século foi a política do império romano, aliado com as elites judaicas. Neste sentido, percebemos a dura forma de se viver na Palestina. Em outra obra indicadora deste conteúdo que se insere e encontra-se a lógica da acumulação, em estudos sobre Lucas, é a de Hayraud e Sancho (2010, p. 131) aonde apresentam textos de Flávio Josefo, a respeito da acumulação de capital:

Herodes, por exemplo, se havia apoderado, por meio de confisco, de uma quantidade enorme de terras [...] e convertido em área agricultável um terreno de aproximadamente 45 quilômetros quadrados, propriedade de sua irmã Salomé. Desse terreno, Salomé percebia rendas até 60 talentos anuais [...] que equivalem, em dinheiro, a 360 mil diárias de um trabalhador agrícola.

Diante disso, através desses tipos de extorsão e opressão aos menos favorecidos podemos perceber que essa lógica de acumulação contemplava e beneficiava apenas a classe dos ricos. Aqui destacamos o perfil do rico no tempo de Jesus. Segundo Reimer e Richter Reimer (2011, p. 194) os ricos para manter suas riquezas, escravizavam as pessoas para trabalharem para eles,

mantendo suas riquezas para assim se dedicarem ao prazer da vida, vivendo na casa do campo entre outras atividades que ocorriam na cidade. É nesse sentido que Lucas ressalta, através das palavras de Jesus, palavras de ameaças¹² aos ricos, convidando-os a deixarem as suas riquezas. No caso daqueles que usufruem às custas dos empobrecidos, o autor lucano descreve através de Jesus, os julgamentos a respeito dos bens (Lucas 16,9), o convite para renunciar a tudo para ser seu discípulo (a) de Jesus (Lucas 14,33).

Portanto, os pobres mencionados no Evangelho de Lucas, viviam dentro do império romano que dominou predominante no período do século I. O império romano tinha como fundamento a sistematização de dominação chamada *pax romana*, cuja ideologia perpassava pela força bruta e domínio sobre todos (seja no aspecto familiar, social, religioso e político), abrange Roma e suas fronteiras¹³. Diante das considerações de Wengst (1991, p. 34), a *pax romana* é um sistema construído a partir de várias conquistas, a qual estabelece um novo momento de paz e a ausência da desordem no solo romano. O conceito construído por meio da *pax romana* tem como objetivo central a proclamação de paz para Roma e segurança em suas demarcações. Sistema que tem como um representante imediato o imperador *Augusto*, seguidamente o senado romano (WENGST, 1991, p. 17).

Entende-se que a *pax romana* estava associada à ausência de guerras externas e civis. Diante das várias dimensões que comportam o sistema de dominação romana, propomos uma caminhada apenas pelas influências nos métodos de coibição de guerra civil. Assim, elencamos três critérios de dominação romana¹⁴: a) o domínio por meio dos símbolos sociais; b) a predominância cultural romana; c) e a coerção através da força bruta militar. A partir desses aspectos, trilharemos nesses dinamismos de dominação proposto pelos romanos.

1.2.1 Dominação Romana: Representações Sociais

¹² Estas ameaça tem o cunho exortativo profético, cujo eram utilizados pelos profetas (Is 5,8-24; Am 6,1-7; Jr 22,13-19; Hab 2,6-20 e Mt 23,13-32)

¹³ Sobre a temática e os seus demais aspectos que se debruça, veja Wengst (1991); Richter Reimer (2006b).

¹⁴ Tomamos por base as três características de dominação romana principalmente em Wengst (1991), Richter Reimer (2005), Schussler Fiorenza (2009), Pesavento (2014), Stambaugh e Balch (1996) e Horsley e Hanson (1995).

Para a compreensão da situação e a relação dos pobres de Lucas 6,20 precisamos entender como se estruturava a macroestrutura de dominação imperial romana. Por isso faz-se importante estabelecermos uma visão totalitária das causas imediatas do empobrecimento no contexto lucano equiparando a forma de dominação dos romanos. Neste sentido, alcançaremos as consequências sociais que geraram o empobrecimento aos pobres no século I.

A sociedade era constituída pelo conjunto de pessoas que compartilham de um mesmo *ethos*, na qual desfrutarão de uma simetria coletiva, sabe-se que o termo deriva das Ciências Humanas que significa a harmonização social que promove um ambiente confortável no desenvolvimento das relações entre as pessoas (COSTA; RICHTER REIMER, 2018b, p. 128). Partindo para o polo oposto, a assimetria, a nível geral, tem como objetivo expressar um caráter desarmônico dentro de uma sociedade. Nas relações interpessoais entre os seres humanos, vemos como exemplo as desigualdades que existem entre as classes superiores em detrimentos das inferiores.

No período de dominação romana o que mais se prezava era a paz para os romanos, pois diante de várias guerras, o dinamismo estratégico estipulado pela ideologia da *pax romana* tomou o controle de toda a Palestina. Fator que propagou a desigualdade entre ricos e a população pobre. Através da política imperialista que tinha como base perpetuação do medo, submissão e escravidão, assegurou a ordem e tranquilidade dentro de Roma e em todo o território por ela ocupado. O sistema *pax romana* trouxe uma grande expansão ao império romano que colocou fim as ameaças dos inimigos, trazendo assim, um 'paraíso' para dentro de Roma e a todos os seus moradores romanos. Nenhum confronto em toda a região romana (WENGST, 1991, p. 16-17). Desse modo facilitava construções de novas cidades, também cooperava para um favorecimento e aperfeiçoamento da agricultura e do plantio, como também o surgimento de leis romanas e altares aos deuses das pessoas (WENGST, 1991, p. 17).

O conceito *pax romana* é construído pelo imperador romano *Augusto*, através de conquistas militares nos campos de batalhas. Neste sentido, vale

afirmar que essa paz obtida por Roma tem o significado de paz “para os romanos; para os vencidos, paz de submissão” (WENGST, 1991, p. 23). A partir desse ponto, podemos construir frente às representações simbólicas romanas, as formas sutis de dominação: como na política e pela força bruta.

As representações podem ter o caráter coercivo nas relações sociais, pois aquelas envolvem “processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão” (PESAVENTO, 2014, p. 40). Neste sentido, temos como política romana alguns processos de dominação: os símbolos contidos nas moedas que circulavam no império romano. Podemos verificar essas representações em Wengst (1991, p. 22) no qual apresenta em seu livro: “Pax Romana: pretensão e realidades”; especificamente na ‘linguagem’ das moedas que circulavam no período romano:

Muito eloquente é, aqui a linguagem das moedas: Marte, o deus da guerra, inteiramente fardado, segurando no ombro, com a mão esquerda, uma insígnia de campanha e tendo na mão direita estendida a deusa da vitória e, além disso, a inscrição: *Mars Victor*. Em outra imagem de moeda, Victoria está sobre a mão da deusa Roma, que, por seu lado, está sentada sobre as armas de inimigos vencidos [...] ela apoia o pé direito sobre o globo e escreve num escudo a vitória há pouco alcançada; de pé, por trás da cabeça de Augusto, coloca-lhe uma coroa de louros na cabeça. Pax, a deusa da paz, representada no mundo grego, por via de regra, com a cornucópia, aparece do mesmo modo também em moedas romanas.

Vê-se aqui a intenção política simbólica imperial que tinha como tarefa a domesticação das pessoas através da crença. A partir das representações religiosas podemos verificar a intenção romana em legitimar uma harmonia divina através de um elo entre os deuses *Mars*, *Victoria* e a *Pax*. Consequentemente, inserir as imagens construída da *pax romana* tem como finalidade produzir nas pessoas o controle político, ideológico e social, bem como incutir a supremacia sobre as coisas materiais e imateriais. Deste modo, é legitimado em todo o território romano que o deus da guerra, *Mars*, a deusa da vitória, *Victória* e a deusa da paz, *Pax* estão do lado do Senado de Roma, como também de todos os seus líderes. Importante lembrar que o exército romano, por meio de suas legiões, era um dos ‘distribuidores’ de moedas por

todo o império romano, portanto, da monetarização de bens, serviços e das relações¹⁵.

Portanto, por meio das representações sociais, a dominação romana obteve o estreitamento dos símbolos religiosos em favor do Senado romano e seus líderes o que facilitou a dominação na política. As conquistas no campo de Marte foi o palco da concepção da *pax romana*. Um simbolismo que precisaria ser lembrado e jamais esquecido, pois a partir dessa ideologia os romanos mantiveram o controle em todo o século I. Como forma de domesticação das figuras religiosas, foram utilizadas as imagens dos deuses *Mars, Victoria e Pax*, mostrando o elo que haviam entre eles, produzindo o controle de Roma sobre todas as coisas materiais e imateriais. E para assegurar o domínio econômico, os próprios funcionários distribuía moedas com as imagens de César e os deuses que eram cultuados, facilitando o controle e submissão nas relações diretas e indiretas à todas as pessoas.

Sendo assim, vale afirmar que as representações sociais legitimadas por Roma asseguraram sua supremacia na política, economia e religião. Forçando a população a aderirem sua ideologia que, conseqüentemente, foi a alavanca geradora do empobrecimento aos pobres em Lucas.

1.2.2 Dominação Romana: Predominância Cultural

Procurando entender como se organizava as relações sociais no período de dominação romana, procuraremos aqui observar as concepções que se davam entre as relações do dia a dia, os convívios econômicos e culturais a partir da ideologia romana. Como elemento central da estrutura *pax romana*, temos o Patriarcado.

O sistema *pax romana* tem como característica principal o domínio em massa. Sua proeminência e formatação perpassam a via de subjugação a partir do critério patriarcal, o qual legitima todas as ações, normas e leis; seja dentro da sociedade e ou no seio familiar, permeando as áreas da

¹⁵ Ver detalhes sobre isto em Richter Reimer, 2008, p. 148, em conjunto com Sílvio Zurawski: As moedas “eram cunhadas com a figura de César (Mc 12,13ss), ou outras imagens, demonstrando o poder de Roma e a subjugação dos povos, especialmente dos judeus avessos ao emprego de imagens”.

microestrutura e macroestrutura¹⁶. Podemos perceber como se estruturava o patriarcado¹⁷ romano que tinha como critério principal a valorização masculina, na qual todas as ideias são legitimadas por aquele que está no poder. Richter Reimer (2006b, p. 74) afirma que, além da dominação geopolítica e a exploração dos recursos naturais, os romanos tinham como prática a tortura física, abuso psicológico e sexual contra todas as pessoas, não se importando com as consequências sociais que poderiam acarretar. Este sistema patriarcal estava vigente em todas as regiões do Mar Mediterrâneo, onde se instalou a influência ideológica greco-romana.

O patriarcado é um sistema de dominação masculina sobre todas as mulheres, crianças e os demais subordinados, tem como destaque: o androcentrismo que é a linguagem que dá ênfase ao homem/macho como fundamento e referencial central para todas as pessoas, sublimando os demais a partir dessa concepção (RICHTER REIMER, 2005, p. 19). Bem como, a dominação do senhor sobre todas as pessoas sobre o seu domínio no sistema escravagista romano, por isso usa-se o termo *pater kyriarcado* que não é “simplesmente a dominação de homens sobre mulh*res. É um complexo sistema piramidal de dominação que opera através da violência da exploração econômica e da subordinação vivida” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 140). Ainda na concepção patriarcal, há a dominação política da família patriarcal romana, no qual perpassa a ideia de que: Deus(es) estão sobre as pessoas; o Estado (governo) estão sobre a *res publica*; o Pai está sobre a casa e o espírito sobre o corpo (RICHTER REIMER, 2005, p. 73). Por este ângulo, o *Pater* é quem tem o domínio sobre todos os membros da casa, o que também levou a construir a partir desta perspectiva o Estado que se constitui baseado na dominação de um homem.

1.2.3 Dominação Romana: Coerção e o Empobrecimento

¹⁶ Sobre a temática do patriarcado romano, que se debruça aqui, veja em (RICHTER REIMER, 2006b, p. 72-97).

¹⁷ Além disso ver de Lemos (2013, p. 202) que interpreta o patriarcado como uma “submissão pessoal ao senhor que garante a legitimidade das regras por estatuídas [...] sempre prevalece na consciência dos submetidos”.

A *pax romana* era o sistema que fornecia paz a partir do apoio do poder militar bélico. Segundo Wengst (1991, p. 35) o principal objetivo da *pax romana* concerne na proteção de suas fronteiras de quaisquer ameaças inimigas, confrontos, desavenças ou qualquer tipo de tumulto que tentassem cessar a paz proporcionada nas cidades, nas estradas e em qualquer local do império. Desse modo, a paz e a segurança faziam-se aliadas, pois eram garantidas pelas forças militares.

O convívio diário entre a população e as autoridades romanas era marcado pela exploração e opressão como formas de enriquecimento e sustentação de seu sistema. Podemos observar em algumas considerações de Richter Reimer (2010, p. 44-45): Na guerra, os povos vencidos tinham como obrigação efetuar pagamentos a Roma pelos prejuízos obtidos em guerra. A outra forma de dominação era através da exploração de terra a partir da mão de obra barata, através de trabalhos forçados nas construções e avanços tecnológicos, bem como a escravização da maioria das pessoas com o intento de implementar os projetos e o aumento das riquezas para Roma, através da força bruta militar nas províncias, haviam funcionários que cobravam impostos de todos comerciantes, prostitutas e artesões. Lembre-se aqui, que Lc 19,2 caracteriza Zaqueu como homem rico e “chefe de publicanos” (*architelônes*) e, com isto, o texto faz referência clara a este cargo público exercido por ele. A autora ainda afirma que todos os recursos extraídos das terras favoreciam Roma e seus funcionários, militares e aposentados, mas aos menos favorecidos aumentava-se cada vez mais o endividamento e a impossibilidade de pagar os impostos e taxações estipulados por Roma.

Indicando também para esta premissa do aumento das taxas e impostos que gerava endividamento, Wengst (1991, p. 47) apresenta no que se refere aos prejuízos causados pelas guerras, eram inevitáveis pelo número de recrutamento de soldados, a manutenção da tropa com alimentos, alojamentos e pagamentos, todos estes gastos, naturalmente, eram pagos pelos cofres públicos das províncias. Sendo assim, pode-se dizer que a paz proporcionada por Roma tinha um valor que deveria ser pago “sobretudo com impostos, alfândegas, contribuições, tributos e recrutamentos” (WENGST, 1991, p. 48). Apenas para ilustrar no quesito das contribuições de impostos, Wengst cita Plutarco quando faz uma declaração de um análogo de procuradores no

período de Nero: “Quem ficava a dever os seus impostos, era condenado e vendido como escravo” (WENGST, 1991, p. 48).

Em relação às forças militares, pode-se observar nas considerações de Stambaugh e Balch (1996, p. 29-30) que o policiamento em cada região do império romano buscava controlar a população, evitando possíveis tumultos, no intuito de reforçar a ordem e o cumprimento das leis. Qualquer descumprimento da lei civil romana incluía pagamentos, punições e até a morte das pessoas que a infringiam. Outra consideração é sobre os crimes no solo romano, Segundo Stambaugh e Balch (1996, p. 30), as penalidades impostas variavam de acordo com a natureza do crime; uma pena relativamente suave era a aplicação de uma multa, diferente da prisão que era uma espécie de detenção antes do julgamento ou da sentença de execução. As crucificações eram reservadas para prisioneiros de guerra e escravos; a queima da pessoa na fogueira também era uma punição, como também a sentença dos prisioneiros sendo condenados às feras. Neste sentido, vemos que todas as ações e punições legitimadas por Roma, tinham como princípio manter a ordem e a submissão dos subordinados.

Partindo para o modo de viver dos ricos no período romano, encontramos uma maneira desigual na distribuição das riquezas, pois uma pequena parte do povo tinha que sobreviver com o mínimo disponível ou pelear para não morrer de fome, diferentemente das elites romanas que possuíam muito dinheiro, a ponto de exibirem de forma ostensiva as suas riquezas (STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 57).

O estilo de vida das elites demandava um grande consumo de dinheiro, dessa forma, a forma de extrair e explorar recursos era, portanto, a partir dos pobres devedores de impostos e taxas, bem como dos recursos obtidos em guerra. Tem-se como exemplo, o personagem Zaqueu, um publicano muito rico coletor de impostos relatado em Lucas 19,1-10. Este tipo de exploração por parte do imperialismo romano, como também da aristocracia, além de gerar um empobrecimento para os pobres, causou uma anomia ao modo de vida diário dos judeus.

Para Horsley e Hanson (1995, p. 28-48), uma das causas que contribuiu para a ruína cultural, religiosa e política do império romano foi à movimentação dos romanos e da elite sacerdotal, através dessas ações que

provocaram opressões e explorações. Isso acarretou à sociedade judaica um afastamento cada vez maior entre as elites e os camponeses, fator que fez emergir várias revoltas populares por causa destas explorações. Ainda acrescenta que a dominação romana era tão severa que a tributação pesava, ocasionando a expulsão dos proprietários de suas próprias terras.

Identificamos a partir dessas considerações sobre o império romano que o seu sistema ideológico gerou todas as ações de empobrecimento da população, por ambição, acumulação, ganância e ostentação dos recursos naturais. A principal forma de coerção era a exploração e a escravidão para manter a ordem e a lei romana. Havia privilégios apenas para as elites romanas e seus soldados, enquanto para aqueles que estavam sob seu domínio restava o sofrimento, o medo e vários problemas sociais, econômicos e religiosos.

Pode-se concluir que essas três características de dominação romana trouxeram graves consequências também para a comunidade lucana. Diante das representações sociais, a dominação cultural, a coerção por meio da força bruta, geraram um grande empobrecimento da população. A paz propagada pelos romanos era uma condição imposta através do pagamento de impostos e taxas, bem como a constante presença militar e de funcionários romanos. Em caso de dívidas, caso o devedor não pagasse, sofria danos aos seus bens, a escravização e a própria vida como forma de pagamento.

1.3 AS MULHERES NO MOVIMENTO DE JESUS

Antes de adentrarmos no universo de Jesus e as mulheres, é preciso identificar alguns processos importantes. A bíblia foi escrita em uma cultura marcadamente patriarcal. Sob este aspecto o patriarcado atribui uma total preferência nas atividades executadas pelos homens em detrimento das atividades de mulheres, sendo assim estabelece papéis sociais nos quais favorece o masculino. Como é de profundo conhecimento, o patriarcado em seu sentido literal é “o poder do pai sobre seus filhos e filhas e sobre os demais membros do clã ou da casa” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 133). É preciso fazer uma leitura considerando os conflitos que denunciam as estruturas sociais que estão por trás do texto.

Neste sentido, faz-se uso dos estudos feministas na extensão do campo hermenêutico crítico, buscando desconstruir a legitimação das estruturas patriarcais, possibilitando o ressoar das muitas vozes que estão nos textos bíblicos, destacando experiências de opressão e de libertação, no conjunto de uma proposta igualitária. O que essa temática tem a ver com *ptochós*? O evangelho de Lucas apresenta o movimento de Jesus que anuncia o reinado de Deus a todas as pessoas, em especial, enfatizamos o gênero feminino que diante das construções culturais e sociedade, sofrem exclusão e opressão pelo sistema de dominação, a ponto de não serem mencionadas. Por isso, a apresentação desta temática aqui no estudo do termo *ptochós* é de tamanha relevância como uma das características predominantes do termo, pois quando partimos da evidência dos papéis construídos em sociedade, presenciamos que o embasamento está correlacionado na diferença biológica, na qual dá início ao sistema de dominação cultural (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 77). Influenciado pelo caráter do patriarcal construído ao longo dos tempos, teólogos¹⁸ sublimam e continuam desenvolvendo imagens estereotipadas das mulheres e conseqüentemente a discriminação, marginalização e exclusão das mesmas de lideranças eclesiais.

Compreende-se que se faz necessário em processos exegéticos, observar as vozes que ressoam, ouvi-las e interpretá-las. Assim, no texto lucano, procuraremos as mulheres seguidoras de Jesus que estão em situações de marginalização e exploração em um contexto sociocultural de “dominação imperial-patriarcal [...] Soma-se ao patriarcado romano¹⁹ o patriarcado judeu que é o social-religioso [...] sob a opressão do império romano” (SANTOS; MUSSKOPF, 2018, p. 12).

Nos parágrafos seguintes destaca-se algumas passagens no evangelho de Lucas que apresentam o protagonismo das mulheres no movimento de Jesus preconizando e apoiando a ação libertadora do Reino de Deus aos pobres. Enfocar também, as situações socioculturais e sociorreligiosas no ambiente comunitário lucano.

¹⁸ Podemos verificar, principalmente Schüssler Fiorenza (2009), Schottroff (2006) e Richter Reimer (2005).

¹⁹ Ver em Richter Reimer (2006b)

1.3.1 Lucas 1,5-11; 26-30: Izabel e Maria

Nos dias de Herodes, rei da Judeia, houve um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abias; sua mulher, descendente de Aarão, chamava-se Isabel [...] Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso [...] No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão José, da casa da Davi; e nome da virgem era Maria [...] O Anjo, acrescentou: Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus.

O evangelho lucano é o que enfatiza o protagonismo das mulheres em sua narrativa. A história apresentada pelo autor lucano no início de seu evangelho, visa anunciar o nascimento e a infância de João Batista (1,11-25) e o nascimento de Jesus (1,26-38). Para isso, as narrativas começam no contexto histórico em que Herodes é o rei da Judeia” (1,5). Trata-se, portanto, de um rei vassalo dos romanos, e é neste contexto que começa a história de Jesus.

A primeira narrativa fala dos personagens Zacarias e Isabel Lucas apresenta a chegada do anjo do Senhor pelas súplicas de Zacarias, e Isabel dará à luz a um filho chamado João (1,12), este será aquele que converterá os corações dos pais e filhos rebeldes e preparará o “caminho ao Senhor de um povo bem disposto” (1,17).

Na outra narrativa, temos o anjo Gabriel enviado por Deus na cidade da Galileia, cujo o propósito era anunciar a Maria que conceberia e daria a luz um filho chamado Jesus (1,26-31), este será chamado “Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono e seu reinado não terá fim” (1,32-33).

Segundo Richter Reimer (2002, p. 35) essas duas histórias narradas pelo autor lucano, apresentam um trabalho literário e teológico, na qual interrelaciona a história do anúncio do nascimento de João e Jesus. O foco apresentado por Lucas não se dá apenas na exposição do relato do nascimento de ambos personagens, mas também evidência a importância do anúncio hierofânico que sucedem paralelamente. Neste seguimento, o primeiro movimento encontra-se no encontro das mulheres grávidas que experienciam uma hierofania na casa de Isabel e logo em seguida, Maria recebe palavras de bênção por Isabel, na qual este estudo enfatiza aparição dos cânticos:

A- 1,5-25 (Anunciação I): nascimento de João Batista – Cântico de Isabel;

A'- 1,26-38 (Anunciação II): nascimento de Jesus;

B- 1,39-56 (Encontro em Judá): hierofania experienciada pelas grávidas

Maria exclamada bendita por Isabel

À vista dos aspectos apresentados pela autora em sua análise de Lucas 1,5-56, caminharemos em cada trecho, com intento de frisar o conteúdo específico sobre o protagonismo das mulheres neste bloco narrativo.

1.3.2 Anunciação I: Nascimento de João Batista – O cântico de Isabel

O autor lucano apresenta nos versículos de 1,5-25 o casal de idade avançada Zacarias e Isabel, como sendo pessoas justas, irrepreensíveis, e seguidores dos mandamentos do Senhor. Isabel não podia ter filhos, pois era estéril. O foco principal evidenciado nestes versos, é a presença hierofânica do Anjo do Senhor que anunciou boas notícias de libertação ao casal (1,11-20).

Diante das palavras que traziam o anúncio de libertação e esperança para o casal que era de idade avançada (1,7), o sacerdote, Zacarias, pois ouviu o anúncio e perceber a situação que se encontrava, não creu nas palavras proferidas por meio do Anjo, fato que o fez ficar mudo até a promessa se cumprir (1,20). Diferentemente de Isabel que em sua primeira palavra, louvou ao Senhor dizendo: “Isto fez por mim o Senhor, quando se dignou retirar o meu opróbrio perante os homens” (1,25).

No Antigo Testamento, a esterilidade tinha como conotação: algo desonroso, como podemos verificar no relato de Raquel que por não dar filhos a Jacó, seu marido, “tornou-se invejosa de sua irmã e disse a Jacó: ‘Faze-me ter filhos também, ou eu morro’ (Gn 30,1), ao final da narrativa, Deus concede a Raquel a privilégio de torna-se fecunda e ela “concebeu e deu à luz um filho; e disse: ‘Deus retirou minha vergonha’”(30,22-23).

Pode-se ver em Richter Reimer (2002, p. 36-37) a similaridade, cujo o autor lucano narrou a história de Isabel e Zacarias, utilizando as narrativas de Gn 16-18, o qual estava relacionado a questão de sua sobrevivência, como

também ao fator da esterilidade de Sara, esposa de Abraão e também ambos possuíam idades avançadas (18,9-15). Em primeiro lugar, é destacado a esterilidade de Isabel que se enquadra-se em uma realidade de sofrimento e discriminações que viam ocorrendo desde Sara (Gn 16-18), Rebeca (Gn 25,21) dentre outras mulheres. Mesmo diante destes quadros de esterilidade, dentro do plano Salvação de Deus ocorre ação libertadora “que transforma la situação personal de essas mujeres, colocándolas como referencial y punto de partida para el Nuevo que marcará la história de todo el Pueblo”.

Não é diferente em Isabel, diante de sua situação de opróbrio perante os homens, a partir do anúncio do Anjo do Senhor, há uma subversão do quadro histórico de discriminação, através da concretização da promessa de Deus. Aquilo que era motivo de vergonha, tornou-se motivo de cântico ao Senhor (1,25). A situação de opróbrio tornava-se tão dificultosa que podemos perceber em Richter Reimer (2002, p. 42-43) que decorrente a esta situação, ocasionava discriminação e humilhação a partir de sua sexualidade, o seu sofrimento existencial. Não somente isto, mas a vergonha, impostas pelos olhares maliciosos estereotipados que muitas das vezes associava a compreensão circunstância com pecado/maldição.

Portando, pode-se perceber que o cântico de Isabel frente seu contexto histórico político opressor, denuncia as relações sociais construídas a partir de imagens distorcidas que humilham e discriminam as mulheres. Em seu ato, Isabel preconiza a ação libertadora de Deus, a começar por Isabel em seu cântico antecede ao Magnificat, mostrando o amor de Deus para com as mulheres humilhadas e discriminadas.

1.3.3 Anunciação II: nascimento de Jesus – O Encontro da graça

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberá no teu seio e darás à luz a um filho, e o chamarás de Jesus...”

Neste versículo temos o anjo Gabriel que foi enviado para a região da Galeia, chamada Nazaré (1,26), ali, encontra uma mulher “desposada com um

varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Após, o anjo entrar no local, na qual Maria estava disse: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (1,28).

No tocante a questão virginal de Maria, ponto que não é central aqui nesta pesquisa. Faz-se importante compreendermos como o contexto era sociopolítico-cultural retratado por Lucas. Neste sentido, nas considerações de Richter Reimer (2002, p. 48) em primeiro lugar, o autor lucano apresenta palavras motivação proferida pelo o Anjo: Não temas! O que é mais marcante nessa estrofe, é a percepção de que o anjo não vincula, em momento algum, o anúncio em virtude de Maria ser virgem, pois poderiam existir outras virgens naquele período. O motivo real “está sencillamente en el hecho que ella encontro gracia delante de Dios”.

No que tange a questão do nascimento virginal de Jesus, Richter Reimer (2013, p. 42-43) apresenta o termo *parthenos* que pode ter vários tipos de significado. Nos estudos hermenêuticos feministas são questionadas o modelo de interpretação para o nascimento virginal nos evangelhos, pois continuam replicando imagens masculinas seja nos céus, como também para Deus e o Espírito Santo. Sendo assim, no texto de Lucas, não “relata uma teogamia, mas fala de uma gravidez que não teve origem no princípio da procriação”. Neste seguimento, a dinâmica em torno de Maria e sua história corresponde exclusivamente algo divino, não havendo participação humana (por homem) conforme indagado por Maria: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum? O Anjo respondeu: ‘O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra’” (1,34-35). Ou seja, o Espírito Santo dito no texto de Lc 1,35, nas palavras de Richter Reimer (2013, p. 43):

Não é o espírito *nous* ‘razão’, concebido como masculino. O pneuma corresponde à compreensão hebraica *ruah*, que não tem características masculinas, mas é dinamicidade feminina [...] o Espírito, no sentido e na dinâmica da história de Maria, é uma força de vida da criação divina.

Assim, pode-se ver a dinâmica de Deus em favor de seu povo por intermédio de sua discípula Maria, a qual estava disposta a serviço de Deus com coragem, fé e disposição. Observando mais afundo sobre o termo virgem,

vemos em Richter Reimer (2015, p. 80) que no Antigo Oriente, ser *virgem/parthenos* significa não somente algo biológico, mas tem o sentido da não dependência do homem. Dessa forma, temos, portanto, a autonomia em relação as estruturas patriarcais que ‘anula’ no processo das decisões a presença de homens, pois faz-se responsável a mulher trilhar seus próprios caminhos. Protagonizando e transgredindo a lógica patriarcal romana, Maria experiencia a hierofania do anjo e do Espírito que encaminha para que possa participar da história da Salvação, a qual se cumpre no realizar das promessas de Deus.

Vê-se, aqui, Maria protagonizando por meio de sua vida, a adesão ao movimento de libertação e esperança anuncio por meio do Anjo do Senhor, onde prontamente “pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá” (1,39). A partir daqui, Maria, torna-se instrumento para a maioria do povo pobre que sofria porque necessitavam da ação de Deus em sua história, seguida de marginalizações, humilhações diante do domínio romano.

Portando, compreende-se que assim como Isabel que protagonizou a ação de Deus libertadora e regozijou e entoou cânticos a Deus, Maria, através de seu corpo e sua gravidez trouxe para o povo pobre, humilhado e descriminalizado a resposta de que “para Deus, com efeito, nada é impossível” (1,36).

1.3.4 O encontro em Judá: A hierofania e a Maria é Exclamada Bendita

Uma das cenas mais marcantes, apresentada aqui, por Lucas é o coração de Maria disposto ao serviço de Deus. Temos, após ter recebido o anúncio do Anjo do Senhor, vai em direção a uma região montanhosa em Judá para encontrar com Isabel sua parente (1,39-40).

Maria em toda sua fé e coragem, vai em busca de sua parente, já de idade avançada. Carregando em seu ventre, Jesus, “viaja até uma cidade de Judá – uns 160km” (STORNILO, 2017, p. 21). Ao chegar na casa de sua prima, Isabel, com intuito de “ampará-la na gravidez e com ela partilhar as novidades e, sua própria vida” (RICHTER REIMER, 2015, p. 80), no momento que ouviu a saudação de Isabel “a criança lhe estremeceu no ventre e Isabel

ficou repleta do Espírito Santo” (1,41). Após este momento hierofânico experienciado pelas grávidas, Isabel é cheia do Espírito Santo proferiu um cântico a Maria (1,42-45):

‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre! Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite? Pois quando tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre. Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!’.

Pode-se ver, a alegria e regozijo de Isabel e proferir em suas palavras que reconhecem o fruto do ventre de Maria com Senhor. Ao passo que Maria em resposta, entoava o canto *Magnificat*, no qual evidencia as opressões causadas ao povo oprimido, humilhado e discriminados. Ao engrandecimento de Deus por meio do canto, temos a resposta pela espera do Salvador dos oprimidos conforme foi predito aos seus descendentes e em favor de Abraão (1,46-55).

Portanto os clamores de resistência e protagonismo de Isabel e Maria que se dispõem em favor do serviço de Deus, fato que romper as barreiras patriarcais da época, e abrem possibilidades em seus corpos discriminados e marginalizados o recomeço de uma nova história de Salvação a todos os pobres e oprimidos, restaurando dignidade e esperança de dias melhores.

1.3.5 Lucas 8,1-3 A práxis de Jesus e a Diaconia das Mulheres

A *práxis* de Jesus é conhecida movimento carismático e profético na qual ocorrem experiências de curas, ensino, perdão, a restauração de crianças, mulheres e homens que são chamados de discípulas e discípulos, onde não há diferença entre mulheres e outras pessoas em relação a interação com Jesus. Portanto, é um movimento de libertação, aberta a todo o tipo de questão de gênero, classe e idade que incluem pessoas dispostas e que tinham uma profunda fé embasada na confiança, perseverança, comunhão, alegria, e a espiritualidade que era estabelecida através da fé e graça (RICHTER REIMER, 2013, p. 73).

Um dos pontos inovadores de Jesus, em relação ao dinamismo sociopolítico-cultural, foi o seu movimento de renovação intrajudaico na qual

põem final a “prática do judaísmo, que afastava as mulheres dos assuntos religioso” (STORNILO, 2017, p. 84). Neste sentido, vemos que a predominância ideológica do pensamento social, girava em torno do aspecto patriarcal, gerando uma hegemonia cultura, como podemos ver nas palavras de Richter Reimer (2005, p. 104):

a célula-base da sociedade patriarcal é a família patriarcal: ela dava sustentação a essa lógica do mercado, ancorada na estrutura hierárquico-patriarcal político-social. Transgredindo-se a ideologia dominante, transgredia-se também a lógica do mercado [...] isto se dava tanto no trabalho produtivo quanto no reprodutivo, na vivência da sexualidade.

Por conseguinte, através do movimento de Jesus, construiu-se discípulas e discípulos que dentro das comunidades cristã transmitiam os seus ensinios e tradições cristãs da mensagem do Reino de Deus que contrapunha a dinamismo da sociedade patriarcal. Nessas células comunitárias, trabalhavam-se as vivencias em grupos, possibilitando assim, o crescimento mútuo e a cultivação da dignidade entre as pessoas e a liberdade. Através do compartilhamento de bens uns com os outros intensificavam a harmonia, amor e o cuidado com os mais necessitados.

A formas mais básica do seguimento e adesão ao movimento de Jesus ocorre através de um simples convite de Jesus. Temos como exemplo de Simão Pedro, Tiago e João (Lc 5,10-11), o chamado de Levi (Lc 5,27) e entre outros. Segundo Richter Reimer (2011, p. 111) o seguimento ao chamado de Jesus era justamente o abandono de tudo, seja: bens em geral, família e outras relações dominadoras, com intendo de estarem livres a dispostas ao serviço em amor ao Reino de Deus. Vemos também a afirmação que considera esse tipo de convite nas palavras de Jesus de “um radicalismo ético, que se evidencia da maneira clara renúncia à moradia, família e propriedade” (THEISSEN, 1985, p. 39).

A dedicação à diaconia do Reino de Deus, tem como participantes mulheres, crianças e homens que estão dispostos a construir um movimento profético-carismático popular que visa o amparo, cuidado, liberdade, amor e a fraternidade para com todas as pessoas que vivem, primeiramente dentro do “judaísmo galilaico para ir se abrindo a outras expressões culturais daquela

região, chegando também em Jerusalém [...] que em Jesus encontraram outra forma de viver sua vida no contexto patriarcal do Império Romano” (RICHTER REIMER, 2013, p. 74). Em vista disso, o seguimento ao movimento de Jesus é o convite a viver uma vida de forma oposta a ótica patriarcal, experienciando a libertação juntamente a Jesus como resultado de sua missão em favor do Reino de Deus registrado pelo autor de Lucas, como também assinalado em outros Evangelhos.

Diante dessas considerações, percebe-se que o autor lucano destacando o protagonismo das mulheres junto a Jesus. Aqui, o texto destaca a participação das mulheres que foram curadas e exorcizadas como no caso de Maria Madalena (8,2), bem como também o auxílio financeiro do ministério de Jesus, ajudando também com bens como Joana, Suzana e outras mulheres (8,3).

Falando da diaconia e discipulado de mulheres, vemos em Richter Reimer (2011, 112) este tipo de seguimento ao movimento de Jesus tinha a possibilidade de ser expresso de várias formas em discipulado e diaconia, comumente seguidos de testemunhos de fé e esperança vividos por uma vida nova. Não importando com a idade, toda(o)s que experienciavam a *práxis* libertadora de Jesus, aceitavam os desafios e as dificuldades que ocorriam no seguimento discipular. Diante de muitos exemplos de protagonismo de mulheres, a autora destaca a participação na diaconia de mulheres no seguimento de Jesus, narrado em Lc 8,1-3: “Maria de Magdala, liberta de todas as formas de opressão e dominação, segue a Jesus, juntamente com Suzana, Joana e muitas outras mulheres, que tudo abandonaram para segui-lo”.

Outro ponto que vale ressaltar que essas mulheres acompanharam Jesus em toda a sua caminhada na cruz para o calvário, em Jerusalém (Lc 23,26-29), como também sendo testemunhas de sua morte (Lc 23,49) e ressurreição (Lc 24,1-8). Todas estas servas de Jesus, em seu movimento de renovação, o serviam. Vemos que “o termo grego utilizado para a designação deste serviço-diaconia é *diakonein/diakonia*” (RICHTER REIMER, 2013, p. 76). Neste seguimento, portanto, temos várias outras mulheres aderindo ao movimento de Jesus através do serviço com seus bens (Lc 8, 3).

Para Richter Reimer (2011, p. 113) o texto que foi traduzido por “... e elas o serviam com seus bens”, gera uma compreensão redutiva do trabalho

diaconal exercido por essas mulheres, pois não só com bens serviam, mas na pecuária, como também em assistência ao mistério. Sendo assim, a autora sugere como uma tradução da expressão grega como “... e elas o serviam de acordo com suas possibilidades”, fato que remete a todas as possibilidades “intelectivos, psicológicos, espirituais e materiais”. De modo que a diaconia evoca o sentido multiforme de ações que implicam ‘trabalho de Mesa’, aliviando todas as situações de sofrimento e o ensino da palavra.

A conclusão do protagonismo e diacronia das mulheres juntamente ao movimento de Jesus. Em contraposição ao dinamismo social influenciado pelo patriarcado romano, vemos a *práxis* de Jesus em ação, desconstruindo as imagens depreciativa com relação a mulher, possibilitando assim que mulheres servissem a partir de sua diaconia a Jesus de acordo com suas possibilidades em seu movimento, possibilitando assim o alcance de mais pessoas e a expansão do Evangelho. Uma vez excluídas, agora, participantes do Reino de Deus em divulgar liberdade, dignidade e esperança aos pobres. O amor e serviço a *práxis* de Jesus, conforme dito nas palavras de Maria em Lucas 1,50-52:

[...] sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou.

Assim, a chegada tão esperada de Jesus, possibilitou que aquelas e aqueles que estavam sob o jugo opressivo dos dominadores, fossem libertos das explorações e marginalização dos que estão no poder. A partir de agora, estes, serão destronados e os que padecem, os pobres, encontraram a misericórdia de Deus. Neste sentido, vimos que as discípulas de Jesus padeciam a dupla opressão do sistema social cultura, e através das boas novas do Reino pôs fim as exclusões específicas as mulheres. Assim, abriu as portas para o serviço e diaconia mulheres juntamente a Jesus de acordo com suas possibilidades em seu movimento, facilitando o alcance de mais pessoas e a expansão do Evangelho.

1.3.6 Lucas 10,38-42: O Paradigma Diaconal de Mulheres

Nos capítulos anteriores, vemos o protagonismo de mulheres no movimento de Jesus, servindo-o conforme suas possibilidades. Em Lucas 10,29-37, após Jesus ter conversado com um legista sobre a parábola do bom samaritano, apresenta a temática sobre cuidado, hospitalidade e o amor para com o próximo. No próximo bloco narrativo, o autor de Lucas narra Jesus em viagem, entrando em um povoado, a qual encontra hospitalidade e é acolhido na casa de Marta e Maria (10,38).

Como algo peculiar do autor lucano, vemos constantemente mulheres servindo juntamente a Jesus em seu movimento. Algo característico no serviço e diaconia de mulheres no ministério de Jesus, são os cuidados e hospitalidades aos mensageiros do Evangelho. Podemos presenciar na cidade de Tiatira, uma negociante de púrpura, temente a Deus, adoradora chamada de Lídia que escutava atenta, aos ensinamentos que Paulo dizia a respeito do evangelho do Reino de Deus (At 16,14), após ter sido batizada e toda sua família, fez um pedido ao apóstolo: “Se me considerais fiel ao Senhor, vindo hospedar-vos em minha casa’. E forçou-nos a aceitar” (At 16,15). Portanto, podemos perceber como algo frequente entre as mulheres o serviço do acolhimento e amor para com os mensageiros do Evangelho.

Nos versículos 38-40, temos Marta e Maria servindo a Jesus. Podemos perceber a gratidão de Jesus para com elas, pois atenciosamente é honrado por ações de cuidado: um amor serviçal e pelo amor ao ouvi-lo (STROGER, 1984, p. 322). No arrolar dos versículos, nos deparamos ao paradigma diaconal do serviço/assistência e a escuta da palavra. Vemos que a escuta/prática do Evangelho propagado pelo movimento de Jesus, não é um tema novo. Como dito por Jesus: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e põe em prática” (Lc 8,21).

Segundo Fabris e Maggioni (2006, p. 127-128) no diálogo entre Jesus e Marta, o autor lucano não tem a intenção de contrapor a ação de Marta à escuta atenta/contemplativa, mas expor a comportamento fundamental para as discípulas e discípulos: “escutar a palavra do Senhor é condição para que o serviço, a *diakonia*, não se torne uma estéril agitação no vazio pela necessidade de autogratificação”. Na opinião do autor, Marta estava interessa

no amor em servir Jesus, mas a intenção de Lucas, em primeiro lugar, é a escuta atenta da mensagem de Jesus.

Vê-se que o paradigma diaconal do serviço, nas considerações de Wenzel (1998, p. 49) a palavra serviço, reincidi duas vezes no texto, sendo algo essencial no seguimento a Jesus. Marta fazia com tanta vontade de servir a Jesus que chegou ao ponto de equilíbrio. Tinha por objetivo honra-lo, através de sua eficiência no servir, mas acabou se complicando ao pedir ao convidado que sua irmã fosse ajuda-la, sendo que sua irmã estava sentada aos seus pés, ouvindo-o. Naquele período havia uma “grande preocupação em conseguir comida e pouso para tanta gente, pois eram muitas pessoas que seguiam Jesus no caminho para Jerusalém”. A resposta de Jesus à vista da atitude de Marta, não tem a intenção de censurá-la, mas aconselha-la com carinho, pois os dois modos de servir não estão em oposição, mas se complementam. O serviço que visa acolher pessoas imigrantes, cuidar da saúde e compartilhamento de alimentos faz parte da diaconia do Reino, sem esquecer de ouvir e adorar a Jesus como fez Maria.

Pode-se concluir que o Evangelho de Lucas apresenta claramente mulheres juntamente ao movimento de Jesus servindo de acordo com suas possibilidades na expansão, cuidado, hospitalidade e amor. A diaconia protagonizada por mulheres são marcantes, seja no serviço, acolhimento e doação. Um grande desafio, à vista dos enfrentamentos em meio a estruturas de dominação patriarcal que tentam desestabilizarem a participação de mulheres na sociedade. Todavia, com o movimento de Jesus há uma reconstrução no dinamismo do viver, através de crianças, mulheres e homens que dispostos ao serviço com fé e amor para com o próximo.

1.4 OS PORTADORES DE DOENÇAS FÍSICAS E CRÔNICAS

Os textos bíblicos destacam relatos de fé, curas e exorcismos diante da dura realidade cotidiana experienciada pela população nos desafios de doenças, opressão, miséria e exclusão relatados no século I. Por abarcarem uma profundidade religiosa descrita em contos de fé popular a partir de perspectivas de milagres. Neste sentido, são narrativas que respondem às

situações reais de carência e escassez, privação de saúde, insalubridade, possessões e doenças.

O Novo Testamento apresenta diversos relatos sobre doenças, contudo é preciso levar em consideração que no antigo oriente, a relação entre doença e pecado está estreitamente vinculada, a ponto de ser compreendida como uma punição divina por desobediência. Sendo assim, partiremos de duas perspectivas: o perdão, como uma transformação que restaura a pessoa e supera a dimensão física e espiritual, e a libertação da possessão demoníaca, cujo objetivo provocava a exclusão social e fazia mal ao corpo da pessoa. Neste estudo, não farei uma análise exegética dos textos selecionados, tendo em vista que a intenção é apenas uma observação das ações simbólicas que giram em torno de doenças, curas e exorcismo predominantes em pessoas exclusivamente pobres.

O lugar central tem ocupado nos estudos de curas e exorcismos, a concepção de representação. A leitura analítica que dela tem sido feita, pode ser observada a partir da afirmativa de Richter Reimer (2008, p. 52):

As representações simbólicas fazem parte do universo religioso que integra a vivência de pessoas e grupos à medida que fizer ou tiver sentido para os mesmos. É a partir disso que, e na abertura para adaptações, que são construídas redes de significações e representações que pautam a noção de verdade [...] é também portadora do poder simbólico que mobiliza e controla a vida social através do dizer e do fazer crer.

A partir deste fundamento, destacamos aqui a importância do conceito pela importante contribuição que este pode trazer nas análises de curas e exorcismos, como frisado anteriormente. Neste sentido, sabe-se que um dos lugares privilegiados no enfrentamento e superação do mal são os corpos, pois representam o construto sociocultural dualista no que se refere de doente/sadio, como também na luta das forças do bem e do mal (RICHTER REIMER, 2008, p. 53).

Tendo a percepção da força que as representações simbólicas podem oferecer, verificaremos nas narrativas de Lucas versículos que demonstram como eram as ações da sociedade diante dos portadores de doenças crônicas e físicas a partir dos versículos: (9,37-45; 18,35-43).

1.4.1 Lucas 9,37-39: O Endemoninhado Epiléptico

No dia seguinte, ao descerem a montanha veio ao seu encontro grande multidão. Eis que um homem da multidão gritou: 'Mestre, rogo-te que venhas ver o meu filho, porque é meu único. Eis que um espírito o toma e subitamente grita, sacode-o com violência e o faz espumar, é com grande dificuldade que o abandona, deixando dilacerado.

Tem-se neste texto um menino sobre o domínio do mal em seu corpo, a ponto do espírito o tomar, fazendo gritar subitamente, sacudi-lo com violência e fazê-lo espumar (9,39). Diferentemente dos outros evangelhos sinóticos, Lucas suprime as informações da doença da criança e dá um destaque para a cura, pois o maior interesse do autor é expor no acontecimento a ação milagrosa manifestada pela a majestade de Deus (BROWN, 2012, p. 349).

Outro detalhe que o autor lucano destaca para a missão de Jesus em libertar os oprimidos (4,18), encontra-se logo após Jesus descer da montanha e encontrar uma multidão de oprimidos, na miséria e dominados pelo mal. Embora o texto apresente conceitos que talvez descreva a doença da criança como epilepsia, priorizaremos o ponto de vista destacado por Fabris e Maggioni (2006, p. 105):

Não é tanto o aspecto clínico do caso que atrai a atenção, quanto o desespero do pai, que, perante a impotência dos discípulos, dirige-se a Jesus. A figura de solitária de Jesus se levanta sobre este fundo de miséria, incredulidade e impotência [...] Mas o estilo de Deus é o de encontrar o homem ao longo do caminho de sua miséria.

Analisando as considerações do autor, podemos identificar o interesse do autor lucano em destacar a profunda missão de Jesus em libertar o oprimido. Nesta história, presenciamos a libertação da criança portadora de uma doença crônica que diante de um gesto de Jesus, experimentou a manifestação do Reino de Deus em seu favor.

Sendo assim, conclui-se, a partir deste capítulo, que além da ação do mal que machucava a criança portadora de doença crônica, havia uma exclusão social em relação a essa situação. No arrolar da história, mais uma vez, Lucas demonstra a ação de Jesus em cumprimento a sua missão de libertar os pobres da miséria e da opressão.

1.4.2 Lucas 18,35-43: O cego a Beira do Jericó

Quando ele se aproximava de Jericó, havia um cego, mendigando, sentado à beira do caminho. Ouvindo os passos da multidão que transitava, perguntou quem era. Informaram-no que Jesus, o Nazoreu passava. Ele pôs-se a gritar: 'Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim. Os que estavam à frente repreendiam-no, para que ficasse em silêncio!

Pode-se verificar um personagem que tinha uma doença física e após ter encontrado com Jesus, recebeu o milagre. O trecho da narrativa apresenta o perfil de homem: cego, mendigando e sentado à beira do caminho (18,35). No arrolar da história, percebemos a dificuldade que aquele homem estava tendo de enfrentar: o barulho da multidão (18,36), a repreensão por estar fazendo um alvoroço, mas, continuava com mesmo objetivo de chamar a atenção de Jesus (18,39), até que Jesus escuta o seu grito de socorro e pede para que o levem-no até ele. Após conversar com aquele cego, Jesus cura-o afirmando que foi a fé daquele homem que o salvou (18,42).

Quando se fala de doenças, é preciso observar algumas considerações apresentadas por Richter Reimer (2008, p. 53) em que um dos locais privilegiados “para a representação, enfretamento e superação do Mal é o corpo de crianças, mulheres e homens”. Nesta dinâmica há um princípio que apresenta um dualismo de doente/sadio. É no corpo e por meio dele que há a construção simbólica de exclusão e coerção, frente às relações de poder que se constroem em todas as formas de viver.

No tópico anterior vimos a abordagem sobre a questão da mulher na comunidade lucana. Por ser mulher havia uma exclusão em virtude do aspecto sociocultural do patriarcado. Isso cooperava para a legitimação das assimetrias nas relações sociais entre homens e mulheres, mesmo porque estes tipos de interações eram chamados de relações estruturais, ou seja, existentes nas instituições e nas práticas sociais, legitimadas como sendo divinamente dogmatizadas (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 134). Neste seguimento, pode-se dizer que é no corpo que “inscrevem, lêem e se interpretam as ações da própria pessoa, da coletividade e da esfera do transcendente que nele se concretizam” (RICHTER REIMER, 2008, p. 53).

A partir dessas considerações percebe-se que a doença tem como pressuposto algo do Mal. Atrelado isto, vemos, portanto, o cego que está mendigando a beira do caminho, esperando alcançar a misericórdia de alguém e amado, pois este local se fazia como um “ponto estratégico e referencial para o encontro de pessoas doentes, empobrecidas e abandonadas que buscavam ali [...] as fontes para sua sobrevivência” (RICHTER REIMER, 2008, p. 72). Portanto, Bartimeu estava em um momento oportuno, pois Jesus estava passando por ali.

Após o encontro com Jesus toda discriminação a partir do construto criado por seu ambiente social por ser um doente, impuro e excluído não deveria estar incomodando as pessoas: “começou a gritar: ‘Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!’ e muitos repreendiam para que se calasse” (Lc 10,47-48). Por viver nesta condição: “à beira do caminho, mendigando” (10,46), Bartimeu dentro do sistema social que perpassava aquele ambiente, este devia estar longe das pessoas sem incomodá-las. Desse modo, podemos considerá-lo com um excluído social. Outro aspecto simbólico que intensifica o estado de mendicância de Bartimeu é sua capa/manto, conforme narrado por Marcos: “Deixando o manto, deu um pulo e foi até Jesus” (Mc 10,50).

Para Richter Reimer (2008, p. 74) era comum para quem estava em condições de mendicância estenderem suas capas ao chão com intuito de receberem esmolas. Sendo assim, a capa/manto tem como representação simbólica da mendicância. Temos como um sinal reconstrutivo identitário quando o cego rejeitei aquele estado de situação simbólica social e “deixando o manto [...] foi até Jesus” (10,50). A partir dessa atitude junto a Jesus, “agora ele penetra espaços interditados, seguindo o convite de Jesus. Jesus e Bartimeu quebram as regras sistêmicas da coesão sociorreligiosa excludentes” (RICHTER REIMER, 2008, p. 76).

A ação de Jesus é libertadora ao homem cego que além da mendicância, era portador de doença física, a cegueira. Destacamos a reinserção daquele no local o qual estava sendo duplamente excluído. Demonstrando assim, uma superação da representação do Mal com a reinserção de Bartimeu nos espaços sociais. A referida ação de resistência e fé do cego fez com que ele encontrasse a luz para suas dificuldades: a exclusão e a deficiência física, sendo respondida pela ação de Jesus.

Assim, pode-se concluir que nesta narrativa além da exclusão do homem por sua deficiência física, a sua única forma de sobrevivência era a mendicância. Ou seja, consideramos aqui as doenças como outro aspecto da pobreza em Lucas. Percebemos que estes eram alcançados por Jesus, que na maioria das vezes os reinseria aos ambientes sociais, após da expulsão do mal que os aprisionava, para assim poderem acompanhá-lo no seguimento do caminho do Reino de Deus.

1.5 OS CAMPONESES NO CONTEXTO LUCANO

Adentrando na perspectiva de Lucas em relação à economia que perpassava sua comunidade, podemos identificar nas palavras de Moxnes, (1995, p. 79) como se constituía a economia camponesa: “Na economia antiga, grande parte da estrutura básica do pensamento ‘econômico’ era igual entre governantes e governados, mas havia enorme desigualdade em termos do poder que as partes detinham”. O antropólogo Foster (*apud* MOXNES, 1995, 79) explica como se resumia a formatação da redistribuição nas sociedades camponesas, na qual poderemos perceber a limitação dos recursos:

‘Imagem do bem limitado’ para mim significa que vastas áreas do comportamento camponês são modeladas de forma a sugerir que os camponeses concebem seus universos social, econômico e natural – seu ambiente total – como aquele do qual todas as coisas desejadas na vida, tais como terra, riquezas, saúde, amizade e amor, hombridade e honra, respeito e *status*, poder e influência, segurança e proteção existem em quantidade finita e sua oferta é sempre pequena, para o camponês... Não há meios, que estejam diretamente dentro das possibilidades reais do camponês, de aumentar as quantidades disponíveis.

Percebe-se que a economia predominante na comunidade lucana não estava totalmente separada da estrutura macrossocial (estrutura geral política). Neste sentido, a força legisladora de toda esta estrutura social era determinada por quem estava no poder: “a estrutura de poder governava os sistemas de produção e intercâmbio, que, portanto, não funcionavam de acordo com a economia de ‘livre mercado’” (MOXNES, 1995, p. 38). Como já apresentamos anteriormente, o império romano era a estrutura que agia no poder neste período. Desse modo, o ‘mercado financeiro’ transitava de acordo com suas

demandas específicas. As atividades econômicas rodeavam em torno da “família ampliada, com uma propriedade e uma economia de família [...] o objetivo específico da economia de família era permitir que a elite mantivesse o *status*, por meio de um ‘consumo ostensivo’” (MOXNES, 1995, p. 39). Conseqüentemente, a economia das elites ambicionava apenas os seus desejos e as satisfações de suas próprias necessidades (MOXNES, 1995, p. 39). Diante dessas informações, consideramos que o governo imperial não se importava, em primeira mão, com as necessidades de todas as pessoas, mas buscava responder as necessidades políticas, econômicas das elites romanas locais, inclusive por meio do uso dos exércitos caso necessário.

Partindo dessa perspectiva, é necessário observar um fator importante destacado por Horsley e Hanson (1995, p. 22), que citam Flávio Josefo em seu *Contra Apion*, que apresenta a sociedade palestinese:

Não somos um povo marítimo e não gostamos de comércio ou de relações com outros, resultantes do comércio. Nossas cidades estão situadas longe do mar e cultivamos intensivamente a terra fértil que possuímos (1.60).

A partir desta afirmação, Horsley e Hanson (1995, p. 22) entendem que Josefo supôs que as pessoas que cultivavam a ‘terra fértil’ eram os camponeses judeus em suas aldeias povoadas. Os autores acrescentam, que a economia palestinese era produzida majoritariamente pelos pobres, que trabalhavam as terras ‘excedentes’, isto é, as que sobravam daquelas terras que eram controlados pelos ricos. Isto, sem dúvida, causava vários conflitos entre pobres e ricos.

A ação primária dos ricos e poderosos para obter o controle perpassava a via do “usar e abusar do seu poder de maneira prejudicial e injusta para os camponeses” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 22). Neste sentido, o Sermão da Planície apresenta nas palavras iniciais de Jesus a esperança para estes camponeses, bem como palavras de alertas para os que estavam no poder: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” “Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação” (Lucas 6,20;24).

Para Horsley e Hanson (1995, p. 47-48) em todo o período do governo romano houve um grande descontentamento popular nas sociedades judaicas

pelo fato de que a dominação romana afetou a forma de se viver por causa dos altos impostos e taxações. Na história da sucessão herodiana, há a lembrança a respeito de Arquelau, que após a morte de seu pai, percebeu os clamores da população que pedia a redução das elevadas taxações de impostos, como também pediram que soltassem os prisioneiros políticos, presos por Herodes, que ainda estavam nas prisões. Além disso, também, reivindicavam que o sumo sacerdote fosse substituído por outro que agisse de acordo com lei e a justiça, cessando as ações coercitivas de seu pai, que mandava matar brutalmente as lideranças populares. Esses pedidos irritaram profundamente Arquelau, fato que o forçou a enviar suas tropas para calar o povo. Assim, “lançou todo o seu exército contra eles [...] Enquanto todos estavam ocupados com os sacrifícios, os soldados subitamente se precipitaram sobre as pessoas matando cerca de 3.000” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 48). A taxaçoão e a cobrança de impostos eram tão elevadas que levavam trabalhadores e proprietários de terras à ruína. Podemos observar nas considerações de Wengst (1991, p. 48) quando apresenta, um registo do séc I d.C., uma carta escrita de um proprietário de terra para o seu filho:

Se tu não vens, eu corro perigo de ter que entregar a propriedade que tenho. O meu co-proprietário não colaborou; mas ainda, sequer a cisterna foi limpa do barro e, além disso, tanto o conduto de água foi assoreado pela areia do deserto, como os campos ficaram por cultivar. Nenhum dos arrendatários queria trabalha-los. Eu sozinho pago as contribuições públicas sem receber nada. A água dá pra a irrigação de um canteiro do campo por isso vem incondicionalmente, visto as plantas correm o risco de morrer.

Dessa forma, podemos ver que os proprietários eram obrigados a pagar impostos, situação essa que fazia com que muitos vivessem endividados, com dificuldades para se manterem (como vimos no exemplo acima) ou até mesmo perdiam suas terras que iam para as mãos daqueles que tinham dinheiro para comprar ou de veteranos de guerra: militares e romanos.

Neste capítulo, é possível fazer as seguintes constatações em forma de resumo: à vista dos dados coletados no Evangelho de Lucas, podemos considerar em seu contexto imediato as características da pobreza existentes em sua comunidade: Os pobres em Lucas são pessoas que viviam no contexto do sistema de dominação romana. O sistema romano com suas tropas militares

e seus funcionários produziam nas pessoas o controle político, ideológico e social, fazendo com que incutisse na sociedade sua supremacia nas coisas materiais e imateriais. Nisto, a questão econômica era de fundamental importância, com a colocação das moedas romanas no mercado mediterrâneo, por meio do comércio e das taxações e impostos, que contribuíram para o empobrecimento da grande massa da população.

Conseqüentemente, os pobres da comunidade lucana eram alvos imediatos dessa monetarização dos bens, serviços e das relações sociais. Neste sentido, pode-se concluir que os pobres sofreram empobrecimento no conjunto do sistema da dominação da *pax romana*. Como solução proposta por Lucas, os pobres aguardavam com fé a justiça da vinda messiânica, em cumprimento a palavra proferida pelo profeta Isaías do ano jubilar de seu período. Jesus ao iniciar o seu ministério, apresenta o objetivo de sua missão dentro da sinagoga em Nazaré, após a leitura do livro de Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres” (Lc 4,18). A partir daí, aos pobres são proclamadas as boas novas do Reino de Deus que visam desmascarar e superar a opressão e exploração causadas ao povo dominado, especialmente aos empobrecidos. Dessa forma, o Evangelho de Lucas identifica os pobres na sua comunidade como sendo pessoas carentes de bens materiais e, por este motivo, podemos entender que os pobres de em Lc 6,20 são pobres em sentido literal. Com a chegada do Reino de Deus proclamado por Jesus, estes pobres são receptivos à mensagem e aos ensinamentos de Jesus, que proclamou o ano do Jubilar que põe fim a todo sistema de dominação e opressão aos pobres.

Desta maneira, com base nos textos apresentados em Lucas, entende-se que sua comunidade estava repleta de pessoas doentes, excluídas, abandonadas, empobrecidas e prisioneiras. Estas pessoas eram consideradas como inferiores, como no caso de mulheres que eram consideradas como inferiores pelo fato de serem do gênero feminino. Ocasionalmente assim, uma assimetria entre as relações que beneficiava apenas o homem segundo sua raça e cultura. Vê-se também as pessoas que eram consideradas pecadoras e imundas pelo sistema ideológico romano e religioso judaico, como os doentes. Por causa da ideia dualista do corpo puro/impuro, gerava um abismo entre os que eram considerados sã e os que tinha doenças como: cegueiras, lepras e

alguma deficiência física. Ainda existiam aquelas pessoas que eram empobrecidas pelo o sistema de taxações e juros exorbitantes cobrados pelos funcionários romanos. Este eram os camponeses. Diante do endividamento perdiam suas terras e ficavam à mercê dos poderosos. Todos estes aspectos da pobreza protagonizaram o ambiente lucano com exclusões, explorações, marginalizações e escravização. Para Jesus e a comunidade lucana, tratava-se de pessoas que careciam de amor e fraternidade.

Em contraposição aos que estão na extrema pobreza, Lucas mostra a classe dos ricos que esbanjavam seus bens e riquezas. Eles amavam o dinheiro e ostentam as riquezas, o que gerava um círculo vicioso que os faziam buscar cada vez mais dinheiro para mantivessem o *status* de riqueza. Para isso, buscavam extorquir, explorar e roubar os pobres. Em Lc 6,24, aos ricos são proclamados o 'Ai de vós' em tom denúncia e, em outros textos lucanos, como visto no capítulo, os ricos são convidados a abandonarem as riquezas através da venda dos bens e à doação aos pobres (Lc 18, 22-23). Contudo, o próprio Evangelho lucano tem ciência da dificuldade que os ricos têm de entrar no Reino de Deus por causa do amor às riquezas. Mesmo assim, tem-se o exemplo de Zaqueu, chefe dos publicanos, como uma rara exceção à adesão do Reino de Deus, visto que ele se propôs repartir seus bens aos pobres, tornando-se discípulo de Jesus, seguindo-o.

Ao analisar os aspectos apresentados por Lucas a respeito da pobreza em sua comunidade, delimita-se a pesquisa à análise de Lc 6,20 buscando melhor compreender o seu significado para os pobres.

2 ANÁLISE EXEGÉTICA DE LUCAS 6,20

No capítulo 1 trabalhou com a busca dos pobres (*ptochóis*) no evangelho de Lucas entre os textos no Novo Testamento. Neste capítulo objetiva-se aprofundar o *sitz im lebel* de Lucas 6,20. Para isto, interpreta-se o texto de Lucas 6,20 a partir do método exegético histórico-crítico que nos auxiliará na compreensão da natureza do texto lucano.

2.1 DEFINIÇÃO E PRESSUPOSTOS

Exegese é uma ciência de interpretação comumente usada pelos pesquisadores e biblistas. A exegese segundo Wegner (2016, p. 26) deriva-se do termo grego *exeges* que tanto pode significar uma descrição, narração, apresentação, como também explicação e interpretação. Na interpretação de Silva (2000, p. 29) a exegese tem a tarefa de buscar a compreensão do texto bíblico em si mesmo, bem como suas ideias, intenções, as relações das formas com outros textos e a forma literária dos textos.

Segundo as considerações de Wegner (2016, p. 23) a exegese tem como propósito aclarar aos pesquisadores as situações descritas nos textos que abrangem: como o texto foi narrado em seu momento imediato e como pode tornar-se compreensível e transparente para o leitor mesmo em uma época e cultura totalmente diferente. Dessa forma, faz-se necessário a aplicação exegética do texto, pois como bem ressaltado por Wegner, existirá os obstáculos por causa de nossos “condicionamentos culturais, religiosos e ideológicos” o que dificultará a interpretação de “textos bíblicos de forma neutra e completamente objetiva” (WEGNER, 2016, p. 23). A outra tarefa da exegese encontra-se em “permitir que possa ser ouvida a intenção que o texto teve em sua origem, à parte do filtro que representam nossos condicionamentos como leitores” (WEGNER, 2016, p. 23).

Ademais, com base nesses pressupostos, observa-se primeiramente alguns tipos de interpretações que foram aplicadas em Lucas 6,20 para observarmos as diversidades de perspectivas em um só texto. Ao final mostraremos a abordagem que assumiremos em nossa pesquisa.

2.2 PERSPECTIVAS DE LEITURAS BÍBLICAS

Para compreensão do texto em sua amplitude optou-se, portanto, por trabalhar com o bloco de maior narrativa em Lucas 6,20-26 para o entendimento da crítica literária da perícopes.

2.2.1 Leitura Conservadora

O que seria uma abordagem conservadora? Com base em Nogueira (2002, p. 41-42) é uma leitura conservadora, cuja hermenêutica bíblica é conduzida por um sistema doutrinário, que considera que o escritor se fundamenta em premissas como: a divindade de Cristo, nascimento, a redenção pelo sangue de Cristo, sua ressurreição corpórea, a segunda vinda de Cristo e a pecaminosidade do homem. Existe também um outro pressuposto basilar de que a Bíblia é inerrante, porque refere-se principalmente a tudo o que é preciso para conhecer a Deus.

Para Zabatiero (2006, p. 62-63) a hermenêutica conservadora é composta por quatro características: o *Doutrinarismo* – é a forma de interpretação que identifica um bloco de dogmas como verídico e a partir daí fornece mecanismos para identificar os cristãos verdadeiros e os falsos; o *Moralismo* – é a forma de interpretação que o próprio ideário moral é camuflado, justificando o que o autor diz ser a própria ética cristã; o *Espiritualismo* – é a forma de leitura que identifica os textos bíblicos como inspirações vindas diretamente do Espírito Santo, deixando de lado o contexto histórico, em suma, é uma leitura plenamente alegórica; e o *Individualismo* – a forma de interpretação do texto que parte de uma leitura subjetiva do próprio leitor e dependerá da sua intenção de como encontrar ‘o que Deus quer revelar para mim’.

Para exemplificar, serão apresentadas nesse bloco alguns autores que utilizam a abordagem conservadora do texto de Lucas 6,20:

Para Wiersbe (2009, p. 174), o interesse da mensagem de Jesus encontra-se no relacionamento dos discípulos com as posses. As pessoas que o estavam seguindo, em sua grande parte, eram pobres e não tinham o básico do dia a dia. Invejavam os ricos e ansiavam ser como eles. Jesus deixa claro

que ser rico não é pecado, contudo é pecado confiar nas posses e pensar que é mais especial aos olhos de Deus por possuir riquezas; ao contrário, o caráter é mais importante do que as posses.

Para Barclay (1995, p. 69), o evangelho de Lucas está ligado com o evangelho de Mateus, onde Jesus contrapõe as ideias estabelecidas socialmente pela ótica da inversão, ou seja, os que são considerados para o Reino de Deus como felizes. Na perspectiva social antiga, tratava-se dos mais desprovidos. Por outro lado, os que eram considerados mais ricos pela sociedade, na compreensão do Reino eram os mais infelizes. O autor firma sua tese com base em Lc 6,24, onde Jesus diz: “Ai de vós, ricos! Porque já tendes vosso consolo”. Barclay compreende que entregando o coração e as energias a Deus, sendo totalmente fiéis e leais, “seremos considerados desventurados pelo mundo, mas o pagamento chegará, e quando chegar teremos alegria eterna” (p. 69). O ensino de Jesus conclama abandonar o mundo, pois esse é o único caminho que asseverava no final da vida à felicidade. Logo, “a alegria do céu compensará amplamente as dificuldades na Terra” (p. 69).

Partindo para outra interpretação de Lucas 6, 20, temos nas palavras de Jones (1999, p.38) em seu livro, “Estudos no Sermão do Monte”, algumas recomendações partindo de Mateus, onde introduz um comentário:

Existem aqueles que dizem que este versículo deveria ter sido traduzido como segue: “Bem-aventurados em espírito são os pobres”. E parece que eles contam com determinada dose de apoio, nessa sua opinião, quando apelam para a passagem paralela, isto é, Lucas 6,20

O autor compreende que a bíblia não está louvando o pobre, porque ele está nessa condição: “Porquanto em parte alguma as Escrituras ensinam ser a pobreza algo tão bom assim. Um homem pobre não está mais próximo do reino dos céus do que um homem rico [...] não há mérito nem vantagem na pobreza” (JONES, 1999, p. 38). Destarte, a compreensão de Jones (1999, p. 38) sobre o capítulo 6 de Lucas vê a pobreza como um aspecto espiritual:

penso que se tornará perfeitamente claro que nosso Senhor estava se referindo ali aos humildes, ou seja, àqueles que não exibem o jactancioso espírito do mundo, por assim dizer, pobres somente no sentido que eles não dependem das riquezas materiais.

O autor compreende que os pobres em Lucas são aqueles “humildes” que Jesus os considera, porque são desprovidos e desapegados das riquezas materiais.

Para Champlim (1995, p. 64) o Sermão da Planície e o Sermão do Monte estão em paralelo, ambos não são “relatos de um sermão isolado [...] pois, a geografia não passa de uma armação teatral [...] nem todas as declarações têm a mesma aplicação ou interpretação”. A compreensão das bênçãos para Lucas é expressa apenas para aqueles que estão em condições desfavoráveis, os pobres, em contrapartida, os ricos estão desfrutando suas riquezas, de maneira que zombam e ignoram estes pobres. Em virtude disto, os ricos são denunciados como tiranos, pois “cometem atos graves de iniquidade, ao passo que os pobres aprendem a depender de Deus, desenvolvendo-se espiritualmente” (p. 64). Assim, as palavras de Jesus acrescentam que os ricos terão grandes dificuldades para entrar no Reino de Deus, pois estão apegados às riquezas.

Diante desses aspectos apresentados pelos autores sobre Lucas 6, 20, pode-se considerar como leituras conservadoras, cujo conteúdo não contempla uma leitura aprofundada do texto imediato, ou seja, são abordagens que visam priorizar doutrinas e ensinamentos em espaços sofisticados e de ensino, impossibilitando assim, a aplicabilidade de uma leitura mais crítica do conteúdo do texto.

2.2.2 Leitura Histórico-Crítica

Para Wegner (1998, p. 17-18) a leitura histórico-crítica é mais usada nas análises bíblicas, porque além de saber lidar com fontes históricas antigas, consegue analisar a perspectiva evolucionar juntamente com a história, demonstrando diversos estágios gradativos até o momento atual. A crítica utilizada por esta abordagem questiona a interpretação bíblica alegórica, prezando por um aprofundamento de seu sentido histórico e contextual. Possui uma característica racional e questionadora, tendo recebido influências do iluminismo.

Inicialmente, em um comentário sobre o evangelho de Lucas, Witt (2001) faz uma consideração a respeito do Sermão da Planície: a região da

Galileia, local onde Jesus vocacionou os seus discípulos. Após subir ao monte, passou a noite orando a Deus. Ao amanhecer, desce para um local plano para aguardar os seus seguidores e seguidoras. A sua fama se espalhou pelas proximidades, o que motivou aquele(a)s a estarem presentes no local para ouvir os seus ensinamentos e serem curados das enfermidades.

O discurso de Jesus tem como público alvo as pessoas que esperam por ele na planície. Em sua proclamação divulga as bem-aventuranças para aqueles que são normalmente nomeados como desventurados. Logo após, pronuncia quatro bem-aventuranças que correspondem aos quatro 'ais', proclamando como infelizes aqueles que pensavam que já haviam alcançado a felicidade. A pobreza destacada por Lucas enfatiza o exterior material. Sendo assim, as pessoas alcançadas estão sobrevivendo em virtude da miséria. As três bem-aventuranças são o desdobramento da primeira: aos que tem fome, choram e estão sendo rejeitados. Essa categoria de pessoas pobres é caracterizada pelos que não têm como recorrer em defesa própria, dependendo assim, da esperança do Deus de justiça. A classe que dispõe de mais riqueza é considerada como infeliz, por desfrutar de tanta abundância a ponto de depositar nela toda a sua esperança, confiança e sentido de vida.

Cooperando com a mesma concepção de que as três primeiras bem-aventuranças partem da primeira, como exemplo, utilizo-me da consideração de Casalegno (1988, p. 10) que cita em seu artigo:

No discurso da planície, a categoria dos pobres é posta em relação com a dos que têm fome (peinôntes) e com a dos que choram (klaiôntes) [...] de fato, as três primeiras bem-aventuranças referem-se à mesma categoria social, considerada segundo perspectivas complementares.

Assim, a mensagem de Jesus tem o interesse primordial: os pobres, famintos e os que estão chorando em sua situação de precariedade, por causa do grande contraste que existe entre a classe empobrecida e os ricos. Os pobres são chamados de bem-aventurados porque estão na miséria e em situações econômicas críticas, comovendo assim, o coração de Deus (CASALEGNO, 1988, p. 26).

A partir dos aspectos apresentados, no tocante os pressupostos teóricos metodológicos conservadores, seguiremos na abordagem histórico-

crítica. Essa abordagem nos possibilitará uma apresentação da narrativa Lucas 6,20 que difere das interpretações conservadoras relatadas anteriormente.

2.3 EXEGESE DE LUCAS 6,20

Para compreensão do texto em sua amplitude optaremos, portanto, continuaremos a trabalhar a perícopie alvo, buscando o entendimento e ambiente imediato do Sermão da Planície.

2.3.1 Análise Literária

Neste capítulo buscamos o aprofundamento do texto de Lucas 6,20-26 em sua amplitude. Para isso, Weber (2016, p. 112) apresenta como tarefa a análise literária também conhecida como ‘crítica literária’. Esta ferramenta abrange a delimitação do texto, a observar das partes diferenciáveis que compõem o texto e se o corpo do texto forma uma estruturação orgânica e coerente no seu desenvolvimento. Neste seguimento, procuraremos a seguir buscar a coesão interna do texto de Lucas 6,20-26.

2.3.1.1 Delimitação da Perícopie de Lucas 6,20

V20: “Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia:”

Nesse primeiro trecho, temos antes do discurso do Sermão da Planície uma introdução que antecede as palavras: “Erguendo [...] os olhos para os seus discípulos” (Lc 6,20). Aqui, extraímos do texto a palavra: ‘então’ que causa uma sensação de que o contexto anterior de Lucas 6,12-19 forma uma unidade complementar de Lucas 6,20:

- A perícopie anterior – Lucas 6,12-19
 - Apresenta a chegada de Jesus para orar à noite inteira na montanha, mostrando a localização geográfica (6,12), que antecede o Sermão da Planície (6,20-47);
 - Depois que amanheceu, chamou os discípulos e elegeu doze entre eles (6,13-15);

- Tendo descido com os doze, parou em um local plano, onde havia numeroso grupo de discípulos e imensa multidão de pessoas de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidônia (6,17);
- O autor lucano expõe o motivo daqueles presentes que vieram para ouvi-lo e serem curados de suas doenças, como também os atormentados por espíritos impuros que eram curados (6,18);
- Todas e todos que estavam presentes naquele local tinham grandes expectativas sobre Jesus e por isso procuravam tocá-lo, pois dele saía uma força que a todos curava (6,19).

Podemos observar na perícopre anterior as principais ideias apresentadas:

1. Jesus indo ao monte para orar;
2. No outro dia, elegeu doze discípulos;
3. Após a nomeação de seus discípulos, Jesus vai até um local plano, onde encontra um numeroso grupo de discípulos e uma imensa multidão.

Buscando observar os personagens principais apresentados nesta perícopre, temos:

1. Jesus e seus discípulos no monte;
2. Ao ir para um local plano, encontra um grupo de discípulos, como também pessoas de toda Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidônia;

Ao olhar para a estrutura da perícopre, podemos perceber uma mensagem central:

1. Jesus é alguém esperado por todas e todos, o qual trará esperança e libertação para que crer.
- Perícopre posterior – Lucas 6,27-49
 - Apresenta Jesus em continuação ao seu ensino no Sermão da Planície, trabalhando sobre as temáticas que contrapõem à lógica predominante do ambiente social do século I, evocando o amor àqueles que são seus próprios inimigos e praticando o bem para com eles (6,27), bendizer e orar por aqueles que estão vos difamando (6,28), também dá a face para aquele que o feriu e dá a

quem te pedir, como não reclamar daquilo que for retirado de você (6,29-30);

- Trabalhando em outra temática, Jesus ensina os discípulos a serem misericordiosos como vosso Pai é (6,36), não julgar, para não ocorrer juízo para si mesmo. O objetivo encontra-se na prática do perdão, pois na mesma medida que perdoardes, será perdoado. O mesmo acontece com a proposto de dar, pois vos será dado em medida recalcada, sacudia e transbordante (6,37-38);

- Jesus continua o seu ensinamento, agora, abordado a temática do zelo: não existe um discípulo maior ou superior ao seu mestre, pois todo o discípulo será igualmente aquele (6,39-40);

- O último tema trabalhado no Sermão da Planície é sobre a necessidade da prática: Jesus fala da questão que ocorre àqueles que o chamam de 'Senhor! Senhor!', todavia não praticam as orientações que ele diz (6,46);

- No Capítulo 7, encerra com as palavras: "Quando acabou de transmitir aos ouvidos do povo todas essas palavras, entrou em Cafarnaum" (7,1).

O que podemos extrair deste bloco narrativo posterior a Lucas 6,20-26? Vemos que especificamente na perícopre posterior, onde são trabalhados os temas que fala sobre: o amor aos inimigos (6,27-35), a misericórdia e gratuidade para com outros (6,36-38), a condição do zelo para com aquele que é seu mestre (6,39-45), e a necessidade de colocar em prática tudo que foi falado por Jesus (6,46-49). Todas essas temáticas são complementos de Lucas 6,20-26. Contudo, não apresentam quem as pessoas a quem Jesus está ensinando, nem o local que estes ensinamentos estão sendo aplicados.

Na perícopre anterior, são trabalhadas a localidade, a escolha dos doze discípulos de Jesus (6,12-15), também é apresentado o local específico onde estava Jesus, juntamente com os doze, um numeroso grupo de discípulos e uma imensa multidão de pessoas de toda Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidônia que buscava ouvi-lo e procurando a cura de todas as doenças e espíritos impuros (6,17-18). Todas as pessoas que estavam em volta de Jesus, procuravam tocá-lo, porque dele saia uma força curadora (6,19).

A partir de todos estes aspectos apresentados, temos, portanto, a escolha do recorte da perícopie em Lucas 6,20-26, que trabalha na integra quem são os pobres que autor lucano demonstra nas palavras de Jesus: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (6,20).

Quem são os pobres? Como vimos anteriormente os pobres tem como habitação nas localidades: Judeia, Jerusalém, da costa marítima de Tiro e de Sidom.

2.3.2 Estrutura de Lucas 6,20-26

QUADRO1. ESTRUTURA DA NARRATIVA DO SERMÃO DA PLANÍCIE

6,20a	
Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia:	
6,20b	6,24
Felizes vós, os pobres , porque vosso é o Reino.	Mas, ai de vós, ricos , porque já tendes a vossa consolação!
6,21	6,25
Felizes vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes vós, que agora chorais, porque havereis de rir.	Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome! Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas!
6,22	6,26
Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do homem.	Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas.
6,23	
Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas.	

A partir deste quadro ilustrativo sobre o Sermão da Planície, alcançamos a ideia estrutural da perícope que perpassa a seguinte estrutura:

1. Introdução: “Erguendo então os olhos para seus discípulos, dizia:” (6,20a);
2. Corpo: “Felizes vós, os pobres” (6,20b) e “Ai de vós, os ricos” (6,24)
3. Conteúdo: “Felizes vós, que agora tendes fome, chorais [...] Felizes sereis quando vos odiarem, rejeitarem, insultarem e proscreverem o seu nome com infame” (6,21-22); “Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação, agora estais saciados, agora rides” (6,24-25);
4. Conclusão: “Alegrei-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa” (6,23).

Apoiado nas considerações apresentadas pelo autor de Lucas, chegamos à estrutura que apresenta um constante contraste entre os versículos. Os principais personagens que representam estes contrastes são os pobres e ricos. A seguir, identificaremos as relações de convergência e oposição dentro da perícope.

2.3.2.1 Relação de Convergência, Oposição e Paralelismo

Os elementos que constituem o texto de Lc 6,20-26, possuem algumas características e expressões específicas em sua semântica. Temos como ferramenta a expressão ‘inventário’ que foi construída como uma “linguagem comercial, onde indica o complexo dos objetos e as suas subdivisões em grupos” (EGGER, 2005, p. 93). A partir da reunião desses grupos de palavras apresentadas no texto, entraremos classes:

Pobres	Ricos
Felizes	Consolação
Fome/ Choro	Saciados/ Risos
Odiados/rejeitados/insultados/excluídos	Elogiados

Percebemos aqui na primeira coluna as oposições semânticas que se revelam aos pobres: a fome, o choro, são odiados, rejeitados e insultados. Em oposição na segunda coluna temos os ricos: risos, consolação e são elogiados. Para Wegner (2016, p. 120) esse tipo de estrutura é chamado de paralelismo sinonímico, cuja estrutura inicial apresenta a mesma ideia repetida com outras palavras. Ao observarmos no texto, há a convergência entre Jesus e os pobres pelo fato daquele direcionar palavras de felicitações para estes que agora estão famintos, chorando. Em contrapartida, temos a oposição de Jesus à postura dos ricos que já têm a consolação, estão saciados e rindo.

No reagrupar dos dois grupos em questão, podemos observar a inversão das relações sociais que nomeia como felizes os ricos que estão supridos por suas riquezas. A partir do Sermão da Planície propagado por Jesus, temos uma nova perspectiva apresentada do Reino de Deus:

	Pobres	Ricos
Reino de Deus	Felizes	Consolação
	Saciados	Fome
	Havereis de rir	Luto e as lágrimas
	Nos céus será grande a recompensa	Falsos profetas

A partir deste momento, temos, portanto, uma nova reestruturação na organização de ideias contidas no texto, onde percebíamos os pobres como pessoas que no primeiro momento passavam fome, choravam, também eram odiados, rejeitados, insultados e excluídos. Os ricos estavam saciados, sorriam e eram elogiados. Com a chegada do Reino de Deus, através do movimento de Jesus, temos a ideia da inversão e a confrontação de duas ideias: bênçãos para os pobres, estruturado em forma de: felizes ou bem-aventurados; e lamentações para os ricos, iniciado pela formatação: “Ai de vós”.

Entre os versículos dentro do texto, temos algumas apresentações em formato de paralelismo dos personagens nos v. 21 e 25:

(a) Felizes vós, (os pobres)	(a) que agora tendes fome
(a') Felizes vós, (os pobres)	(a) que agora chorais
(b) Ai de vós, (os ricos)	(b) que agora estais saciados
(b) Ai de vós, (os ricos)	(b) que agora rides

Este tipo de paralelismo enquadra-se na perspectiva já citada acima como uma das categorias de paralelismos sinonímicos cuja função é apresentar “a mesma ideia repetida com outras palavras” (WEGNER, 2016, p. 120). Vemos entre a estrofe ‘a’ e ‘b’ um paralelismo, bem como nesses dois conjuntos, notamos uma relação de oposição entre os pobres e os ricos. Esta relação interna nos permite perceber as divergências apresentadas pelo autor lucano em: “Felizes vós, os pobres” (aparece quatro vezes na perícopé); e os ricos “Ai de vos” (aparece quatro vezes na perícopé). Temos outra consideração que intensifica a oposição entre os felizes e os ‘ais’:

Quadro ilustrativo 1

	Felizes vós v.20		Promessa
(a) Felizes	agora tendes	fome v.21	sereis saciados
(a) Felizes	agora	chorais v.21	havereis de rir

Quadro ilustrativo 2

	Ai de vós v.24		Promessa
(b) Ai de vós	agora estais	saciados v.25	tereis fome
(b) Ai de vós	agora	rides v.25	conhecereis o luto/lágrimas

Quadro ilustrativo 3

	Felizes sereis v.22		Promessa
(a') Felizes sereis	quando vos	odiarem v.22	sereis saciados
(a') Felizes sereis	quando vos	rejeitarem v.22	havereis de rir
(a') Felizes sereis	quando vos	insultar/difamar v.22	havereis de rir

Quadro ilustrativo 4

	Ai de vós v.22	Promessa
(b') Ai de vós	quando vos bendizerem v.22	sereis saciados

Podemos observar a relação interna do conjunto 'a' e 'b'. Na divisão entre as palavras: felizes/fome e felizes/chorais; ai de vós/saciados e ai de vós/rides encontra-se o advérbio agora. Neste sentido, podemos ver no quadro ilustrativo 1, no conjunto 'a', que o autor de Lucas apresenta como pessoas felizes aqueles que no momento atual, estão passando fome e chorando. Ainda para este grupo, presenciamos no quadro ilustrativo 3, no conjunto 'a'; que estes chamados de felizes, serão aqueles que por causa do Filho do Homem estão sendo: odiados, rejeitados, insultados e difamados. Tendo assim, a promessa: saciedade e alegria (6,21), como também é prometido que “naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa” (6,23).

No quadro ilustrativo 2, no conjunto 'b', observamos alertas pela expressão: 'ai de vós'. Para estas pessoas que já estão saciadas e riem, recebem palavras de que terão fome e a alegria será convertida em luto e lágrimas (6,25), e também são alertados que as felicitações que agora recebem são “do mesmo modo seus pais tratavam os profetas” (6,26).

Pode-se concluir, portanto, que a esquematização de Lc 6,20-26, propõem uma relação de convergência entre Jesus e os pobres, e aos ricos são apresentadas palavras de confrontação. Na introdução da perícopé, vemos Jesus olhando para suas discípulas/discípulos e uma multidão de pessoas que estavam na expectativa de ouvi-lo, serem curada(o)s de suas doenças, a cura de tormentos causados por espíritos impuros (6,18-19). Para estas pessoas, são proferidas palavras de bênçãos, enquanto para os ricos, são apresentadas palavras de alerta.

No bloco maior de narrativa, temos a relação de oposição entre os pobres que são considerados felizes mesmo diante da presença literal da fome e choros causados pela exclusão/rejeição, difamação, ódio e insultos. E aos ricos são destinadas palavras de alertas, pois já possuem a consolação (6,24). Neste seguimento, por gozarem de saciedade e alegria, terão seus prazeres e satisfações convertidas em fome, tristeza e luto (6,25).

Portanto, em Lucas 6,20-26, observamos o paralelismo entre os versículos conforme apresentados, como também a estreita relação de

convergências entre Jesus e os pobres, e entre Jesus e os ricos, temos a relação de oposição.

2.3.3 Teoria das duas fontes

Nos evangelhos sinóticos encontramos similaridades. No capítulo 1, trabalhamos na busca do termo *ptochós* nos outros Evangelhos. Existe o que chamamos de problema sinótico entre os Evangelhos sinóticos. Para compreendermos um pouco sobre a teorias das duas fontes observaremos algumas considerações de Wegner (2016, p. 138) o Evangelho de Marcos é considerado o primeiro livro a ser compilado, de modo que, este serviu de fontes literárias para confecção de Mateus e Lucas; além do mais, Wegner afirma que Mateus e Lucas teriam usado uma segunda fonte denominada de 'fonte Q' ou 'fonte dos ditos'.

Para Kümmel (1905, p. 60) a comparação entre os três Evangelhos sinóticos mostra uma notável semelhança no tocante ao material entre Mateus/Marcos e Lucas/Marcos; diferentemente de Mateus e Lucas, Marcos não se encontra em nenhum dos anteriores. Neste sentido, afirma que o material registrado por Marcos está contido quase por completo em Mateus/Lucas ou em Mateus e Lucas.

Partindo para as considerações de Koester (2005, p. 50) a solução do problema sinótico que foi amplamente aceita foi a 'hipótese das duas fontes', mas ainda existem objeções da existência da *Fonte dos Ditos (Q)*. Todavia, em suas próprias palavras afirma que:

Deve-se presumir, portanto que 'Q' foi realmente a fonte escrita, mas que Mateus ou Lucas, ou ambos, também usaram essa fonte com bastante liberdade ou que cada um deles teve acesso a diferentes estágios desse desenvolvimento.

Dessa forma, podemos afirmar, diante dos aspectos e similaridades que os autores apresentaram, que Marcos foi a fonte base para Mateus e Lucas, como também Mateus e Lucas continham materiais especiais, os quais levaram "à sugestão de duas fontes adicionais, uma para os materiais

especiais de Mateus (identificada como 'M') e outra para [...] Lucas (identificada como 'L')" (WEGNER, 2016, p. 50).

A partir desses aspectos, observaremos, portanto, as semelhanças contidas em Lucas 6,20 e Mateus 5,3, onde apresentam o discurso inaugural de Jesus em seus Sermões, tendo como proposta expor uma nova concepção na história. Buscaremos aqui identificar as similaridades existentes entre os dois Sermões para assim, verificar os acréscimos entre as passagens.

2.3.3.1 Comparação do Sermão da Planície e o Sermão do Monte

Lucas 6,20-26 (Sermão de Planície)	Mateus 5,1-12 (Sermão da Montanha)
Erguendo então os olhos para os seus discípulos, dizia: Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus .	Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se se aproximaram dele os seus discípulos. E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo: Felizes os pobres no espírito , porque deles é o Reino dos Céus . Felizes os mansos porque herdarão a terra. Felizes os aflitos, porque serão consolados.
Felizes vós, que agora tendes fome , porque sereis saciados.	Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados.
Felizes vós, que agora chorais , porque havereis de rir	Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados de filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus
Felizes sereis quando os homens vos	Felizes sois, quando vos injuriarem e

odiam, quando vos rejeitarem, insultarem e proscriverem vosso nome como infame, por causa do Filho do homem.	vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim.
Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas.	Alegrai-vos e regozijai-vos, porque grande será a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que viera, antes de vós.

A partir do quadro ilustrativo apresentado, observaremos as nuances contidas entre os Sermões e seus acréscimos. Infelizmente não faremos um aprofundamento das questões, pois apenas buscamos um referencial teórico nas questões em voga.

Nas primeiras estrofes que iniciam os Sermões, já podemos perceber a grande diferença no público de Jesus. Lucas apresenta Jesus que sai de uma longa noite em oração (6,12), no outro dia, chama seus discípulos e dentre eles escolhe os doze (6,13), logo após, Jesus sai/vai para em um local plano, onde avista numerosos grupos de discípulos e imensa multidão de pessoas que tinham vindo para ouvi-lo e serem curados de suas doenças. Os atormentados por espíritos impuros também eram curados (6,17a-18).

Em Brown, podemos ver que o evangelho de Mateus, especificamente no Sermão do Monte, possui uma “harmoniosa obra-prima de ensinamento ético e religioso. Mais do que qualquer outro mestre de moralidade, o Jesus mateano ensina [...] com autoridade [...] paralelos entre Moisés e o Jesus de Mateus” (BROWN, 2012, p. 269). Pela concepção que se constrói este autor, Mateus está estritamente imbricado com o mediador Moisés do Antigo Testamento, ao passo em que se pode observar a partir da construção em Mateus, onde Jesus sobe a montanha e conversa com seus discípulos (5,1-2), rememorando a figura de Moisés quando subiu ao monte Sinai para falar com Deus (Êx 19,3-8), como também, de igual modo recebeu Moisés as novas instruções nas tábuas da lei, no monte (Êx 34,1-8), fazendo a mesma referência da vontade de Deus, temos Jesus expondo a vontade de Deus com as bem-aventuranças (Mt 5,3-12).

Em paralelo com Brown, percebemos a mesma compreensão em Koester onde acrescenta que especialmente em (Mt 5-7), temos os ensinamentos de Jesus que “são dirigidos a uma comunidade e que têm o propósito de regular a conduta moral e religiosa dessa comunidade” (KOESTER, 2005a, p. 94). Os elementos destacados pelos autores anteriormente recebem uma grande amplitude estrutural que harmoniza fatos que já ocorreram no Antigo Testamento e, agora, tem-se o cumprimento no Novo Testamento em Jesus como podemos ver em Kümmel, onde afirma que os ditos proferidos querem “provar que Jesus é o objetivo da revelação de Deus contida no Antigo Testamento” (KÜMMEL, 1982, p. 135). Encontramos também outro ponto consensual entre os autores²⁰ quando fazem alusão ao Sermão da Montanha, especificamente na expressão: “pobres em espírito”, onde apontam o interesse do autor mateano em descrever para sua comunidade a frase espiritualizante que tem o propósito de uma metáfora, uma qualidade daquele(a) que está diante do Reino dos Céus.

Desta forma, Brown (2012, p. 270) clarifica que essa ‘espiritualização’ se estende aos acréscimos das palavras:

pobre em espírito; famintos e sedentos de justiça” e “mansos; misericordiosos; puro de coração; os que promovem a paz [...] o evangelista quer que elas saibam que existe algo mais de Jesus para elas também, desde que tenham atitudes sintonizadas com o reino.

Segundo a citação anterior, o autor busca apresentar aos seus leitores que a classificação da expressão pobres em espírito em Mateus não é no sentido literal, pois a partir da nova ótica do Reino dos Céus as pessoas são capazes de serem mansas, misericordiosas, puras de coração e procurarão promover a paz pelo motivo de estarem sincronizadas com o Reino, possibilitando serem sal e luz do mundo (Mt 5,13-16).

Podemos perceber que existem diferenças entre o Sermão de Lucas e o Sermão de Mateus. Os pobres de Lucas são pessoas que passam por situações de fome, choros e perseguições no sentido literal. Já ‘os pobres de espírito’ em Mateus, são pobres no sentido espiritual. Aos pobres em Lucas, podemos ver nas palavras de Jesus que o Reino de Deus pertence aos pobres

²⁰ Para esta estrutura, tomamos como base os estudos de Richter Reimer (1992, p. 64-65), e Brown (2012, p. 270).

(6,20). Diferente de Mateus que utiliza a expressão Reino dos Céus a qual evoca o mesmo sentido de Lucas.

2.3.4 Análise das Formas: Gênero Maior

Na análise das formas, temos como objetivo compreender o texto a partir do olhar do autor em sua estrutura. Para isso necessitamos observar os personagens e a mensagem geral da perícopie escolhida. Neste seguimento, é preciso trilhar nos estudos sobre as formas literárias. As formas literárias apontam que existem dois blocos, quais sejam: os gêneros literários maiores e os gêneros literários menores. Os maiores são os evangelhos, as cartas, atos e apocalipse. Os evangelhos são narrativas que contam as histórias de Jesus e ilustram a vida de homens na antiguidade, bem como relatam as várias formas de vida e experiências religiosas de pessoas e comunidades, que ficaram registradas como expressão de sua fé e esperança (WEGNER, 1998, p. 181).

Já os gêneros literários menores, de acordo com Wegner (1998, p. 184), podem ser classificados de duas maneiras: Narrativos – apresentam os eventos miraculosos de Jesus, sua história e paixão; Discursivos – são relatos, ditos e as parábolas de Jesus, e aqui se encontram também as bem-aventuranças. Existem outros gêneros menores, como: paradigmas, controvérsias, diálogos didáticos e etc.

Segundo compreende Silva (2007, p. 33-34) o termo “bem-aventuranças” é caracterizado como um gênero literário que segue uma estrutura esquematizada, na qual o autor determina a forma do texto por meio de figuras de linguagem. As figuras de linguagem organizam a análise estilística, proporcionando uma melhor expressividade, vivacidade e colorido para o próprio texto. Na linguagem literária, podemos encontrar três tipos de gramáticas: figuras de pensamento ou de retórica, figuras de construção ou de sintaxe e figuras de palavras ou de estilo.

Compreende-se que as bem-aventuranças são gêneros literários organizados a partir de figuras de linguagens que possibilitaram uma maior mobilidade compreensiva do texto. Sabe-se que a linguagem das bem-aventuranças é chamada de antítese e significa confrontação de ideias. Neste

sentido, em Lucas 6,20, podemos perceber a figura retórica onde é perceptível no próprio Sermão da Planície, palavras de bênção, como também alertas.

O gênero literário²¹ no texto visa à inovação e o maior potencial para mudança. É a relação que existe entre a forma e o conteúdo da escrita. Desse modo, a partir daqui, utiliza-se a forma mais antiga de divisão de texto: *simbulêuticos* – levam os leitores a uma ação; *epidícticos* – são leituras que impressionam os leitores; e *dicânicos* – leituras que esclarecem uma decisão. O autor entende ainda que o gênero no Sermão da Planície possui a natureza *protréptica*. A *admonição protréptica* tem como fundamento um discurso que cativa os ouvintes para uma escolha fundamental, que no caso, é o caminho cristão (BERGER, 1998, p. 20-21)

Partindo deste princípio, conclui-se que as bem-aventuranças têm como fundamento o caráter da exortação ou de um alerta sobre a escolha entre dois caminhos: um para aqueles que são chamados de “bem-aventurados” e o outro está em oposição, recebendo a admoestação: “ai de vós”. O intento da *admonição protréptica* é aclarar aos ouvintes sobre as duas possibilidades para o caminho da vida. Assim como no Antigo Testamento, as bem-aventuranças foram usadas pelos profetas como boas novas de alegria, no Novo Testamento, temos as mesmas estruturas que agora são transmitidas por Jesus que age com poder e justiça na história (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 75).

O Sermão da Planície traz em seu conteúdo central, bênçãos para os empobrecidos. A partir das considerações de Coenen e Brown (2000, p. 212-2128) a expressão *makários* é oriunda da palavra “*makar*” que significa a libertação das preocupações de todos os dias. Tem a intenção descritiva: como uma condição. Aqueles que usufruem dessa expressão são considerados felizes. A terminologia da palavra *makários* ocorre com frequência na linguagem formalizada de *makarismos* (“bênção”), demonstrando como “bem-aventurado é aquele que...” [...], evocando o sentido de congratulação, na qual tem a ideia de prestigiar uma pessoa por causa da comemoração de um evento feliz. Neste sentido, encontramos em Lc 1,40-45, Isabel saudando Maria e a confirmação do sinal de que Jesus estava no ventre de Maria (1,41). Vemos

²¹ Tomamos por base as considerações principalmente em Berger (1998).

que a pessoa que é nomeada como bem-aventurada é aquele que crê na promessa de Deus (1,45).

Continuando nesta premissa, conseguimos identificar que a mesma expressão *makários* é utilizada no Sermão da Planície. Aqui se encontra a descrição específica da situação com a qual estão enfrentando: “Felizes vós, que agora tendes fomes [...] Felizes vós, que agora chorais” (6,21). Também a palavra *makários* é utilizada para aquele(a)s que são discípulos de Cristo (10,23). Novamente presenciamos Jesus chamando de *makários* as pessoas que ouvem suas palavras observam (11,27-28).

Partindo do termo *makarioi* utiliza-se: ‘bem-aventurado aquele que é [...], no sentido de dizer a característica moral e ética da pessoa. Em Lucas 12,41-47, Pedro conversa com Jesus a respeito da parábola do administrador. Jesus identifica a característica daquele administrador demonstrando como seus seguidores precisam serem (12,43). Noutro momento, ainda falando sobre a ética do Reino de Deus, Jesus conta uma parábola sobre a escolha dos convidados de uma festa, onde podemos verificar que, as verdadeiras pessoas que precisam ser convidadas são aquelas que não têm como retribuir o convite para a festa: os estropiados, os coxos, os cegos e os pobres (14,13), e aquele chamado para esta festa será considerado para o Reino de Deus um *makarioi*, sendo recompensado no dia da ressurreição dos justos (14,13b).

Em resumo, compreendemos que Lucas utiliza-se do gênero literário de natureza *protréptica*, o qual apregoa a figura de linguagem da retórica: as bem-aventuranças que tem o sentido de parabenizar os pobres por aquele *status* em condições literais e espirituais; também temos ao contrário das bem-aventuranças, alertas aos ricos representados como: “ai de vós”.

2.3.5 Análise da História

Como já trabalhado em tópicos anteriores sobre a história dos pobres no contexto do império romano, buscaremos apresentar somente alguns pontos como: a economia e as relações assimétricas dentro do império. Segundo Reimer e Richter Reimer (2011, p. 182-183) em todo o período do século I, a forma de funcionamento em termos sociais e econômicos era baseada de acordo com a lógica de produção tributária, pode-se dizer que a

formatação mais predominante neste momento é a posse de terras oriundas das famílias, clãs e tribos. Desse modo a terra é um bem fundamental para a comunidade, bem como para as famílias. A base fundamental de governo dessas famílias era basicamente patriarcal, tendo como o *pater familias* a autoridade desta unidade. Cooperando como esta mesma premissa, podemos ver nas palavras de Moxnes, no tocante aos assuntos que abrangem a economia, que: “a unidade econômica dominante era a família ampliada, com uma propriedade e uma economia de família [...] subordinada, portanto, seus objetivos específicos” (MOXNES, 1995, p. 39). Neste sentido, pode-se afirmar que a própria economia predominante tinha como base a “competição para se aumentar a riqueza por meio do controle de mais terras [...] uma economia baseada em explorações e não no crescimento” (MOXNES, 1995, p. 40).

No contexto do império romano, conforme trabalhamos no tópico “os pobres no império romano”, é perceptível visualizarmos as acentuadas formas de relações assimétricas, pois “os romanos ‘exigiam’ sempre dos seus inimigos derrotados o reconhecimento das dívidas da guerra” (WENGST, 1991, p. 46). Não somente ocorria a exigência imposta aos vencidos, mas também, a todos os povos e regiões subjugados que mesmo perdendo tudo que possuíam, deveriam efetuar os pagamentos com forma de indenizações a Roma (RICHTER REIMER, 2006b, p. 138). Sendo assim, em todo o território ocupado por Roma e suas elites “impunha-se [...] não apenas a legislação e administração romana com todos seus pressupostos e consequências [...] mas também a propaganda e a absorção ideologia mantenedoras dos *status quo* do ‘jeito romano de governar” (REIMER; RICHTER REIMER, 2011, p. 188).

Além desta forma coerciva nas relações sobre os vencidos em guerra, temos também como modo de produção para manutenção imperial, o sistema escravagista, legitimado pelas estruturas hierárquico-*patriquiriarcais*²². Este transformava as pessoas escravas, em virtude do não pagamento das dívidas. Portanto, “a falta de pagamento resultava na entrega ou venda do devedor ou membro da família [...]” e para “obter a liberdade era muito difícil” (REIMER; RICHTER REIMER, 2011, p. 188).

²² Para compreensão do termo Kyriarcado, ver principalmente Schüssler Fiorenza (2009).

O que chamamos de vida em abundância, no século I, era escarça para os empobrecidos, em virtude dos altos impostos e taxações, e dívidas imposta pelos romanos. O que mais ocorria era o endividamento por meio de empréstimos, pois quando o devedor não pagava o que devia, colocavam-se juros sobre a dívida, tornando impossível o pagamento. Segundo Richter Reimer (2006b, p. 140) quando existia a dívida e a impossibilidade de arcar com o pagamento do empréstimo no prazo, ocorriam um séries de ameaças concretas como: torturas, prisões, escravização da pessoa devedora ou de membros da família. Este tipo de dominação causou marcas na história, que permearam o ambiente da Palestina, com fortes opressões e explorações de crianças, mulheres e homens empobrecidos dentro do império romano.

No tocante aos assuntos riquezas, são exclusivamente “resultados de exploração, ganância e acúmulo; por isto, também ela não é a vontade de Deus, nem é natural” (REIMER; RICHTER REIMER, 2011, p. 189). As pessoas ricas gostavam de ostentar suas riquezas, como no exemplo de Lázaro e o rico que “se vestia de púrpura e linho fino e cada dia banqueteara com requinte” (Lucas 16,19). Como nos mostra Stambaugh e Balch (1996, p. 103) as classes altas desfrutavam de grandes privilégios, como não serem processados por inferiores sociais, quando recebiam penalidades eram suaves, tinham lugares privilegiados nos teatros, exibiam certos símbolos de seus status às pessoas e quando eram distribuídos recursos pelo Estado, tinham o direito de uma porção maior, em vez dos pobres que necessitavam.

A final de conta, como são apresentados os ricos, no Evangelho de Lucas e quem são? Para isto, observaremos o termo “Ai de vós” proferido para os ricos, através dos ensinamentos de Jesus no Sermão da Planície. Essas recomendações são destinadas para os ricos através do termo *uái hymîn*. No mundo greco-romano a economia caminhava em proporção totalmente desigual.

Dentro da organização social antiga do século I, como citado anteriormente, uma parte menor da população possuía recursos e terras, e buscava o sustento com grandes dificuldades, quase sempre tinham que batalhar para manter o básico ou até mesmo os que estavam na extrema pobreza, a única alternativa de sobrevivência era a mendicância. Para Lucas, essas pessoas compunham o que podemos dizer de ‘classe dos pobres’.

Diferentemente dos ricos que desfrutavam de uma vida mais tranquila e tinham recursos em abundância e em vez de ajudar os que necessitavam, optavam por ostentar. Na estratificação social do primeiro século, nem todos os ricos possuíam o *status* social elevado, somente aqueles que faziam parte da elite social dispunham de muito dinheiro. Os ricos eram prestigiados e bajulados, em virtude de seu poder econômico. Lucas contrapõem esse estilo de vida, através da justiça e ética do Reino de Deus.

O Sermão da Planície exibe algumas palavras a respeito dos ricos através da expressão *uái hymîn* ai de vós:

2.3.5.1 Lc 6,24-26

Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação! Ai de vós, que agora estais saciados, porque tereis fome! Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas! Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo seus pais tratavam os falsos profetas.

As bem-aventuranças seguem palavras de alertas para os ricos. Na situação que abarcava a condição dos ricos, Wenzel (1998, p. 30-31) define os ricos como aqueles que viviam na fartura, no gozo, reconhecidos e considerados por todos na sociedade como pessoas abençoadas por Deus. Se, pelo contrário, acrescenta, “era o pobre, lazarento, faminto e desprezado, era considerado um amaldiçoado de Deus”.

Partindo para as considerações de Brown (2012, p. 344) vemos que o autor apresenta o termo ‘ais’ como talvez, uma criação lucana similar aos contrastes dos *Magnificat*, que evidenciam para os antagonismos penetrados pelos ricos. Sendo assim, considera que a forma de viver dos ricos é de fato uma corrupção ao relacionamento com Deus, pois a verdadeira riqueza é a distribuição dos bens aos pobres, fato que não é considerado pelos ricos.

Segundo Storniolo (2017, p. 68) quando o autor lucano menciona os ricos, está referindo-se às pessoas que são literalmente ricas e levam uma vida farta com regalias, graças à exploração e opressão do povo, que é reduzido à vista dessas ações à fraqueza e miséria. Para ele, há uma relação estreita entre a pobreza e a riqueza: um não existe sem o outro, pois a existência da

pobreza da maioria das pessoas relatadas pelo autor lucano é em consequência direta da riqueza de uma minoria, ou seja, dos ricos.

Cooperando com esta mesma perspectiva, Moracho (1994, p. 130) percebe que o enriquecimento tem como o único objetivo: à concentração de bens nas mãos de poucos. Neste sentido, ocorria a exclusão da maioria, não só da abundância de bens, mas inclusive das necessidades básicas do dia a dia. Em virtude disso, havia pobres e necessitados, porque havia ricos que não partilhavam suas riquezas, transformando-a em um ídolo “O que era um ‘meio’ se transformou em ‘fim’. O grande rival de Deus. E era preciso decidir entre os dois”.

A partir das considerações dos autores, podemos, portanto, afirmar que os ricos eram pessoas que possuíam recursos em abundância, fazendo o que quisessem e ostentando sem se preocupar com mais nada. Por esse motivo, Jesus os considerou como pessoas que já tinham consolação (6,24). Para manterem seus *status* demandavam mais recursos, sendo assim, aumentava-se a exploração da maioria empobrecida. Por terem abundância de bens e riquezas eram amantes delas, gerando assim, a ganância e o desleixo para com os que estavam na pobreza. Neste sentido, vemos que no discurso do Sermão da Planície, aos ricos eram pronunciados ‘ais’ em tom de condenação às suas atitudes em detrimento dos pobres.

2.3.5.2 Lc 10,13

Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Pois se em Tiro e Sidônia tivessem sido realizado os milagres que em vós se realizaram, há muito teriam se convertido, vestindo-se de cilício e sentando-se sobre cinzas.

Neste versículo temos em primeiro lugar as cidades, cuja predominância da pobreza é evidente, por este motivo, os milagres foram marcas daquele local (Lc 10,13). De igual modo vemos em Lc 6,18 um grupo grande de pessoas que viviam nas áreas nominadas como ‘aldeias proibidas’, como no exemplo de Tiro e Sidônia, para serem curadas e ouvirem os ensinamentos de Jesus no Sermão da Planície. Essas regiões comportavam uma grande massa popular pobre, pois sendo uma região marítima, as negociações

ocorriam por lá. Por diversas vezes a população pobre era excluída e marginalizada, em virtude de não fazer parte daquilo que os rabinos interpretavam como o que constituía 'todo o Israel' (FREYNE, 2008, p. 75-76). Contudo, na visão do movimento de Jesus essa "gente que vivia no interior das fronteiras de Israel [...] estavam convidados a participar da nova 'família' que ele ora reunia para o banquete de Abraão, Isaac e Jacó" (FREYNE, 2008, p. 76).

Aqui neste trecho, nas palavras de Rinaldo e Fabris (2006, p. 121) é o momento em que Jesus envia os 72 discípulos, como testemunhas autorizadas para levar o anúncio importante: 'O Reino de Deus chegou até vós (10,9). De modo que, a partir desse momento era oferecida a todos a possibilidade de entrada no Reino de Deus. Todavia, Jesus apresenta para as cidades de Cafarnaum, Corazim e Betsaida palavras em tom de lamentação, por motivos de não aderirem ao apelo à mudança/conversão.

Caminhando para a mesma concepção, no sentido de alertar/ameaças para aqueles que não aderem às palavras apresentadas através da proclamação do Reino de Deus, Storniolo (2017, p. 103) considera que para aquelas pessoas que não acolhem a mensagem do Reino de Deus, não se deve perder tempo, pois no dia do julgamento Deus terá mais misericórdia para as cidades que eram consideradas pecadoras: Sodoma e Gomora, e Tiro e Sidônia do que aqueles que rejeitaram as palavras de justiça e misericórdia. Esse tipo de atitude é como rejeitar o próprio dom de Deus, optando pela destruição própria e autocondenando-se à escravidão.

Diante desses aspectos apresentados acima, percebemos que o termo 'ais' se apresenta com a conotação de alerta, lamentação e ameaça. Está sempre se referindo a não aceitação à mensagem/conversão proposta pelo o Reino de Deus que visa a justiça e misericórdia para com as pessoas, principalmente aos empobrecidos.

2.3.5.3 Lc 11,42-44

Mas ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças, mas deixais de lado a justiça e o amor de Deus! Importa praticar estas coisas sem deixar de lado aquelas. Ai de vós, fariseus, que apreciáis o primeiro lugar nas sinagogas e as

saudações públicas! ai de vós, porque sois como esses túmulos disfarçados, sobre os quais se pode transitar, sem saber.

Neste trecho, o autor lucano faz menção contra o grupo do judaísmo oficial: os fariseus e peritos da lei. Segundo Fabris e Maggioni (2006, p.135-136) a palavra fariseu que dizer: 'separado; este significado tem a ver exatamente com aqueles que observavam rigidamente o conjunto de práticas que os conservavam em estado de pureza, e se abdicavam de todo e qualquer tipo de contaminação profana. São considerados também exibicionistas, vaidosos e hipócritas, pois escondem uma aparência de impecabilidade externa, enquanto internamente há uma desordem.

Nas considerações de Stroger (1984, p. 346-347) os fariseus são aqueles que guardam os preceitos de purificação, como a limpeza externa dos cálices e pratos, enquanto à pureza moral a qual Deus se importa, pouco se importavam, pois nos seus interiores perpetuava somente a maldade. Caminhado para a premissa de que os fariseus eram pessoas gananciosas, podemos observar em Moxnes (1995, p. 10) que os fariseus tinham atitudes avarentas e até mesmo cobiçavam contra os próprios judeus. Tinham também a fama de serem 'amigos do dinheiro'.

À vista dessas considerações, percebemos que os fariseus e mestres da lei, recorriam no rigor das práticas religiosas, deixando de lado a justiça e misericórdia para com as pessoas. Neste trecho, vemos que aquilo que era recomendado por Jesus em favor do Reino de Deus, não era cumprido pelos fariseus e mestres da lei, pois estavam de olho somente naquilo que tinha valor aos olhos deles mesmo, os bens e as riquezas, enquanto a justiça e o amor para com as pessoas necessitadas eram deixados de lado.

Portanto, neste versículo, o termo 'ai' tem a conotação de reprovação/confrontação. Como visto nas atitudes dos grupos religiosos judaicos: os fariseus e mestres da lei. Diante de suas práticas dogmáticas, atrelavam a rigidez, deixando de lado a própria observação da justiça e misericórdia para com as pessoas.

Ai de vós que edificais os túmulos dos profetas, enquanto forem vossos pais que os mataram! Ai de vós, legistas, porque tomastes a chave da ciência! Vós mesmos não entrastes e impedistes os que queriam entrar!

Dando continuação aos *aís* proferidos por Jesus contra os fariseus, encontramos nestes versículos algumas características específicas do comportamento dos legistas. A primeira forma de mostrar como os legistas, eram nas edificações dos túmulos de profetas (11,47).

O autor lucano utiliza-se do tom de ironia, a postura dos legistas que buscavam edificar os túmulos enquanto os pais deles massacravam os profetas com perseguições até a morte. Jesus reprova o comportamento deles, pois continuavam a persistência de rituais de purificação, enquanto eles mesmos eram contaminados pelo ódio e ganância no coração, ao passo que os próprios legistas se tornaram os principais perseguidores dos próprios discípulos e discípulas de Cristo, por esse motivo, Lucas ironiza através de Jesus a postura dos legistas. Para Fabris e Maggioni (2006, p. 136) a declaração de Jesus contra as autoridades religiosas encontra-se agora no exibicionismo, vaidade e hipocrisia, posto que procuravam esconder diante da postura impecável externa, a desordem que assolava o interior deles.

Por serem amantes das riquezas, as autoridades religiosas não conseguiam praticar a justiça, pois além de colocarem fardos pesados através de seus ensinamentos, no coração deles não existia o amor e a fraternidade para com o próximo, por isso foram considerados como os falsos profetas do A.T que só falavam mentiras e oprimiam o povo pobre. Podemos perceber como eram as atitudes dessas autoridades nas palavras de Storniolo (2017, p. 118):

Jesus não observa as prescrições da pureza ritual, e o fariseu nota isso [...] a verdadeira pureza é dar esmolas de tudo o que possui [...] As observâncias externas são fáceis e podem ser apenas uma máscara para evitar a verdadeira obediência a Deus, que consiste em praticar a justiça e o amor.

Portanto, as autoridades apenas exerciam a justiça em favor próprio, a qual é uma justiça que oprime e explora o pobre. Por isso condenou os fariseus e legistas que além de serem conhecedores da lei, não queriam entender os ensinamentos do Reino e atrapalhavam as pessoas de compreenderem e

terem a liberdade produzida pela mensagem de Jesus. Sendo assim, a estes são proferidos os *ais* em tom de condenação e rebeldia a mensagem de Deus.

2.3.5.5 Lc 21,23

Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias!

Os trechos que seguem, Lucas 23, relatam os acontecimentos que ocorreram no ministério de Jesus em Jerusalém: a entrada messiânica em Jerusalém (19,28-38), seus ensinamentos diários para seus discípulos, questão que suscitava a ira e revolta das autoridades religiosas (19,47; 20,1-8). Já na sinagoga Jesus levanta os olhos para os ricos que estavam lançando ofertas no Templo do tesouro (21,1). A cena que mais chamou a atenção de Jesus, foi à atitude da viúva pobre em serviço do Reino. Quando todos os ricos lançavam tudo que lhes sobrava, a viúva lançou duas moedinhas que compreendia tudo que ela tinha para sobreviver (21,2-4). Mostrando, portanto, uma grande lição: os pobres entregam tudo em favor do Reino, enquanto os ricos gostam de se exibirem frente às pessoas e não entregam tudo que tem.

Diante desses acontecimentos, o autor lucano traz notória a admiração que os moradores de Jerusalém têm, ao contemplarem o Templo “que era ornado de belas pedras e de ofertas votivas” (21,5). Isto provoca em Jesus a predição do discurso dos últimos dias: “Contemplai essas coisas... Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida” (21,6).

No discurso escatológico apresentado por Jesus, podemos ver que na esquematização na concepção de Brown (2012, p. 363) Jesus caminha o seu sermão acerca das últimas coisas. Especificadamente essa mensagem se destina a Jerusalém que será destruída com a vinda do Filho do Homem na terra. Frente aos sinais que o autor lucano apresenta sobre essa vinda, que ocorrerá quando houverem perseguições por causa “do ‘nome’ de Jesus; para isso, ocorrerá um discernimento vindo do alto que não será contraposto; também como sinais da vinda: ocorrerá a segurança para com os seguidores de Jesus.

Assim, vemos que Brown mostra Jesus discursando sobre o dia da justiça que será em favor dos pobres, já que os ricos não ouvem e não se

submetem a mensagem do Reino, por isso “está próxima a sua devastação” (21,20). Como era a situação econômica-política de Jerusalém? Segundo Storniolo (2017, p. 180) Jerusalém era o centro do poder político e econômico da Palestina. Por isso, é nessa região que ocorre mais exploração e opressão do povo mais humilde. Neste sentido, em meio a esse quadro que marginaliza as pessoas pobres, Jesus profere palavras de sentença aos poderosos sobre o destino de Jerusalém. Essa mensagem tem a mesma dimensão, no sentido exortativo aos ricos que se assemelham os falsos profetas. A partir de agora Deus terminará com a opressão de seu povo, mas isso não serão o fim.

Destarte, a proposta apresentada por Lucas, nesse trecho, é mostrar que a justiça do Reino de Deus será de forma radical, transformando toda a ótica antiga da sociedade, atingindo a todas as autoridades políticas. De modo que, é preciso estar alerta para estes dias, pois “os que tiverem dentro da cidade saiam e os que estiverem nos campos não entre nela, porque serão dias de punição [...] ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando” (21,21-23). Serão dias complicados, pois isso provocará grande perseguição por parte dos ricos que se “sentirão ameaçados pelo testemunho dos cristãos, e procurarão a todo custo abafar e distorcer o verdadeiro testemunho cristão” (STORNILOLO, 2017, p. 182).

Sendo assim, pode-se dizer que esse trecho narrativo, visa falar sobre os últimos dias, nos quais serão dias de perseguições e mortes. Todavia, o povo de Deus, será protegido e guardado, enquanto os ricos serão destruídos porque não ouviram e não aderiram à mensagem do Reino de Deus.

2.3.5.6 Lc 22,22

O Filho do Homem vai, segundo o que foi determinado, mas ai daquele homem por quem ele for entregue

Em Lucas 22,22, nos deparamos com a predição que antecede a traição de seu discípulo Judas Iscariotes. O fato de Lucas apresentar um pouco mais à frente a traição de Judas (22,48), adiciona nas palavras de Jesus que seu destino da cruz, vai acontecer conforme o propósito de sua missão, mas ai daquele “por quem ele foi entregue” (22,22).

Para Storniolo (2017, p. 187-188) o texto de Lucas tem como tarefa expor o momento da ceia antes da paixão de Cristo, pois a partir da Eucaristia haverá a substituição da Pascoa judaica. Sendo assim, a Pascoa assume o sentido universal que resulta da libertação total para a todos o povo de Deus. Diante do supremo amor demonstrado pelas suas ações: entrega do seu corpo e o derramamento de seu próprio sangue mostrando a fidelidade a serviço de sua missão em favor do Reino de Deus, desse modo, os seguidores e seguidoras de Jesus passaram pelo o mesmo caminho. O caminho da justiça do Reino de Deus gera igualdade, fraternidade e amor para com todos, até aqueles que o traem. O dinamismo do Reino inverte completamente toda a lógica do esquema que está no poder. Neste seguimento, a desigualdade não será mais o plano de fundo desta sociedade, pois agora haverá igualdade, pois o domínio, cedeu o seu lugar para a entrada do poder amor. Através de Jesus, que é o modelo, modificou-se toda a dinâmica da justiça, pois agora, “aquele que serve que se sentará como juiz para julgar o povo de Deus”.

Diante dessa premissa, podemos levar em consideração que aqueles que não ouvem a mensagem do Reino são pessoas que praticam injustiça. O fato de agirem desta maneira faz os fazem inimigos do Reino de Deus, posto que o coração desses está voltado para o dinheiro e tentam se passar como justos perante as pessoas, mas “Deus conhece os corações; o que é elevado para os homens, é abominável diante de Deus” (16,15). Nesta concepção, observamos nesse versículo que Judas representa a imagem dos ricos que se opõe a Jesus e o entrega para a morte para obter benefício próprio.

À vista dos dados apresentados sobre os *ais* em Lucas, pode-se observar que são termos que expõem condenação, alertas e profecias para aqueles que não aderissem a mensagem do Reino de Deus. Os *ais* tinham como característica fazer uma descrição daqueles que praticavam a injustiça, escravizavam, oprimiam e exploravam, principalmente os pobres, em benefício próprio. Estes eram considerados como hipócritas, pois para as pessoas demonstravam ser justos e misericordiosos, mas internamente tramavam contra elas e as oprimiam com ensinamentos que geravam escravidão.

Diferentemente do modo de viver dos ricos, Lucas exhibe o movimento de Jesus como o anunciador da ética do Reino de Deus, na qual a predominância da justiça e esperança protagoniza o ambiente do século I. A

partir desse momento, com a justiça do Reino, os pobres poderiam usufruir de paz e esperança longe das antigas explorações e marginalizações efetuadas pelos opressores. Já os ricos receberiam o juízo e a condenação imposta pelo Reino de Deus em virtude do amor às riquezas e desprezo dos mais necessitados. Sendo assim, para os ricos eram proferidos os *aís*, em virtude de não creem e não praticarem a justiça do Reino.

2.4 ANÁLISE DO CONTEÚDO

Em primeiro lugar, observamos que no contexto anterior, Lucas apresenta a eleição dos doze discípulos (6,12-15). Logo em seguida, temos Jesus juntamente com seus discípulos em uma planície. Local onde havia vários discípulos e discipulas dispostos a ouvi-lo e a serem curados (6,17-19).

O autor lucano apresentar um “numeroso grupo de discípulos e imensa multidão de pessoas de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e Sidônia” (6,17). Estas pessoas não são um grupo a parte dos escolhidos como apóstolos, mas formam um numeroso grupo de seguidores genuínos de Jesus na visão de Lucas (CALDERÓN, 2004, p. 50). Segundo Konings (2016, p. 48) pode-se observar que no Evangelho de Mateus 5-7, o Sermão situa-se na montanha. Lucas, como é considerado médico quer expressar maior proximidade para com as pessoas através da compaixão, pois na primeira parte mostra Jesus na montanha elegendo os seus discípulos, dos quais deveriam ser exigidas maior virtude, força e coragem para o serviço em favor do Reino de Deus. Já no caso das grandes multidões, a qual incluem: coxos, mancos, estropiados, atormentados por espíritos impuros, fazia-se necessário ir ao encontro deles na planície, pois estes teriam dificuldades.

Neste sentido, aquelas e aqueles que eram excluídos pela lógica sociocultural-histórica, a partir do encontro com Jesus, Lucas apresenta a inversão do dinamismo propagado pelos valores de uma sociedade desigual. A planície é o local no qual os excluídos e oprimidos são amados e abençoados por Jesus, em que proclamava não apenas uma inversão futura, mas também anunciava a felicidade e bençãos da parte de Deus já atuantes e presente aos pobres, socialmente famintos e que estavam em prantos, pois naquele momento e no futuro, desfrutarão do Reino de Deus (WENZEL, 1998, p. 31).

Reunidos diante de seu olhar, todos e todas estão na expectativa de ouvi-lo e aguardarem sua pregação profética (STOGER, 1984, p. 182).

Para Kümmel (1982, p. 172) o Jesus apresentado pelo autor lucano, difere de Marcos e Mateus, pois ele demonstra amor e compaixão para com os desprezados tanto através de sua mensagem, como também por suas atitudes de amor. Dessa forma, Lucas apresenta fortemente características de piedade aos que estão na pobreza, em contrapartida, rejeita a postura dos religiosos de desprezo pelos outros, especificadamente característicos de certos grupos. Ou seja, Lucas “se baseava unicamente no pressuposto de que em Jesus o amor divino para com aquelas pessoas dadas como perdidas aos olhos dos homens tornou-se realmente salvação já aqui e agora”.

Pode-se dizer, portanto, as boas novas proferidas por Jesus, “isto é, a justiça e a fidelidade, está ao lado dos pobres” (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 74). À vista de todos estes aspectos apresentados pelos autores, podemos afirmar, que as bem-aventuranças tem como o público alvo os pobres. Estes são discípulos/discípulos e seguidoras/seguidores do movimento de Jesus, desta forma, por isso que vemos na frase: “Erguendo então os olhos para os seus discípulos”. Sendo assim, as boas novas são destinadas para os discípulos de Jesus que são pobres no sentido literal, tendo como benefícios as felicitações recebidas de Deus por serem possuidores do Reino. Essa verdade é concentrada na afirmação de que a ‘boa notícia’ é de fato, “da imanente felicidade é para os pobres. De fato, o Reino que vem é ‘deles’. E não é nenhuma virtude ou mérito que lhes dá esse privilégio: é uma prioridade política” (SEGUNDO, 1997, p. 151).

Outra questão precisa ser levantada, em relação aos pobres, que este também são considerados como pecadores. A partir das considerações de Segundo (1997, p. 186) Jesus menciona os pobres como sendo perseguidos por seus adversários que intitula como ‘pecadores’, obrigando Jesus a responder nessa mesma nomenclatura. Desse modo, a alteração de ‘pobres’ para ‘pecadores’ “constitui, evidentemente, uma ideologia (política), no sentido pejorativo da palavra: mecanismo para encobrir e justificar uma penosa realidade”.

2.4.1 Os Famintos e os Saciados

Sobre o conteúdo transmitido aos discípulos de Jesus nas bem-aventuranças é importante observarmos se há uma relação direta entre os famintos e os saciados. Sendo assim, começamos aqui a caminharmos a investigação a partir aqueles que foram chamados de Felizes: “Felizes vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados” (6,21a).

A temática no tocante à fome no século I, não era um tema incomum. Ao contrário, o próprio Jesus contou uma parábola do Banquete, onde os convidados principais foram chamados para um grande jantar. Quando chegou a hora de servirem o banquete, todos os convidados unanimemente arranjaram uma desculpa (14,16-17), após ouvir as desculpas dos convidados, o servo comunicou ao seu senhor que indignado disse: “Vai depressa pelas praças e ruas da cidade, e introduz aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos” (14,21).

A imagem de um grande banquete no século I podia ser considerada como uma reunião de pessoas que tem grandes poderes econômicos, como vimos nas elites romanas e os ricos. No entanto, os convidados ricos não foram ao banquete, pois tinham outros afazeres mais importantes como: vender um terreno que comprou (14,18), experimentar as novas juntas de bois que há pouco tempo foram haviam sido compradas (14,19), por isso os ricos se recusaram de ir ao banquete, motivo pelo qual que os “pobres, os estropiados, os cegos e os coxos” foram chamados.

Como já mencionado, temos outro exemplo do cenário de fome na parábola do rico e Lázaro, onde é narrado que um homem muito rico que se vestia de púrpura e linho fino, banqueteava todos os dias (16,19), enquanto, Lázaro que era pobre, buscava “saciar-se do que caía da mesa do rico” (16,21-22). Também como um último exemplo em torno da temática da fome, temos a narrativa do filho pródigo. Após ter gastado tudo que possuía, passou por privações, pois naquela região sobreveio um tamanho período de fome (15,14). Não tendo escapatória, teve que buscar emprego naquela região como cuidador de porcos (15,15); sua fome era tanta que ele “queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhes dava” (15,16). No exemplo do filho pródigo temos a relação da fome com a busca da saciedade na lavagem dos porcos.

Na perspectiva de Stoger (1984, p. 182-183) as pessoas pobres, bem como os famintos e o que choram, são os mesmos pobres e necessitados deste mundo que estão sempre sendo colocados como últimos. Quem está nessa situação não tem como saciar a sua fome; quem é pobre está desprovido de segurança, sendo assim, tem de experimentar todos os dias as explorações e opressão, pois estão totalmente desarmados. Os famintos dependem da misericórdia dos outros pelo fato de não possuírem bens materiais e sofrerem miséria. Esses pobres têm como única esperança esperar em Deus e aguardar a sua ação salvadora em misericórdia.

Nas considerações de Casalegno (1988, p. 10) percebe que no Sermão da Planície, na categoria dos pobres são relacionadas os que têm fome e aqueles que estão chorando. Neste seguimento, considera-se que as três primeiras bem-aventuranças estão na mesma categoria social, sendo concepções complementares. De modo que a pobreza em Lucas, é especificada com a ausência de alimento e privação do sustento básico. Como exemplo, as pessoas que estão em condições de mendicância como Lázaro e o rico.

Para Sousa (2012, p. 46) a segunda bem-aventurança proferida pelo autor lucano nas palavras de Jesus, tem como o público alvo as pessoas que estão passando fome. Tendo como a forma de explicar o motivo de serem considerados 'felizes' porque serão saciados. Naquela situação dificultosa, as pessoas buscavam a esperança de que suas necessidades fossem atendidas, em especial, a fome ser saciada. No AT à saciedade da fome encontrava-se em lembrar que Deus um banquete escatológico, como no exemplo a lembrança da escravidão no Egito. Após terem passado momentos difíceis no Egito, durante a caminhada no deserto, o povo lamentava-se com as cebolas e as panelas cheias de carne. Ao fazer uma comparação com os pobres em Mateus percebe que estes são considerados pelo autor mateano como sendo pobres no sentido espiritual, enquanto em Lucas estes são pobres no sentido literal. Assim, essa diferença também pode ser identificada pela expressão de tempo 'agora', a qual evoca uma atuação, convertida na transformação de mendicância para não mendicância, isto é, pela intervenção da ação de Deus. Dessa forma, afirma: "A fome não terá duração eterna, uma vez que essa bem-

aventurança aponta para uma reversão agora como uma transformação da realidade”.

Portanto, vemos que na segunda bem-aventurança aquela(e)s que estavam passando fome, a partir do anúncio de Jesus, agora seriam saciados. Essa mudança ocorreu em virtude da transformação do comportamento social, o qual cooperou para o milagre não somente no suprimento das necessidades imediatas como: comer, beber e vestir, mas modificou a postura das pessoas, estimulando-as ao partilhar de recursos com os que nada tinham. De fato, os pobres estavam em situações desfavoráveis e a partir da chegada do Reino de Deus a justiça foi estabelecida juntamente com a libertação dos pobres, a qual gerou o acolhimento e saciedade dos empobrecidos. Também em Lucas podemos perceber a dificuldade que os ricos tinham em ajudar os menos favorecidos. Sendo assim, o autor lucano enfatiza a situação momentânea que estes pobres estavam e que em Jesus essas dificuldades eram superadas.

Em paralelo ao discurso que proclamou como felizes os famintos, seguimos agora a partir daqueles que nas palavras de Jesus, recebem os *ais*: “Mas, ai de vós, que agora estais saciados porque tereis fome!” (6,25a). Vemos que os *ais* são direcionados para a classe dos ricos. Temos, portanto, o segundo discurso direcionado para estes.

No tópico anterior foram destacadas as seguintes passagens no Evangelho de Lucas: Os convidados que recusaram o banquete (14,15-24), A parábola do filho infiel (15,11-32) e O rico mau e o pobre Lázaro (16,19-31). Dentro do que concebe estas narrativas, percebemos algumas características importantes para a compreensão do motivo que projetou Jesus a discursar os *ais* para os ricos.

Em primeiro lugar, a narrativa dos convidados que recusaram o banquete (14,15-24) vemos, que aquelas pessoas possuíam riquezas como já foi explanado no tópico anterior. O interesse lucano nesta parábola encontra-se na postura daqueles que ouvem a mensagem do Reino e a recusam, como visto na parábola como o banquete.

Nas considerações de Rinaldo e Maggioni (2006, p. 157) as primeiras pessoas a serem convidados para o banquete do Reino era o povo de Israel, no judaísmo, aqueles que estavam mais empenhados religiosamente: escribas e fariseus. Contudo, estes declinaram ao convite, ficando assim excluídos do

banquete do Reino de Deus. De modo que, o projeto de Deus não parou e por isso os pecadores, excluídos, estropiados, cegos, mancos tomam o lugar daqueles primeiros convidados. Para Lucas, a própria parábola torna-se uma séria admoestação para todos aqueles que “correm o risco de se verem excluídos do Reino de Deus, porque” estão “demasiadamente tomados pelos afazeres, ou presos a compromissos familiares”. Faz parte da comunidade lucana o convite de seus membros à reflexão daqueles que pautam suas vidas sobre acúmulo e posses, pois correm o risco de perder o banquete salvífico.

Destarte, a situação de abundância que os ricos usufruíram era emparelhada com a real situação que os pobres estavam vivendo. Em virtude do acúmulo e ganância, os ricos sempre eram vistos empregando seus esforços para o empilhamento de bens e conforto próprio, como vemos na parábola do banquete, onde é narrada a justificativa do primeiro convidado que recusou o convite: “Comprei um terreno e preciso vê-lo; peço-te que me dêes por recusado” (14,18). O importante para este convidado era observação daquilo que foi investido (o seu negócio), ora, os bens, portanto, eram sempre prioridades para os ricos. O autor lucano, em outras parábolas, apresenta como era o comportamento da riqueza latifundiária com relação à suas posses da terra: “A terra de um rico produziu muito. Ele, então, refletia: ‘que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita’” (12,16-17), sendo assim, pensou em construir celeiros maiores para guardar mais trigo e outros bens (12,18). Temos neste exemplo um rico proprietário que desfrutava de sua riqueza sem pensar nos mais necessitados, pois este latifundiário tinha em mente a preocupação de expandir suas economias para usufruto próprio e regalias (12,19).

Para o relato do segundo relato disse: “comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me dêes por escusado” (14,19). Quando falamos de juntas de bois, podemos observar considerações sobre o *feddān* oficial nas palavras de Jeremias (1986, p. 180):

Entre os árabes da Palestina, a mais comum medida de terreno é o *feddān*; por isto entende-se aquela extensão de terra que se pode arar num dia com uma junta de bois. Ao responde ao trabalho dum ano dum junta de bois. Ao lado disso, há também o *feddān* oficial, que corresponde ao trabalho dum ano dum junta de bois, o que dá

em média, em caso de chão bom, de 9 a 9,45 hectares. Em geral o camponês dispõe de 1 a 2 juntas de bois, portanto 10 a 20 hectares.

Em virtude disso, a partir das considerações acima, vemos que este latifundiário era um convidado muito rico, pois possuía 5 juntas de bois. Mostrando-se uma pessoa independente e bem abastada. Por isso, estes são amantes de suas próprias riquezas. De modo que, ao rejeitarem um banquete não queriam dizer nada para o segundo convidado, pois se garantiam em bens e riquezas que tem. De fato, esta era a realidade dos ricos relatada por Jesus: “Como é difícil aos que têm riquezas entrar no Reino de Deus!” (18,24).

Os ricos já tinham a sua consolação! Sendo assim, estavam se saciando e acumulando suas propriedades, vivendo, ostentando e esbanjando riquezas enquanto os pobres estão famintos e choram de fome. Situação similar aparece na Narrativa de Lázaro, o pobre que desejava saciar-se daquilo que caía da mesa do rico (16,21). Aquele rico nem sequer olhavam para Lázaro que necessitava de cuidados. Somente os “cães que vinham lambe-lhe as úlceras” (16,21). Esquecido e abandonado socialmente. Por isso pode-se afirmar que os ricos de fato são aqueles que “levam a vida farta e satisfeita, graças à exploração e a opressão do povo, que fica assim reduzido à fraqueza e à miséria [...] existe uma estreita relação entre a existência do rico e a existência do pobre” (STORNILO, 2017, p. 68).

Na própria parábola do filho infiel, podemos ver que após ter chegado uma grande fome na região, o rapaz começou a passar privações, a ponto de desejar as bolotas dos porcos porque não tinha o que comer, sendo que ninguém o ajudava (15,14-16). O fato que o fez cair em si, foi lembrar que em sua casa nem os empregados de seu pai não passavam fome, pois tinha fartura. Não havia motivos para continuar naquela situação, então, decidiu retornar para casa (15,17-18). Temos aqui, a situação social daquele período, cujas pessoas padeciam e não tinha nenhuma ajuda como disse o filho infiel: “queria matar a fome com as bolotas que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava” (15,17).

A partir desses aspectos apresentados, podemos considerar que as felicitações proferidas por Jesus aos pobres tinham como objetivo a transformação de sua situação atual momentânea de fome, sendo convertida para o estado de saciedade. Já aos ricos, onde foram proferidos os *aís*, vemos

que a situação atual de saciedade, com a chegada do Reino de Deus foi convertida em fome. Os pobres eram famintos e estavam em situações de vulnerabilidade, tendo como única esperança o amor, cuidado e fraternidade proporcionados pelo Reino de Deus. Em contraposição, os ricos não estão interessados com aquela(e)s que estão passando fome e precisando de cuidados, como vemos na narrativa dos ricos e Lázaro (16,19-31). Como amantes de seus bens, buscavam acumular e estocar os recursos conquistados. Fato que contribuía com a dificuldade de aceitar a proposta do Reino de Deus.

2.4.2 Os que Choram e os que Riem

Dando continuidade ao discurso de Jesus no Sermão da Planície, temos agora palavras de felicitações para os que choram, palavras de *ais* aos que estão sorrindo. Veremos qual é a relação entre esses dois públicos. Jesus disse: "... Felizes vós, que agora chorais, porque havereis de rir" (6,21b). Lucas apregoa no discurso de Jesus, felicitações para aquela(e)s que choram. O chorar não só expressa um comportamento de tristeza, mas também abrangia dimensões como: a morte de um ente querido e a opressão.

Jesus destinava as felicitações às pessoas que estavam em experiência de luto, porque não tinham nada o que comer, e até mesmo por estarem em situações de escravidão. Em resposta aos que sofriam e choravam ansiando pela justiça do Reino de Deus, são proclamadas felicitações como resposta a fé que estas pessoas enlutadas estão depositando no Reino e "não nos poderes desse mundo. É por isso que estas pessoas têm a promessa de consolo, o qual transforma a situação do sofrimento atual" (RICHTER REIMER, 1992, p. 65).

Caminhando sobre a perspectiva do chorar, em Lucas 7,11-17 relata a história da viúva de Naim que experienciou um milagre realizado por Jesus. O cenário é descrito em um momento fúnebre, no qual o único filho da viúva seria sepultado (7,12). Entre uma grande multidão de pessoas daquela cidade, estava aquela mulher: triste e chorando pela morte do filho. Percebendo-a, Jesus comoveu-se de compaixão e disse: 'Não chores' (7,13), e então, aproximando-se do caixão, trouxe vida àquele que estava morto,

transformando aquele momento de choro em alegria a todos que estavam presentes (7,14-16).

Como já mencionado no tópico: “Os pobres no império romano”, o contexto macrossocial de predominância na sociedade do século I, tinha sob dominação o sistema imperial romano que concentrava suas relações e interações que perpassavam pelo crivo androcêntrico patriquiarcal²³. Ora, era uma sociedade patriarcal, cujo tratamento fundamentava-se em relações de poder que eram construídas “histórico-culturalmente em contextos e tempos vários e são plurais, não estáticas, mas dinâmicas, socioculturalmente construídas e transformáveis” (RICHTER REIMER, 2015, p. 73). Neste seguimento, temos o predomínio androcêntrico no dinamismo social na região da Palestina, fato que constrói um entendimento de que ser alguém ou ser livre só é possível: por um homem ou estando ao lado de uma figura masculina. O contexto sociocultural da narrativa da viúva de Naim reage e proage dentro desta premissa. Motivo de ser viúva e também perder o seu único filho, poderia gerar graves riscos para ela, como ser escravizada ou não ter mais liberdade.

Para compreendermos como a comunidade reagia diante da situação de viuvez, temos em Atos 6,1 a apresentação de graves atitudes contra os helenistas hebreus que estavam deixando de lado o amparo para com as viúvas no momento da distribuição diária. Mesmo que muitas dessas viúvas fossem independentes, exercendo funções religiosas (RICHTER REIMER; COSTA, 2015, p. 137), havia um maior grupo de viúvas que eram reféns do sistema de dominação romana e aristocrata, tornando-as carentes financeiramente (Mc 12-40). O caso da viúva encontra-se na mesma dinâmica: ‘refém do sistema de dominação’, onde a figura do homem é o referencial para todas as pessoas, assim construiu-se a inviabilização das identidades concretas, especialmente na experiência de crianças e mulheres (RICHTER REIMER *apud* COSTA, 2015).

Assim, diante da oposição que se constrói neste cenário, temos o rompimento das estruturas androcêntricas a partir do encontro com Jesus, o menino morto, a multidão de pessoas e a viúva. Em primeiro lugar, a paz para os que choram, opõe-se à violência por ser uma dimensão espiritual e moral,

²³ Para a compreensão deste conceito, ver principalmente Schussler Fiorenza (2009) e Richter Reimer (2006b)

desse modo, tem a função de rompimento das fronteiras do mal (COSTA, 2018, p. 21). O mal que se construía nesse cenário era de uma situação irreversível na ótica humana, pois o menino já estava no caixão e caminhava para ser enterrado (7,12). Todavia, o autor lucano não quer só protagonizar o menino, mas também sua mãe que está enfrentando uma terrível situação. Ao ver o ambiente de luto e choros da viúva, Jesus comoveu-se (7,13) e com atitude de amor e compaixão para com aquela, aproximou-se, tocou no esquife e disse: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te” (7,14) e o morto levantou-se e começou a conversar (7,15).

Portanto, podemos chegar ao entendimento que havia um peso emocional na morte do menino: o sentimento de mãe por perder o seu único filho, e a compreensão do contexto marcado pela injustiça, exploração, marginalização e discriminação que interagem a partir do cenário androcêntrico. Frente a este cenário, Jesus vem com a justiça do Reino de Deus que tem por objetivo apregoar a paz para aqueles que estão chorando. Ao encontrar com o morto, Jesus gera vida e traz a alegria para o coração daquela mãe, bem como a admiração de muitos e a propagação do Reino de Deus (7,16-17). Assim como aparentava ser um cenário irreversível para a viúva, Jesus através do Reino de Deus veio como promessa para consolar aqueles e aquelas que estão em situações de opressões, marginalizações e descriminalização.

Temos, nas palavras de Jesus exortações por meio de *ais* para aqueles estão alegres, tranquilos economicamente e sem remorsos, mesmo que para mantivessem esse *status* fosse preciso extorquir aquela(e)s que estavam chorando e passando fome, a estes são ditos “Ai de vós, que agora rides, porque conhecereis o luto e as lágrimas” (6,25b).

Para Sousa (2012, p. 50) existe a possibilidade de que o autor lucano tenha feito uma alusão de Lc 6,25b com Is 5,8-25, onde aponta para uma visão profética do profeta Isaías que narra a corrupção geral dos poderosos. Os que estavam no poder, atacavam severamente a terra que foi dada ao povo de Deus. A corrupção neste ambiente era tamanha que muitos já tinham perdido o senso de moral, havia a distorção dos direitos e frequentes injustiças, ao passo que os poderosos chegaram até desafiarem o Deus de Israel. Diante desses

aspectos, o profeta profere palavras ao povo de alerta, mostrando que Deus não ficará passivo a esse comportamento orgulhoso humano.

A corrupção, a ganância e a ambição em acumular mais riquezas para si é o fator que impede os ricos de cuidarem dos pobres. Por esse motivo, vemos que os ricos abandonarem o amor ao próximo. Ora, o único objeto de amor que sentem é pelos bens/riquezas, fato que torna se árbitro e um modo de viver. Em Lucas 16,13 temos Jesus apresentando o dinheiro como um senhor: “Ninguém pode servir a dois senhores: com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro”.

Neste bloco narrativo, Lucas apresenta a imagem do administrador infiel que precisa prestar contas ao seu patrão. Houve um momento em que o administrador foi denunciado por dissipar os bens de seu padrão (16,1), gerando o processo de demissão daquele administrador (16,2). Sabendo que não conseguiria manter aquele padrão que tinha de vida, dá um jeito para salvar-se daquela situação, “usando do dinheiro do patrão para fazer amigos que o acolham quando ele não tiver um lugar para cair morto” (STORNILO, 2017, p. 146).

Segundo Storniolo (2017, p. 146-147) o entendimento deste relato, em primeiro lugar, afirma que uma das maneiras de exercer a justiça é “roubar dos ricos e dar aos pobres”, isto é, os recursos injustos são aqueles que estão sendo acumulados nas mãos dos ricos, de modo que roubar daqueles que acumulam, é na verdade, “devolver o que antes fora roubado dos pobres”.

Caminhando, Brown (2012, p. 356) compreende que o autor lucano parece recomendar aos seus discípulos e exercício de negócios; todavia, o que está sendo elogiado no administrador infiel é seu comportamento enérgico e prudente, e não sua desonestidade. O interesse de Lucas encontra-se em apresentar o seu princípio teológico que visa alertar que “muito dinheiro corrompe, e o modo correto de usá-lo é dá-lo aos pobres”.

Cooperando com esses aspectos apresentados pelos autores, caminharemos para as considerações de Moracho (1994, p. 130-131) o dinheiro é um bem desejado por todas as pessoas, pois através dele pode-se obter coisas necessárias à vida. O fato de ser um bem, acaba sendo facilmente desejado mais e mais, gerando naqueles que vivem em função dele acúmulo e

ganância no enriquecimento crescente. Este enriquecimento faz com que os ricos queiram concentrar a maior parte em suas mãos. Neste sentido, as riquezas se converteram em um ídolo que está em oposição a Deus. Aqueles que desfrutam dessa abundância de bens, possuem um grande obstáculo “que impede o Reinado de Deus que quer fazer a justiça a todas as pessoas”.

Segundo Fabris e Maggioni (2006, p. 165) nessa narrativa o próprio administrador latifundiário tinha liberdade para administrar os ganhos que conseguia fazer através dos juros altíssimos que cobrava. Em um período agia com prudência e decisão, a qual facilitava o acúmulo para ele, assegurando assim o seu futuro. Após receber denúncias, o patrão ameaça aquele administrador a ser demitido. Preocupado com sua situação, por ter em mãos papéis de contratos com devedores, propõe a diminuição de cerca de 50% do valor inicial ao primeiro contrato e no segundo contrato propõe 20% de desconto ao segundo devedor. A atitude desse administrador visa renunciar em parte à “compensação que de costume tirava de operações análogas e, com prejuízo de seu senhor, assegura-se clientes amigos ligados a si pela cumplicidade na fraude”.

Assim, vemos que o próprio amor à riqueza gera a oposição ao Reino de Deus, o que por sinal, fomenta nas pessoas a escravidão que é seguida pela ambição de acumular mais e mais, esquecendo-se dos outros que padecem. No exemplo do administrador infiel, o seu objetivo era fazer de tudo para não perder o resgate dos juros que sobravam das operações que fazia com os contratados. Desse modo, para não sair muito prejudicado decidiu abrir mão de uma porcentagem dos juros, objetivando gerar amizades que no futuro poderiam ser solicitadas caso fosse preciso.

Assim, podemos perceber que o próprio envolvimento com as riquezas, na perspectiva de Lucas, gerava uma ‘cegueira’ como já mencionada na parábola do rico e do Lázaro (16,19-31). Essa cegueira é fruto e usufruto de uma vida de ostentação em decorrência da alegria em acumular e ter em abundância, enquanto os que são explorados, extorquidos e oprimidos lutam pela sobrevivência, choram por não terem o que comer. À vista disto, para os ricos são proferidos *aís* que transformarão esse momento de risos, alegria e ostentação em choro e grande lamentação. Já para os que estão chorando e famintos, serão saciados e seus choros serão convertidos em alegria.

2.4.3 O Ódio, a Rejeição, os Insultos, Expulsão e os que são Elogiados

Como também participantes das felicitações proferidas por Jesus, encontramos os odiados, rejeitados, insultados que por diversas vezes são acometidos de exclusão em seu ambiente social. Diferentemente destes, encontramos os ricos que são elogiados, principalmente, porque são pessoas importantes e possuem bens e riquezas. Para estes, são proferidos *ais* através das palavras de Jesus. Continuaremos, portanto, dando o mesmo prosseguimento como anteriormente dado no confronto das felicitações e os *ais*.

Temos, como apresentação da quarta felicitação (6,22-23):

Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque no céu será grande a vossa recompensa; pois do mesmo modo seus pais tratavam os profetas.

Após a apresentação das três primeiras felicitações que descrevem as necessidades básicas dos pobres como: a fome e o choro, chegamos aqui, à quarta felicitação que parte para outra dimensão, cujo os pobres estão enfrentando, agora, perseguições em seu ambiente social. Não somente a perseguição, mas também estão em situações de insultos, exclusões, odiados e difamados por causa do Filho do Homem (6,22). A partir desta quarta felicitação, pode-se perceber as grandes dificuldades que agora as discípulas e os discípulos irão enfrentar por causa do Reino de Deus.

Na utilização de alguns textos no Evangelho de Lucas, podemos observar as atitudes de ódio, expulsão, exclusão e a própria perseguição para com Jesus e seus discípulos, como por exemplo na cura de um paralítico (Lc 5,17-26), onde os fariseus e escribas questionam em seus corações sobre a cura do paralítico: “quem é esse que diz blasfêmias? Não é só Deus que pode perdoar pecados?” (5,21).

Segundo Brown (2012, p. 343) os fariseus criticavam com frequência, todos os comportamentos de Jesus, principalmente na cura do paralítico. O autor lucano traz ênfase em dois aspectos: as orações de Jesus (Lc 5,16), e a audiência com “os fariseus e doutores da Lei de todas as aldeias da Galileia,

da Judéia e de Jerusalém”. O foco de Lucas é mostrar o poder de Jesus que se manifesta em curas.

Diante disso, os fariseus e os doutores da Lei, mostram-se preocupados apenas com as práticas dogmáticas judaizantes, como neste texto, questionam o milagre da cura do paralisado e a libertação da culpa de seus pecados, não se preocupando com o serviço do Reino que é o cuidado com as pessoas. Nesse trecho, vemos Jesus colocando em prática o ano jubilar aos pobres. Sendo assim, aqui, este paralisado, além do perdão dos pecados, obteve sua cura imediata. Aqueles que o excluíam tiveram que observar de perto o seu milagre de cura.

Em outro texto lucano, podemos verificar exclusão e insultos causados pelas autoridades religiosas: os fariseus e escribas. Estes murmuravam porque Jesus e seus discípulos estavam se relacionado/misturando em um momento de refeição com pecadores, os publicanos (5,30-32). Podemos ver em Fabris e Maggioni (2006, p. 67) que ao considerarem Lucas como um médico, introduzem uma ideia, nesse texto de Lc 5,17-26, apresentando Jesus como um personagem curandeiro e não só que cura o paralisado, mas que resgata os que estão doentes da alma (os pecadores) para a conversão. Este seguimento, vai até o local onde estava Levi. A ênfase nesse trecho está no fato que Levi exercia uma profissão considerada como infame, pois nesse cargo torna-se “um personagem do fisco, odiado pelo povo como usuário e ladrão”. Após Jesus chama-lo para o seguimento do Reino, Lucas mostra a atitude de Levi imediata: deixando tudo e seguiu-o. A narrativa continua, agora, Levi dando um banquete como sinal de honra a Jesus, o recebendo em sua casa, convidando todos seus discípulos, e também “outro pessoal, acrescenta Lucas; é provável que todos fossem funcionários do fisco, ladrões e espertalhões! O banquete alegre festeja o ‘retorno’ ou conversão”.

A partir dessas considerações, considerar Levi, não como uma pessoa pobre, pois como vemos no próprio livro de Lucas, além de ser um publicano, tinha a possibilidade de dar um grande banquete. Sendo assim, entendemos aqui que mesmo em uma situação favorável economicamente, estava sendo oprimido, excluído e difamado pelo cargo que tinha. A partir do encontro com Jesus, Levi ouviu o chamado e abandona tudo para servir a missão do Reino de Deus, desse modo podemos identificá-lo como um felicitado (bem-aventurado).

Em Lucas 6,1-5, podemos observar alguns sinais de ódio, rejeição e exclusão. A narrativa começa em dia de sábado, onde Jesus estava passando por plantações juntamente com seus discípulos. Após verem espigas de milhos, arrancaram com as mãos, fato que incomodou alguns fariseus que indagavam: 'Por que estão fazendo isso mesmo sabendo que não é permitido em dia de sábado?' (6,2). Jesus, então, responde: "O Filho do Homem é o Senhor do sábado" (6,5). Temos, portanto, um cenário entre Jesus/discípulos e as autoridades aristocratas que visam defender a lógica da lei de abdição do sábado.

Para Fabris e Maggioni (2006, p. 70) o autor Lucano tem como pretensão apresentar para essas autoridades que "o Filho do Homem é senhor do sábado". Para a comunidade de Lucas é indiscutível que Jesus era constituído por Deus como autoridade que tinha em sua plenitude poderes do alto. Sendo assim, Jesus usa a figura de Davi comendo juntamente com leigos. Com este exemplo, indaga que se este comia com seus companheiros, passando por cima de qualquer regra, "tanto mais agora o Filho do Homem pode liberar os seus discípulos". Neste sentido o que Jesus quer mostrar para os fariseus é que o fundamento que o Filho do Homem utiliza, assim como todos os seus discípulos é "o estatuto da liberdade cristã [...] renovada no senhor".

Dentro dessa premissa apresentada por estes autores, temos, Jesus em defesa de seus discípulos que são repreendidos em um momento de necessidade básica, a fome, quebra uma lei que era considerada como regra básica para os judaizantes. Assim, Jesus mostra mais uma vez como representante do Reino de Deus que a justiça e a misericórdia está ao lado dos rejeitados, excluídos e odiados.

Dessa forma, pode-se considerar que os odiados, os rejeitados, os perseguidos e os excluídos são pobres como também as pessoas que estão em cargos considerados como 'cargos impuros' como no caso de Levi. Vimos que diante de todos esses fatores de exclusão e rejeição, o Reino de Deus vem como sua ação que contrapõe o dinamismo social, possibilitando, o adentrar nos espaços públicos, como no caso do parálítico que foi perdoado de seus pecados e curado de sua doença. Compreendemos assim, que ao encontrar

com Jesus, toda(o)s que estão nessas situações de opressões alcançam a alegria do Reino de Deus.

Caminhando, agora, nas palavras de Jesus que são direcionadas aos ricos, encontramos: “Ai de vós, quando todos vos bendisserem, pois do mesmo modo tratavam os falsos profetas” (6,26). Neste versículo, colocamos aqui, as palavras de elogios em contraste com os versículos citados anteriormente. Não obstante, encontramos, Jesus proferindo *ais* para os ricos que tinham como característica os que amavam o *status*/alta reputação concedida pelas riquezas que por sinal, estavam em contraposição à postura das discípulas e discípulos de Jesus. Podemos ver a menção de Jesus ao dizer: “vos bendisserem, pois do mesmo modo [...] tratavam os falsos profetas” (6,26).

Como eram os falsos profetas no A.T? Temos no livro de Isaías, algumas citações contra os falsos profetas que eram considerados como filhos rebeldes, por fazerem projetos da sua própria cabeça sem orientações da parte de Deus, além de formarem alianças com povos que não tinham sido sugeridos por Deus (Is 30,1), faziam coisas sem consultar a vontade de Deus, pede proteção e segurança a Faraó (30,2-3). Vemos como características desses falsos profetas: conseguir ‘favores’ através dos sacerdotes e profetizarem mentiras para o povo (Jr 5,31), não cuidando dos próximos, apenas levavam curas superficiais dizendo: “Paz! Paz!, quando não havia paz (Jr 6,14), eram enganadores (23,16) e tinham atitudes que profanavam aquilo que o Senhor Deus ama (Mq 2,11). Assim, podemos observar nesses versículos que os falsos profetas eram pessoas que não temiam a Deus, agiam de acordo com seus próprios desejos, usavam de injustiça, por isso que Deus os abominava. Esse tipo de comportamento era prejudicial para o povo de Deus, pois eram oprimidos com as falsas justiça desses profetas.

Neste seguimento, os ricos em Lucas eram considerados como pessoas praticantes da injustiça, ou seja, opositores ao Reino de Deus. Através de suas atitudes, o povo de Deus, no caso os pobres, padeciam pelo fato daqueles não praticarem a justiça verdadeira pregada por Jesus. Por isso, a estes são proferidos os *ais* quando todos vos bendizerem (6,26).

Diante de todos os aspectos trabalhados no bloco narrativo de Lucas 6,20-20, observamos a interações entre os versículos, nas quais apresentam os contrapontos entre as classes dos pobres e ricos, bem como podemos ver a

situação de cada um desses sendo transformada a partir da pregação de Jesus apresentada no Sermão da Planície, a qual, os pobres são felizes porque o Reino de Deus chegou a eles, e aos ricos são proferidos os *aís*, os quais converteriam toda o conforto e alegria em tristeza e desespero. Verificamos, portanto, que o termo pobre (*ptochói*) tem como marca as situações de choro e fome, comprovando que os pobres em Lucas estavam na pobreza literal.

Dentro da observação de cada versículo, o autor lucano frisa a discrepância entre os que estavam na pobreza e os que estão na riqueza, na qual em todo a narrativa, os ricos eram apresentados como os ostentadores, gananciosos e considerados aqueles que não ouviam a mensagem do Reino. Neste sentido, os ricos, de forma alguma, abandonariam suas posses para o seguimento e serviço do Reino, com exceção à Zaqueu. Por isso, nos trechos lucanos podemos perceber como se construía a ética do Reino, podendo assim ser considerados como discípulas e discípulos de Jesus somente aquela(e)s que ouviam a Palavra de Deus e a colocavam em prática (Lc 8,21).

Os pobres são alvos imediatos dos ricos escravizando-os, oprimindo-os e abandonando-os a ponto de morrerem, sem ao menos verem suas necessidades básicas serem supridas. À vista dessa situação assimétrica, o movimento de Jesus chega desmascarando toda essa opressão social, fazendo com que os pobres encontrem consolos, saciedades e amparo com a irrupção do Reino de Deus.

Neste sentido, aos ricos já tinham o consolo, a alegria, saciedade e recebiam elogios por causa das riquezas, com a presença do Reino, ocorre uma inversão para aqueles que desfrutavam sobre as custas das extorsões, opressões e marginalizações, se converterá a saciedade em fome, a alegria em luto e lágrimas e os elogios convertidos no mesmo tratamento que os falsos profetas tiveram (6,24-26). Diferentemente dos pobres que aguardaram com fé e esperança em Deus, a eles a situação de fome será convertida em saciedade, os choros serão transformados em alegria, as perseguições, ódios, difamações e expulsões serão premiadas com uma recompensa celeste (6,21-23).

Pode-se entender, portanto que as discípulas e discípulos de Jesus são aqueles que ouvem e estão em situações de vulnerabilidade, seja por causa de um cargo público que é considerado socialmente como

impuro/injusto, como no exemplo dos publicanos; também aqueles que se encontram em situações de doenças físicas e crônicas. A todas essas pessoas são proclamadas as boas novas do Reino de Deus.

No próximo capítulo, apresentaremos algumas imagens do Reino de Deus como expectativa escatológica, bem como também procuraremos observar como se apresentava as facetas do Reino de Deus no contexto lucano.

3 O REINO DE DEUS: EXPECTATIVA ESCATOLÓGICA EM LUCAS

No capítulo 2, observa-se Lucas 6,20-26, onde foram apresentadas as principais características dos receptores imediatos narrados no Sermão da Planície. A visão de Lucas a respeito de seu ambiente comunitário encontra-se dividida em dois grupos: os pobres e os ricos, onde somente os ricos, desfrutavam de regalias e privilégios dentro da perspectiva sociocultural do século I. A partir da pregação de Jesus anunciando a chegada do Reino de Deus, inverteram-se os valores sociais, contrapondo o dinamismo cultural-histórico antigo de exploração e marginalização. Aos pobres eram declaradas as boas novas do Reino que evocam tempos de alegria e paz, por aguardarem com fé e esperança a vinda messiânica.

Os ricos eram pessoas que esbanjavam os seus bens e suas riquezas sem se preocuparem com os que padeciam. Em seu ambiente social, recebiam elogios, desfrutavam de uma vida abundante proporcionada pelo dinheiro que tinham. Para manterem este *status* fazia-se necessário buscar mais recursos, por isso, em sua grande maioria roubavam dos pobres através de impostos elevados, taxações e juros exorbitantes. Cegos pela ganância e o acúmulo de mais propriedades, deixavam de lado o cuidado, a fraternidade, o amor para com as pessoas empobrecidas. Amantes de suas posses, são os primeiros a rejeitarem a pregação do Reino de Deus proferida por Jesus. Dessa maneira, para aqueles que eram, são replicados os *aí*s.

Diante deste enredo histórico-narrativo apresentado pelo Evangelho de Lucas, busca-se neste capítulo, investigar o Reino de Deus. Compreende-se que o Reino de Deus vem, “apesar de tudo, vem para os pobres e marginalizados, mesmo que sejam pecadores, porque a alegria de Deus está em tirá-los de sua situação inumana” (SEGUNDO, 1997, p. 187). Neste seguimento, a proposta aqui, é a observação da imagem do Reino de Deus como composição no Evangelho de Lucas.

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como visto em capítulos anteriores, as representações fazem parte do *ethos* de qualquer grupo ou comunidade. A partir das imagens e

representações apresentadas no Evangelho de Lucas em sua comunidade, encontra-se a construção de segurança e paz. Partindo daí, tem-se com a grandeza macrossocial que permeou o século I, o seu sistema de dominação romana chamada *pax romana*. Esse sistema “se apoiava no poder militar compulsivo [...] como um primeiro elemento [...] continha também outros elementos, para os quais [...] está o aspecto político” (WENGST, 1991, p. 34). Neste seguimento, a construção ideológica de paz, para os romanos, deveria ser preenchida com a harmonia (WENGST, 1991, p. 37), pois todo e qualquer tipo de oposição a esta condição, acarretaria repreensões como: torturas e execuções de pessoas, como no exemplo de Jesus que lutou incansavelmente contra os choros, fome e doenças do povo (SCHOTTROFF, 2006, p. 111), ocasionando a sua punição com a morte de cruz, sentenciado por meio da instância suprema dominante: Roma, através de seu procurador (WENGST, 1991, p. 9). Isso mostra como se dinamizava a política daquele período.

A *pax romana* era a força legitimadora de todas as ações, influenciando a dinâmica do viver em comunidade, trazendo conforto, segurança e liberdade para os romanos. Inculcava compreensões equivocadas na cabeça das pessoas sobre a falsa fé antropológica em torno das riquezas. A paz que se estabelecia em todo o território de domínio tinha um custo que era extraído da população com “impostos, alfândegas, contribuições, tributos e recrutamentos” (WENGST, 1991, 48). Dessa maneira, Roma se beneficiava de todas essas arrecadações, causando assim, um grande empobrecimento em massa, como visto nos capítulos anteriores.

Para Richter Reimer (2006b, p. 91) a própria condução do Estado do império romano fundamentava-se exclusivamente nos interesses das classes dominantes, que por sinal, tinha poderes sobre os outros. Poderes que eram exercidos de forma legal e jurídica. Neste sentido, os empobrecidos que estavam abaixo dos dominantes, compuseram o que se chamava de classe média, composta por sua maioria de pessoas pobres. Estes ‘pequenos’ acabavam sendo escravizados nessa sociedade. Não só escravizados, mas também tratados como objetos de trabalhos e mão de obra barata. A partir disso, criavam-se imagens de que estes não eram indivíduos, mas propriedades móveis que podiam ser usufruídas em trabalhos braçais, forçosos e intelectuais.

Este modo de agir romano, privilegiava apenas Roma que extraía de todo aspecto econômico seus benefícios. Como por exemplo, toda a “exploração das províncias e o espólio de guerra favoreciam sobretudo a cidade de Roma” (WENGST, 1991, p. 50), bem como nas construções, onde se tiravam proveitos das ampliações e construções de novas cidades (WENGST, 1991, p. 52). Dentro das atividades econômicas, a ótica romana fundamentava-se no *pater famílias*: o centro determinante de toda a base econômica romana e lucrativa do Estado (RICHTER REIMER, 2006b, p. 93). Os romanos através da política imposta por seus governantes e seus funcionários vassalos, utilizavam-se de várias medidas para exercerem o domínio sobre as terras e extraírem a maior quantidade de riquezas delas (RICHTER REIMER, 2010, p. 43). Tem-se como exemplificação a imposição de impostos, o que acarretava no endividamento e no empobrecimento das pessoas, onde suas propriedades eram entregues aos fiéis funcionários de Roma, militares “aposentados” e amigos que se situavam nas famílias senatoriais, de cavaleiros e vereadores (RICHTER REIMER, 2010, p. 45).

É possível observar que todo o mecanismo macrossocial girava em torno da influência político-econômica. Neste sentido, pode-se dizer que toda esta movimentação influenciava as relações sociais. Vê-se isto no seio familiar, onde: “As pessoas se encontram numa determinada relação social na qual a posição de cada indivíduo define o outro, por exemplo, pai-filho, credor-devedor” (ROHRBAUGH *apud* MOXNES, 1995, p. 35). Ou seja, a grande influência macrossocial romana era causa imediata das modificações imediatas nas relações locais, como no exemplo de pai/filho ou até mesmo em cargos público, posto que sempre haveria um membro que se sobressairia/controlaria a relação. Neste sentido, construiu-se um dinamismo social de quem tinha mais poder dominaria o outro. Assemelhando-se ao aspecto dual: puro/impuro, rico/pobre, doutores da lei/ leigos e judeu/gentio, neste caso, homens exerciam influencias sobre mulheres e crianças.

O Evangelho de Lucas apresenta Jesus como representante e propagador imediato das boas novas do Reino de Deus para seus discípulos e discípulas que estavam sob a influência desse aspecto macrossocial. Através de seu movimento de renovação, colocará um fim em toda marginalização e empobrecimento no solo palestinese. A pregação de Jesus inverteu todos os

valores construídos pelo sistema de dominação romana. Como João Batista, Jesus assumiu o mesmo teor escatológico em sua pregação: o fim está próximo.

Observa-se uma diferenciação no conteúdo central da pregação de João que frisava: A ira, estar por vir (Lc 3,7), “o machado já está posto à raiz das árvores: e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada no fogo” (Lc 3,9). Em Jesus, a sua pregação encontrava-se na evangelização dos pobres, a libertação dos presos e as curas milagrosas, a liberdade para os oprimidos e a proclamação do ano do Jubileu (Lc 4,18-19), e como expressão unicamente utilizada por ele: a anunciação das boas novas do Reino de Deus (Lc 4,43). A temática principal de sua pregação era nomeada como: as boas notícias do Reino de Deus. No episódio em Nazaré, após abrir o livro Isaías e lê-lo, disse: “Hoje se cumpriu aos ouvidos essa passagem da Escritura (Lc 4,21).

Para Segundo (1997, p. 146-145) o termo utilizado por Jesus chama-se *evangelio* que significa boas novas do Reino de Deus. A afirmação: ‘Hoje se cumpriu’, evoca uma alusão ao período em que Israel aguardava a chegada messiânica em resposta a promessa de que Deus auxiliaria o seu povo. A mensagem de Jesus a respeito da *basileia tu theou*, não significa ‘reino’, mas ‘reinado’, pois pode-se dizer que “é um sistema abstrato, um sistema de autoridade. Em outras palavras, o ‘reinado de Deus’ nunca poderia significar um fim, mas o início de uma situação prolongada na história”

A partir dessa concepção, tem-se uma nova ótica de governo, que Deus vem para se estabelecer na terra e agir conforme a sua vontade (SEGUNDO, 1997, p. 148). Jesus em seu movimento, contrapõe a dinâmica social atual que se fundamentava no sistema econômico politicamente regulamentado e que tinha como meio de acesso à riqueza (MOXNES, 1995, p. 36). E com a chegada desse governo de Deus, certamente, cessavam-se os choros e as tristezas, pois agora chegava um novo tempo para os pobres, por isso, é somente para eles que se anuncia a boa notícia. Não porque seja escondida para os demais: é que para os demais não é boa (SEGUNDO, 1997, p. 150).

Encontra-se em Lucas a anunciação efetiva do evangelho do Reino que construiu uma nova forma de viver em sociedade. Essa mudança

privilegiava aquelas e aqueles que estavam na pobreza. Existia também um grupo seletivo de pessoas que se sentiam resguardadas por causa de suas posses. Diante desta concepção transcendental equivocada, estes desfrutavam do benefício social: riquezas e bens; na qual, o autor lucano apresentava como uma contraposição ao Reino de Deus, e por isso Deus queria extingui-lo, em favor dos pobres. Conseqüentemente, após investigarmos algumas parábolas lucanas, percebe-se de forma clara e evidente como interagiu-se o dinamismo de resistência ao Reino de Deus por meio da acumulação e ganância.

3.2 AS IMAGENS DO REINO DE DEUS

Diante desta concepção transcendental equivocada, tínhamos, portanto, um grupo que desfrutava de um benefício social: riquezas e bens. O autor lucano apresenta como uma contraposição do Reino de Deus, e por isso Deus exortava aos ricos a venderem suas propriedades em favor dos pobres. Caminha-se nos próximos tópicos sobre algumas parábolas que forneceram informações de como construíam-se as imagens contra o Reino de Deus.

3.2.1 Ideias Equivocadas Contra o Reino²⁴: A Falsa Segurança

No Evangelho de Lucas percebe-se a narrativa sobre a parábola do rico insensato (12,16-21), na qual apresenta em termos socioeconômicos, a conservação das riquezas, porque trazia 'uma garantia provisória' de segurança futurística. Em contraposição a essa verdade social, Lucas mostra Reino de Deus como uma força oposta, onde factualmente tem a autoridade sobre a morte, findando com o objeto de felicidade (a riqueza) que foi calculado para o fim da vida (SEGUNDO, 1997, p. 188). A narrativa mostra o rico vivendo em uma vida tranquila porque possuía e desfrutava de suas posses. Essa realidade fazia com que ele não se importasse com o Reino, porque sua vida encontrava-se assegurada, e nada mudaria esta realidade.

Existem alguns fatores que são característicos no Evangelho de Lucas. Comportamentos que evocam princípios importantes, a começar do novo

²⁴ Toma-se como estrutura principalmente em Segundo (1997).

dinamismo social, exibidos no discurso de Jesus no Sermão da Planície. Nessa nova perspectiva, temos as ações mencionam da redistribuição através da prática do esmolar e a hospitalidade (MOXNES, 1995, p. 115). Por meio desta cosmovisão, aquela antiga sociedade deveria ser reestruturada. Por estar recluso em sua realidade gananciosa, o homem rico, mostrava-se distante das interações sociais, das relações de reciprocidade e de fraternidade para as pessoas que estavam necessitando de ajuda em sua vida de mendicância. Isso ocorria porque o rico insensato visava, em primeiro lugar, o acúmulo, pois só assim falaria para si mesmo: “Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te” (12,19). Na perspectiva de Lucas, o Reino de Deus contrapõe a ideia de que às riquezas eram a base para a segurança na vida das pessoas.

Na consideração de Storniolo (2017, p. 122) o homem rico, diante da grande abundância em sua colheita, viu a necessidade de criar novas construções para acumular seus recursos para sua vida futura. Postura que foi questionada por Jesus, pois percebia a vida somente como uma propriedade exclusivamente sua, já para Jesus, ela não é uma propriedade que nos pertence, mas um empréstimo. As riquezas de nenhuma maneira garantem a vida, “poque ela é dom de Deus, e este pode reclamá-la de volta a qualquer momento”. Para o Reino os bens e as posses não deveriam serem acumuladas, mas repartidas para as pessoas que nada tem.

Assim, leva-se em consideração que o autor lucano entende como desperdício todo tipo de acumulação. Esse tipo de falsa segurança é um equívoco, fato que se fazia necessário ser retirado do único lugar que se tinham em abundancia, isto é, dos ricos, para o benefício dos pobres (SEGUNDO, 1997, p. 188). Isto é notável na parábola de rico e Lázaro (16,19-31), que, no arrolar da narrativa, são apresentadas imagens da primeira felicitação e o primeiro *ai* no Sermão da Planície.

Nesse cenário entre o rico e Lázaro temos uma descrição detalhada do perfil do rico que se vestia de linho fino e púrpura (16,19). Esta referência de Lucas a respeito das vestes utilizadas pelo rico é identificada como um traje muito especial, de modo similar a vestimenta que Davi narrou na morte de Saul e Jônatas: “Filhas de Israel, chorai sobre Saul. Que vos vestiu de escarlate e de adornos, que adornou como ouro os vossos vestidos” (2Sm 1,24), temos,

também a mesmo estilo de roupa que foi colocado em Jesus pelos soldados do palácio: vestiram-no de púrpura e tecendo uma coroa de espinho, lhe impuseram (Mc 15,17). O rico tinha em suas vestimentas púrpura, considerado como um tecido requintado, utilizado nos trajes reais (GOURGUES, 2005, p. 156). Outro detalhe que já citamos nos capítulos anteriores é que o rico banqueteara com requinte (16,21), fato que só ocorria quando a pessoa possuísse bastantes recursos, como no caso deste personagem que se encontra na riqueza extrema. No caso de Lázaro, temos uma descrição de extrema pobreza, pois ele era pobre e era coberto de úlceras (19,20), e como necessidade, “desejava-se saciar-se do que caía na mesa do rico” (19,21).

Percebe-se uma total discrepância entre Lázaro que representa a extrema pobreza e o rico representando a extrema riqueza, na qual o rico se mostrava consolado e aparentemente seguro. Diferentemente de Lázaro que rogava por ajuda em meio ao seu estado de extrema miséria. O autor de Lucas apresenta a situação depois da morte desses dois personagens, onde ocorreu a inversão das situações, igualmente proferidos no Sermão da Planície. Agora, na vida pós morte o rico, “na mansão dos mortos, em meio à tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio” (16,22-23). Temos como detalhe central nessa narrativa, a figura do Reino de Deus como detentor/possuidor da morte que sobreveio a ambos, pondo um fim a falsa segurança do rico, isto é, do benefício que tinham sob suas posses (SEGUNDO, 1997, p. 189).

Desse modo, observa-se que Lucas apresenta nessa parábola a inversão da condição social de ambos os personagens, o que é similar com Lc 6,24, na qual aos ricos são proferidos os ais, bem como o alerta de que o ‘falso consolo’ será convertido em luto e lágrimas (6,25), fato que neste relato, cumpriu-se com o rico sofrendo e pedindo ajuda para Abraão que diz: “Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez males; agora, porém, ele encontra consolo e tu és atormentado (16,25).

Portanto, como imagens contra a proposta do Reino de Deus, a ‘falsa segurança’ dos ricos em acreditarem que estavam seguros por causa do acúmulo de suas riquezas. Já os pobres eram chamados de felizes por aguardarem o Reino de Deus, por isso, “vosso é o Reino de Deus” (6,20).

3.2.2 Os Justos, os Injustos/Pecadores e o Amor de Deus

As parábolas apresentadas no Evangelho de Lucas, informam como o Reino de Deus interpretava as ações e os valores éticos-individualizados dos ricos que estavam no poder. Como forma de desmascarar esse grupo, Jesus apregoava a parábola sobre o administrador infiel (Lc 16,1-13).

Para Segundo (1997, p. 192) Jesus tinha o objetivo de apresentar nessa parábola a situação de Israel que estava dividido em dois grupos: aqueles que tinham poder e por isso se apropriavam do acúmulo de bens e o outro grupo que são aqueles que eram vítimas imediatas das ações do grupo anterior. Ou seja, o próprio autor lucano apresenta Israel dividido entre os opressores e os oprimidos.

A partir dessas considerações, pode-se considerar que Lucas fez um olhar microssocial em seu cenário, no qual enfatiza as relações que se deram entre as autoridades religiosas: fariseus, legistas e escribas/doutores da lei e o povo pobre. Lucas insere a afirmação de que os fariseus eram amigos do dinheiro e zombavam dos ensinamentos de Jesus (16,14). Por que os fariseus são chamados de amigos do dinheiro?

Na narrativa, a questão sobre o administrador infiel (16,1-9). Lucas mostra nessa parábola o interesse central de sua teologia, em que podemos perceber nas considerações de Moxnes (1995, p. 133) que o cerne da parábola do administrador infiel, encontrava-se na explicação mais provável quando aquele abaixa o valor dos juros/dívidas e significava que “ele abriu mão da sua comissão, ou juros sobre o principal”. Mesmo que diante da cobrança indevida, a perspectiva apresentada por Lucas encontrava-se no fato de ter desistido de sua remuneração (injusta). Na recapitulação da narrativa, o administrador tinha sido acusado de dissipar as economias de seu patrão, fato que desestabilizou a relação entre ambos, ocasionando sua demissão. Como alternativa estratégica, o administrador fez uma aliança com seus inferiores, ou seja, aqueles devedores de seu patrão “provavelmente pequenos fazendeiros da comunidade da aldeia. Diante dessa postura, de redução das dívidas dos endividados, estabelece vínculos que geraram para ele “esperanças de futuras retribuições”.

À vista dessas considerações, temos na imagem do administrador o modo de como Israel encontrava-se diante das relações de reciprocidade. A falsa segurança que o dinheiro poderia fornecer, fato do esquecimento frequente das autoridades religiosas que abriam mão da prioridade em serem responsáveis para com o próximo. De modo que na parábola do administrador, pode-se perceber como se estruturavam as relações sociais entre os que detinham e os que não detinham o poder. Lucas através de Jesus louvou o comportamento daquele por ter agido com prudência frente à situação imposta (16,8), acrescentando como advertência: “os filhos deste século são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz” (16,8). Sendo assim, para Jesus, “o administrador agiu corretamente e se comportou de forma moralmente superior, retificando a injustiça da usura” (MOXNES, 1995, p. 134).

Portanto, o dinheiro era uma dimensão oposta ao Reino de Deus. Neste seguimento, Lucas apresenta Jesus como representante imediato do Reino que reprovava todos aqueles que se opusessem, mostrando que Deus conduziria este reinado através da desestruturação dos cálculos individualistas que privilegiavam exclusivamente a si mesmo, por meio da acumulação, gerando privilégios para os ricos e o empobrecimento/marginalização dos pobres em Israel (SEGUNDO, 1997, p. 191). Estes pobres eram alcançados pelo amor de Deus através das boas notícias propagadas por Jesus que desconstruíram os planos dos ricos em favor dos pobres. Destruindo assim, por meio da redistribuição dos bens, a falsa segurança dos ricos em detrimento ao prestígio dos marginalizados.

Vê-se em Lucas, os fariseus sendo os protagonistas da canalização dos recursos dos pobres através da exploração (20,47), esse fato confirmou-se por serem amantes dos prestígios proporcionados pelas riquezas, por isso são considerados como amigos do dinheiro. O dinheiro quando não usado com prudência, escravizava a pessoa. Na parábola do administrador, Jesus diz: “fazei amigos com o dinheiro da iniquidade” (16,9), ou seja, a aplicação lucana mostrava-se na perspectiva de que esta ação estava no caminho oposto da escravização dos necessitados, na qual ‘fazer amigos’, seria dar aos necessitados tendo um efeito de fraternidade e igualdade, evocando uma ação libertadora (MOXNES, 1995, p. 135). Acrescentando a realidade imposta pela escolha em servir a Deus ou ao Dinheiro (16,13).

Neste sentido, os fariseus escolhiam relacionar-se com as riquezas, fato que os fazia zombar dos ensinamentos de Jesus (16,14), e o interesse imediato deles era de se passarem por pessoas justas diante do povo. Nas considerações de Moxnes (1995, p. 139-140) a postura dos fariseus encontra-se em oposição a Deus, pois as pessoas queriam mostrar uma imagem de santidade e pureza, mas de Deus não conseguiam esconder, pois este conhecia as intenções e as ações das pessoas. Portanto, são 'abomináveis diante de Deus' por causa da postura social que tentavam demonstrar, mas que se passavam por impuros, mesmo que buscassem com preocupação a pureza.

Desse modo, pode-se considerar que os fariseus mesmo que na frente das pessoas tentavam se passar por justos, na ótica do Reino de Deus, são pessoas injustas que purificavam o exterior, enquanto no interior dos seus corações havia perversidade em abundância (11,39). Por serem amantes do dinheiro, eram escravizados por ele, fato que contribuía para o abandonar da justiça e amor de Deus (11,42). Já os pobres que eram chamados de pecadores/injustos, eram amparados pelo Reino de Deus.

3.2.3 Inversão do Reino: os Primeiros serão os Últimos

A proposta lucana sobre chegada do Reino de Deus conforme proferida nas palavras de Jesus, mostra-se como dinamismo da inversão. Temos, Jesus com o seu movimento de renovação intrajudaica apresentando em algumas de suas parábolas a inversão total da ótica social.

Na parábola do filho perdido e o infiel (15,11-32), temos filho mais novo que pede sua parte da herança ao seu pai (15,12), o seu objetivo era viver a vida de forma desordenada e libertina longe de sua família, dissipando toda a sua herança (15,13). Diante dessa escolha, teve que enfrentar grandes dificuldades, pois a região que escolheu ir estava passando por momentos econômicos difíceis, desse modo, sem dinheiro, começou a passar fome (15,14), então, foi procurar um emprego para a sua sobrevivência, conseguindo como cuidador de animais, guardador de porcos (15,15). A situação como cuidador de porcos era tão difícil que os animais eram bem mais cuidados na alimentação do que ele (15,16). Caindo em si, arrependeu-se do que fez e decidiu voltar para casa de seu pai e dizer para ele: "pequei contra o Céu e

contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados” (15,17-19).

Lucas menciona que aquele pai esperava ansiosamente a chegada de seu filho que havida partido. Após vê-lo, encheu-se de compaixão (15,20), já o irmão mais velho, ficou com muita raiva, ao ver o banquete que seu pai deu para seu irmão que havia saído e pecado contra ele (15, 25-30).

Nas considerações de Storniolo (2017, p. 140-143) pode-se afirmar que a narrativa de Lucas 15 é o coração de todo o Evangelho lucano, porque Deus através de Jesus faz à separação das pessoas que eram receptivas as boas novas, daquelas que rejeitavam as boas novas do Reino e a partir daí, construiu uma nova sociedade e história. Considerados como pessoas pecadoras, os cobradores de impostos eram perseguidos pelas autoridades religiosas, motivo que fez Jesus se aproximar delas. Esse fato gerou escândalo aos fariseus e escribas. Desse modo, Jesus apregoou três parábolas, das quais a terceira apresentava o irmão mais velho que representava a postura comum das “pessoas religiosas que se julgam ‘justas e piedosas’, exatamente como os doutores da Lei e os fariseus”. Na parábola, Deus representava a figura do Pai e a postura do pai era revelação de como Deus queria, através de Jesus realizar a sua obra. O personagem do filho mais novo “representava todos os marginalizados e excluídos do círculo dos ‘justos’, da sociedade ‘justa e limpa, sadia e higiênica’”. O segundo personagem apresentado como o filho mais velho “representavam os ‘justos e impecáveis’ doutores da Lei e fariseus, todos os pretensos ‘justos’ que ‘não precisam de conversão’”.

Para Segundo (1997, p. 196-197) a terceira parábola apresentada pelo autor lucano, demonstrava a alegria que ocorria com o filho perdido que voltava para a casa de seu pai, o que representava o retorno do pecador para o Reino de Deus. Este relato apresenta a distância que há entre os filhos e o coração do pai. O filho mais novo foi para um país longe, o que contrastou com a proximidade do filho mais velho com o pai: ‘tu está sempre comigo’. Todavia, a distância entre o mais novo e o pai era muito pequena. Diferentemente da distância do coração do filho mais velho que era comparada há um abismo. Mesmo com a iniciativa tomada pelo filho mais novo em retornar para casa de seu pai, a ideia que esta parábola evoca é que o pecador deve se arrepender. A partir daí, quem toma toda a iniciativa é o pai: por estar preocupado com a

volta de seu filho, e por isso a vista o menino primeiro e prepara um banquete para ele. Já o irmão mais velho, encontrava-se distante com relação ao coração do pai. Esse fato na terceira parábola tem a ver com o problema que Israel tinha em saber o tamanho do pecado das pessoas. Sendo assim, este representa todos àqueles que se intitulavam como 'justos', de maneira que "aqueles que se acham justos peçam contas a Deus por sua 'alegria'". Portanto, na apresentação desses personagens o retrato do filho mais velho queria relatar a real separação das autoridades religiosas de Israel para com o coração de Deus (SEGUNDO, 1997, p. 198).

Neste seguimento, pode-se concluir que a parábola do filho infiel demonstra que o Reino de Deus chegou para os primeiros, mas eles rejeitaram, sendo assim, aos pobres foram divulgadas a notícia de que o Reino pertence a eles. A figura do pai representa Deus que recebe o seu filho que estava longe e agora retornou, assim são "todos os publicanos e pecadores que se aproximavam de Jesus para ouvi-lo" (Lc 15,1) quanto ao filho mais velho que estava, em casa, se encontrava longe, igualmente aos fariseus e escribas que murmuravam por Jesus estar comendo e bebendo com aqueles pecadores (Lc 15,2).

3.3 REINO DE DEUS NA PERSPECTIVA LUCANA

O Evangelho de Lucas apresenta no discurso do Sermão da Planície felicitações aos pobres, famintos, os que choram e são odiados, excluídos e difamados. Estes são considerados felizes, porque "vosso é o Reino de Deus" (Lc 6,20). Em resposta a toda exclusão social, temos o anúncio profético de Jesus sobre Reino de Deus. O que significa o Reino de Deus? Para responder essa pergunta, utilizaremos de considerações de autores que já trabalharam com esta temática.

Segundo Júnior e Rossi (2018, p. 122-123) o motivo que o autor lucano apresenta as bem-aventuranças é exclusivamente por causa do Reino: Reino dos Céus proclamado no Sermão do Monte (Mt 5-7) ou Reino de Deus proclamado no Sermão da Planície (Lc 6,20). O Reino que é anunciado por Jesus é dos Céus, vem exclusivamente de Deus, sendo assim, não segue os padrões desse mundo. Por isso aqueles que eram desprezados (os pobres)

desse mundo, são considerados neste Reino como felizes. Neste seguimento, o Reino dos Céus de Mateus e o Reino de Deus de Lucas são os mesmos, pois vem do alto e não se fundamentava no dinamismo desse mundo, mas na *práxis* de Jesus em seu movimento itinerante na região da Palestina. Com o irromper do Reino de Deus, em meio aos conflitos: fome, tristeza, ódio, expulsão, exclusão e perseguição, e a partir das ações e palavras de Jesus, os pobres foram chamados de felizes porque “Deles [os pobres] é o Reino”, dessa forma, finalmente estes experimentaram a vida de modo digno como filhos e filhas de Deus. A mudança radical que era gerada com irromper do Reino podia ser “interpretada como um protesto contra o mecanismo de exclusão deste mundo”.

Para Stegemann (2012, p. 402) a melhor maneira de estudar sobre o Reino de Deus era apregoar o termo *basileia* como ‘soberania’, seja como soberania real ou reinado. Neste conceito de soberania divina, temos, portanto, a ideia de oposição/contraposição a tudo aquilo “que lhe é contrário, ou seja, à soberania humana”.

Segundo considerações de Pannenberg (*apud* GUERRA, 2019, p. 56) ao falar do Reino de Deus, tem-se como construto mais concreto, podendo ser visualizado, através da justiça como se encontra em formato de amor e direito dos seres humanos, como também tem como relacionamento as estruturas do convívio social. Neste sentido, o Reino de Deus evoca um caráter político, partindo de seu prisma crítico e subversivo. Com o governo nas mãos, Deus exercer a soberania que antagoniza as formas de gestão que oprimem, insultam, escraviza e desvaloriza as pessoas.

Ainda nessa composição do Reino de Deus como uma instituição divina, mas que possui caráter político, temos, nas palavras de Schüssler Fiorenza (*apud* GUERRA, 2019, p. 57) a realidade do Reino de Deus:

Jesus e seus primeiros discípulos anunciavam a *basileia* (comunidade/império) como uma realidade alternativa a *basileia* romana. Dessa forma, além de evocar a ancestralidade que proclama o poder criador e salífico de Deus, o termo *basileia* também é um símbolo político que apelava à imaginação de oposição do povo vitimizado pelo sistema imperial romano. Ele concebe um mundo alternativo livre de fome, pobreza e da dominação.

Assim, pode-se verificar que o próprio Reino de Deus, tinha como estabelecimento soberano, colocou fim a todo dinamismo social desigual, em favor de seu povo que estava sendo oprimido, explorado e marginalizado pelo sistema de dominação romano. Nesse seguimento, pode-se considerar o Reino de Deus como um poder não só espiritual que vinha dos céus, mas um poder que desestruturava o dinamismo deste mundo velho, para a uma nova ordem estabelecida por Deus, na qual, fundamentava-se na aceitação das boas novas do Reino, bem como na pessoa de Jesus (BOFF, 2012, p. 46). Sendo assim, o Reino de Deus tinha como característica principal algo que vinha de Deus e tinha como ações transformadoras “à sua presença, à irrupção e à penetração do seu ser no mundo” (MARCONCINI, 2012, p. 190).

Pode-se perceber que a *basileia* tinha fundamento no combate e desmascaramento das estruturas assimétricas de poder que visavam legitimar as explorações, opressões e ódio contra todas e todos. Para compreendermos um pouco mais deste dinamismo do Reino de Deus, observemos as considerações de Reimer e Richter Reimer (*apud* GUERRA, 2019, p. 58):

Este poder dinâmico do Reino de Deus rompe com mecanismos de discriminação, desmascara e desempodera sistemas de injustiça. Este poder acolhe crianças, mulheres e homens de forma igualitária e capacita estas pessoas para serem sujeito de uma nova história, na qual a justiça solidária cuida da vida toda e de cada vida.

Destarte, além da ruptura do sistema de dominação que legitimava explorações e exclusões, colocava-se fim a toda relação injusta construída socialmente entre as pessoas, especificamente a supremacia dos homens sobre mulheres e crianças. A libertação desta dinâmica, proporcionava bem estar e uma nova história para aquela(e)s que aderissem a mensagem das boas novas do Reino de Deus.

Diante de todos os aspectos apresentados, tem-se o Reino de Deus como a representação imediata da vontade de Deus na terra, a qual irrompeu com o dinamismo atual, para uma nova cosmovisão que era estabelecida com a ordem proporcionada por Deus. Mulheres, homens e crianças eram acolhidos pelo Reino transformando suas relações de forma igualitária. O Reino de Deus, portanto, tinha caráter político, antagônico e subversivo aos paradigmas de dominação romana que podiam ser vistos no Evangelho de Lucas. Dando

seguimento, observa-se as imagens do Reino de Deus dentro da perspectiva da comunidade lucana.

3.4 A MENSAGEM CENTRAL DO REINO DE DEUS²⁵

Diante dos ditos e parábolas de Jesus, percebemos a intenção de Lucas em mostrar qual a realidade imediata da presença do Reino de Deus, no tocante aos assuntos sobre os seres humanos. Para isso, deduzimos como características mais presentes no conteúdo central na mensagem propagada por Jesus, as bem-aventuranças e o ano jubilar.

3.4.1 O conteúdo do Reino: os bem-aventurados e o ano jubilar

O Sermão da Planície expõe as felicitações proferidas por Jesus como herança, aos pobres. Diante dessa participação do Reino, são apresentadas repostas aos sofrimentos: a fome e aos choros, convertidos nas promessas de saciedade (6,21a) e a promessa que haveis de rir (6,21b).

Para Golppet (2003, p. 102) o Reino de Deus tem como solução para a tristeza, o consolo que acaba com todo o sofrimento e a saciedade que acaba com a fome, por este motivo, a teologia de Lucas pode ser considerada como “a fome de pão”. Dessa maneira, a resposta do Reino encontra-se na graça do suprimento não somente espiritual, mas corpóreo. Dentro dessa dinâmica da saciedade corporal, encontramos as considerações do projeto salvífico de Jesus nas palavras de Fabris e Maggioni (2006, p. 205):

Para perceber a novidade da salvação anunciada por Jesus é indispensável um primeiro confronto com a tradição bíblica. A experiência fundamental, expressa na terminologia da salvação pelos vocábulos derivados da raiz verbal *yasha*, é de ‘sair ao largo’, estar seguro em relação a um estado de opressão ou de ameaça, assim se chama salvação [...] sarar de uma doença, superar vitoriosamente um processo [...] Em todas as situações de ameaças, o Senhor [...] se revela Salvador.

Dessarte, presença do Reino de Deus impõe a inversão dos valores sociais, nos quais, aqueles que eram nomeados como desgraçados, agora são

²⁵ Tomou por fundamento, principalmente as ideias de Goppelt (2003).

agraciados pela graça de Deus. Sendo assim, a presença eminente do Reino de Deus era marcada pelas manifestações milagrosas daqueles que estavam em situações imediatas de sofrimento e desesperança.

Para Jesus, a sua missão à serviço do reino, visa o anúncio das boas notícias aos pobres. Nas considerações de Segundo (1997, p. 150) o conteúdo endereçado aos bem-aventurados faz alusão a Is 61,1, a qual atribui a profecia bíblica à missão de Jesus. A anunciação aos pobres é algo que “recheia o livre anúncio da vinda do Reino de Deus daquilo que se pode chamar ‘carne política’”. Essa nova forma de governo tinha como estrutura social: o ano do Jubileu, onde a cidade e suas riquezas eram enquadradas na dinâmica da repartição de forma igualitárias entre todos os seus habitantes, pondo um fim a toda escravidão que era predominante no governo anterior, para que assim, todos retornassem a uma nova vida digna.

A partir dessa premissa, pode-se dizer que os sinais eminentes do Reino eram perceptíveis para as pessoas chamadas de bem-aventurados, pois em situação de humilhação, provaram da graça de Deus (Lc 1,48), isso, só era possível porque o objetivo da salvação “se realiza por meio da libertação da escravidão do mal: doença, medo, morte, mentira, violência, injustiça” (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 18). Dessa maneira, o Reino tinha como carácter fundamental a relação de comunhão entre Deus e os chamados de bem-aventurados, na qual todas as carências sociais eram supridas e superadas através da vinda do Reino.

Segundo Stegemann (2012, p. 422) a mensagem empregada pelo Reino de Deus, traz notícia alegre da soberania de Deus para um grupo de pessoas que se encontravam em situações de assimetria social em todos os sentidos. A elas pertence o Reino, que mesmo com todo o seu esforço para manter a sobrevivência de sua família, acabaram sendo frustradas. Os pobres, encontram-se em situações desproporcionais ao mínimo necessário para sobrevivência, dependendo apenas da mendicância.

Para Golppelt (2003, p. 102) a manifestação do Reino de Deus ocorreria através de sua ação no homem, a qual, ele se condicionava a partir da promessa de que “seriam consolados”, e também, estes pobres receberiam o consolo do próprio Deus; com a promessa de que “seriam fartos”, onde o próprio Deus acabaria com a fome dos pobres. Neste seguimento, Jesus fala

da vinda do Reino presente, mesmo em meio à fome e morte existindo. O Reino veio para aqueles que estavam em condições difíceis, de modo que em comunhão com o homem, Deus superaria “o sofrimento e a fome, recebendo, enfim, misericordiosamente, o homem como filho”.

Essa nova estruturação imposta pelo Reino de Deus, tem como personagem fundante Jesus que apresenta em seu movimento: a proclamação do ano de graça do Senhor (Lc 4,19). Como mencionado em capítulos anteriores, o tempo da graça do Senhor, colocou ordem ao curso do mundo, desmascarando as injustiças e opressões através do perdão das dívidas que evocavam no mundo a paz e a justiça do Reino. O dinamismo social predominante na Palestina do século I girava-se em torno da lógica de que “o rico domina sobre os pobres, o que toma emprestado é servo do que empresta” (Pv 22,7). Em deuterônimo 15 e Levítico 25,10, é explicada a estrutura que norteia as relações de dívidas. Veremos a tradução de F. Crusemann, mencionada por Schottroff (2006, p. 106):

Após sete anos deverá realizar um perdão de dívidas e esse perdão tem por consequência: cada credor deve abrir mão daquilo que ele emprestou a seu próximo. Ele não deve molestar seu próximo e irmão, pois foi proclamado um perdão de dívidas para Adonai.

Assim, o perdão de dívidas no sétimo ano, gerou nas pessoas a diminuição dos empréstimos entre si (Mischna, *schebiit* 10,3 *apud* SCHOTTROFF, 2006, p. 107). O próprio autor lucano exhibe na *práxis* de Jesus a aplicação dessa estrutura na oração do Pai nosso (Lc 11,1-4). Vemos, portanto, alguns detalhes importantes sobre a oração do Pai nosso nas palavras de Richter Reimer (2006b, p. 137):

A oração do Pai-nosso tinha como original a fala aramaica, que foi traduzida para o grego, o verbo *afékamen* pode ser traduzido como performativo, denotando simultaneidade de ação, no caso, do perdão. Trata-se de um aoristo, que se refere a uma ação realizada num tempo passado, mas continua atuante ou se atualizando no presente. Essa simultaneidade do perdão humano é decorrente da experiência e da certeza do perdão divino. Pelo o fato, porém, de o perdão ser um processo em movimento e que movimenta Deus e pessoas, muitas vezes não podemos distinguir exatamente qual é a ação primária.

Assim, pode-se afirmar que o ano jubilar foi um processo divino que perpassou pela a via do perdão das dívidas. O perdão teve como gesto a gratuidade do amor para com o próximo. A partir dele, se construiu uma ponte que ligava a libertação e a possibilidade de uma nova reconstrução de vida (RICHTER REIMER, 2006b, p. 148). Diante de um compromisso relacional de ambas as partes, abriu-se espaço para a graça de Deus, bem como para a misericórdia, a justiça e a solidariedade (RICHTER REIMER, 2006b, p. 148).

Na estrutura da oração do Pai nosso a petição: “perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores” (Lc 11,4). Essa oração fez com que toda a comunidade se tornasse modelo vivo da plena ação de Deus na terra, inserindo-a na expectativa esperançosa de anos de práticas jubilares apresentadas pelo Jubileu divino (RICHTER REIMER, 2006, p. 137). Portanto, a comunidade lucana era estimulada a fazer orações espirituais, fato que os levava a experiências de rupturas de escravização e opressão para um novo tempo de resgate de dignidade e libertação.

O perdão e o amor para com o próximo também eram vias do ano da graça do Senhor. Esse caminho perpassava o chamamento de Jesus ao povo para imitar a Deus. Podemos ver nas considerações de Schottroff (2006, p. 109-101) que copiar a Deus tinha como significado fundir o amor ao inimigo e o perdão das dívidas. Isto só era possível através da imitação de Deus o que colocaria um fim nas relações de violências entre as pessoas. Dessa maneira, quando esta postura assumida, acabava-se com as leis: bate e volta, violência gera violência, violência para com as pessoas empobrecidas. Abria-se espaço para a misericórdia de Deus e a vontade que Deus em perdoar. Odiados pelos senhores romanos, pelas autoridades judaicas, os pobres eram perseguidos e odiados pelas poucas pessoas ricas que detestavam a persistência de mulheres e homens em não desistirem “da esperança por libertação do povo de Deus e que estavam convencidas da vinda de um Messias”.

Portanto, pode-se ver como mensagem central de Jesus a figura do Reino que veio como algo a parte da sociedade. Algo que desestruturou o sistema de escravidão, opressão e exploração aos pobres. Através do conteúdo divulgado por Jesus cujo objetivo era a anunciação do ano jubilar do Senhor, bem como no Sermão da Planície as bem-aventuranças, impõe um novo dinamismo à sociedade a partir do Reino de Deus.

3.4.2 O conteúdo do Reino: “Deixamos Tudo para Seguir”

A mensagem propagada por Jesus visava acolher toda(o)s aquela(e)s que aderissem ao seu movimento e a mensagem do Reino. Mulheres, homens e crianças eram participantes desse novo estilo de vida que os convoca a assumir a *práxis* de Jesus. Qual era a tarefa da discípula e discípulo de Jesus demonstrada no Evangelho de Lucas?

Para Stegemann (2012, p. 74-75) o seguimento a serviço do Reino, não começava unicamente na aceitação da mensagem de Jesus, mas se enquadrava na identificação genuína no estilo de vida de Jesus e seu destino. Na compreensão lucana, os discípulos de Jesus eram convidados a abandonarem tudo, como no caso de Pedro que abandonou o seu trabalho como pescador para servir ao Reino. Neste seguimento, só era possível ser discípulo de Deus aqueles que abandonassem tudo que possuíam. Ou seja, “uma das condições para o seguimento de Jesus como discípulo/aluno é a completa renúncia aos bens. Os discípulos de Jesus tornam-se pobres/*ptochoi* voluntariamente”. Não somente suas profissões, mas abarcava suas famílias maiores, como também suas esposas.

Dessa maneira, os discípulos de Jesus, tinham por características o abandono de tudo em serviço ao Reino. Temos o exemplo de Levi, o publicano. Após o convite de Jesus, Levi, largou tudo que estava fazendo para segui-lo (Lc 5,28), ora, a *práxis* de Jesus revelava a ética radical do Reino de Deus que “qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (14,33). Essa recomendação abrangia a todos que ingressassem na missão do Reino de Deus. Por que o Reino de Deus propunha esse tipo de exigência, como exemplo o abandono da própria família?

É possível compreender como o dinamismo ético do Reino agia: “Pensais que vim para estabelecer a paz sobre a terra? Não, eu vos digo, mas a divisão” (Lc 12,51). Primeiramente, tem-se a divisão familiar: “numa casa com cinco pessoas, estarão divididas três contra duas e duas contra três” (12,52). Na estrutura macrossocial social política em Lucas, como já mencionada em capítulos anteriores, era formada, fundamentada e estruturada de forma patriarcal-hierárquica, a *pater familiar*, na qual o pai era o Senhor proprietário

da casa, onde exercia poder e autoridade sobre todos. Sobre essa organização Jesus não propõe um tempo de decisão, ao contrário, disse que haveria discursões, desordem e separação (WENGST, 1991, p. 91).

Caminhando nessa premissa, a partir das considerações de Wengst (1991, p. 92-93) sobre as ideias de Jesus a respeito dos costumes tradicionais propagados socialmente, observa-se que o direito e a ordem, para Jesus eles encontravam-se em dissolução e perderam sua validade. Ou seja, essa dissolução da ordem, era sinal do fim dos tempos. Sendo assim, Jesus apregoa o termo 'paz', o qual evoca o sentido de ordem social, abarcando ordenamento nas estruturas existentes. Ao dizer: Não vim 'trazer paz' ou 'criar paz' significa: "a manutenção da ordem existente, na qual exista 'em baixo' e 'em cima', a partir dos proprietários e dos que mandam. Com este dito Jesus recusa-se decididamente a legitimar e abençoar o *status quo* de um mundo injusto". Foi exatamente para que ele veio trazer "a espada para dentro de tal 'paz', que é apenas pseudopaz". Nas palavras de Segundo (1997, p. 161) a figura de linguagem usada: 'espada', evoca um sentido de que não somente seja um juízo de Deus introduzido desde o alto, mas é "Jesus que procura, como algo dependente de sua missão profética, um verdadeiro enfrentamento histórico". Neste sentido, essa nova proposta gerou mais conflitos radicais, como a opção pelos pobres, pois o Reino traria discórdias e inimizades entre amigos e parentes, bem como entre justos e pecadores (SEGUNDO, 1997, p. 162).

A partir dessa perspectiva, percebemos que Jesus considerou a estrutura social familiar antiga como falida, levando a construção de uma nova ótica familiar, na qual, se estruturava num aglomerado de pessoas em sua volta, onde todos eram mães e irmãos; gerando assim, o aspecto de igualdade, mutualidade e solidariedade (WENGST, 1991, p. 94). Nesse aspecto, pode-se dizer que o Reino de Deus rompeu com todas as relações assimétricas da sociedade para um novo tempo entre as pessoas. Para apregoar esse novo dinamismo, era preciso que os discípulos e discípulas abandonassem as estruturas antigas e aderissem à *práxis* de Jesus que perpassava as construções de grupos de discípulos/discípulas, ajuntamentos com pessoas que eram tanto pecadoras como publicanos, bem como aquela(e)s que excluída(o)s da sociedade, que ficavam à margem das maldades dos que

estavam no poder (WENGST, 1991, p. 95). Através de sua *práxis* positiva, tornou-se realizada a promessa de saciedade e alegria para os que aguardavam a chegada do Reino de Deus.

Portanto, a mensagem do Reino de Deus, visava contrapor a ideia de uma pseudopaz que privilegiava apenas aqueles que estavam no poder. Sendo assim, Jesus apregoa para essa estrutura *pater familiar*, a espada; fomentando um novo ideal de família, cujos laços igualitários perpassavam a igualdade, fraternidade, a mutualidade e o amor para com o próximo, onde a paz de Reino era o árbitro da forma de viver das pessoas.

3.4.3 O Conteúdo do Reino: O Chamamento ao Arrependimento

O arrependimento faz parte de um dos conteúdos do ensinamento de Jesus no Sermão da Planície, a qual se dirigia ao público rico com *ais* que evocavam um significado de alerta/condenação. O autor lucano acentua a sua crítica a esse público dominante: ‘Ai de vós, ricos’, ‘ai de vós legistas’, ‘ai de vós fariseus’, ‘ai de vós escribas’.

A estes eram proferidos *ais* em tom de alerta/condenação e em chamamento ao arrependimento. As críticas dirigidas aos ricos caminhavam sobre o viés da exortação daqueles que mantinham sua confiança apenas em suas posses e em seus bens. Por este motivo, as pessoas que se “compraz com a sua riqueza, nada mais receberá de Deus” (GOPPELT, 2003, p. 111).

Desde João Batista, a pregação que antecedia a proclamação de Jesus sobre chegada do Reino de Deus, se concentrava dentro da perspectiva sobre o chamamento ao arrependimento (Lc 3,3). Em Jesus, temos dois tipos de convites ao arrependimento: para os pobres, intitulados como pecadores, o abandono de tudo para o serviço do Reino e para os ricos eram feitos convites de *ais* contra o amor e a confiança apenas às riquezas.

Para Goppelt (2003, p. 111) em Lucas 6,24, após as felicitações para os pobres, foram proferidos os *ais* para os ricos. Na perspectiva ebionita acontecia um afastamento da fundamentação do texto, pois acreditavam na condenação dos ricos, porque eles eram ricos, já os pobres encontravam a salvação, pois eram pobres. Caminhando nesta ideia apresentada por Lucas: “ai de vós, ricos! Pois recebestes o vosso consolo”. Temos o verbo *apechein*

que evoca a premissa de quitação: “recebeu o que queria”, sendo assim, pode-se dizer que o problema do rico se encontrava em nada mais querer, do que ser apenas ser rico. Por exemplo no caso do homem rico e Lázaro, a questão era que o rico “não é simplesmente condenado por ser rico, mas pelo fato de ver apenas a sua riqueza e contentar-se com isso”. No caso do Lázaro, a questão não era de ele ser pobre, mas se encontrava no fato de estar na miséria. Nessa situação, Lázaro desistiu de auxiliar-se a si mesmo e “tornou-se um que espera [...] A parábola [...] quer apenas apontar o caminho que leva [...] à estaca zero; pois a estaca zero corresponde as mãos vazias, mãos vazias que Deus quer encher”.

Diante desses aspectos, percebemos que as duas classes se encontravam na dependência de seus alvos imediatos: o pobre, dependendo exclusivamente de Deus e aguardando para ser acolhido pela sua benevolência; e o rico dependendo de sua riqueza, a qual o fazia sentir-se seguro e com os olhos voltados apenas para ela (a riqueza) esquecendo-se do próximo. As riquezas causavam um dano irreparável, pois produziam nos corações das pessoas o egoísmo, impossibilitando ver que estava sendo escravo de seus próprios bens. Como no caso do rico agricultor: “Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma” (Lc 12,20). A questão de sua insensatez, não estava no pensamento de recalcular suas estruturas e montar outras a fim de abrigar mais alimentos em seu celeiro (Lc 12,18), mas o problema era confiar e descansar a alma sobre o princípio errôneo das riquezas, pois este comportamento evocava a segurança em si mesmo, optando assim, viver sem Deus (GOPPELT, 2003, p. 111).

A opção dos ricos pelas riquezas construiu um obstáculo que os impedia de ouvirem a mensagem de Jesus que os convocava ao serviço em favor do Reino. Como no exemplo do jovem rico que observava os mandamentos, mas tinha dificuldades de se afastar do amor às riquezas (18,22-23). Enquanto, o jovem rico saindo triste, porque não conseguiu abandonar suas riquezas, pois acreditava que estava agindo com justiça em apenas observar a lei; o abandono das riquezas significaria para ele um esforço em especial, qual seja a realização do chamamento ao discipulado (GOPPELT, 2003, p. 113). Por outro lado, temos Levi, que diante deste

chamamento, deu um passo de fé, deixando para trás seus bens incertos para seguir em serviço ao Reino de Deus.

Dessa maneira, o pronunciamento aos ricos apresentava no fundo uma proposta de condenação/arrependimento, na qual estava disponível para aqueles que ouvissem a mensagem do Reino, como no caso de Zaqueu que se arrependeu de suas ações de corrupção e exploração para assim, fazer parte de discipulado proposto por Jesus. A mensagem do Reino aos ricos, em primeiro lugar, evocava um tom de condenação pelas explorações e atrocidades feitas para com o próximo, pelo amor às riquezas que os faziam rejeitar a mensagem de Jesus. Mesmo em meio a palavras de condenação, aos ricos, existia a possibilidade da participação do Reino que só ocorreria mediante ao arrependimento que perpassava a via da venda dos bens para dar aos pobres.

O caminho que os ricos precisariam trilhar para fazerem parte do Reino de Deus era assumir o discipulado do Reino que propunha o abandono do amor às riquezas, à venda dos bens e a doação aos pobres, como no exemplo de Levi, que a partir do abandono de tudo pôde fazer parte do discipulado de Jesus. Como também no exemplo de Zaqueu que diante das explorações e opressões que causava ao povo, pôde se arrepender de suas ações, devolvendo em dobro aquilo que havia sido extraído, postura que provinha do arrependimento em prol da mensagem de Jesus. Somente dessa forma, os ricos poderiam fazer parte da nova estrutura do Reino.

Até aqui foram apresentados fragmentos constituintes das imagens propostas pela chegada do Reino de Deus exibidas no Evangelho de Lucas. Podemos então observar o grande contraponto imposto pela nova dinâmica social que o Reino estipulou no ambiente macrossocial e microssocial em favor dos pobres que aguardavam a promessa messiânica.

Com auxílio dos autores, é possível perceber que o sistema de dominação romana causou assimetria em vários âmbitos da sociedade. Através das boas novas do Reino propagadas por Jesus, houve um rompimento da antiga estrutura de opressão para a chegada do novo. Esse novo era a soberania de Deus que agia na história mudando a forma da ótica social, a partir da evangelização dos pobres, da transformação e libertação de

cegos, cura dos coxos e mudos, da liberdade aos que estavam presos, oprimidos, odiados, marginalizados e escravizados.

Nos trechos centrais da mensagem de Jesus, temos a propagação do ano do Jubileu que visava desmascarar as opressões e explorações causadas aos pobres por aqueles que detinham o 'poder provisório' por meio da injustiça e amor ao dinheiro. A partir desse ano jubilar, foi colocado fim aos cálculos egoístas, as ostentações, acúmulos e a falsa segurança que eram fundamentadas nas riquezas. Essa dinâmica jubilar resgatou o poder das mãos dos opressores, estabelecendo uma vida com justiça para aquelas e aqueles que estavam sendo injustiçados por cobranças indevidas, juros e taxações exorbitantes. O Jubileu resgatou as relações de reciprocidade entre as pessoas, descartando o dualismo fomentado em sociedade que visava somente à exclusão. Relações de amor ao próximo e cuidados para com os necessitados era protagonizado neste tempo.

Aos pobres era anunciado o Reino de Deus e aos ricos eram proclamados os *aí*s com tom de exortação/condenação. Diante das autoridades religiosas judaicas, o Reino de Deus inverteu os valores para aquelas e aqueles que eram nomeados como pecadores e impuros. Através de parábolas, Lucas pôs nas palavras de Jesus o dinamismo do Reino. A chegada da mensagem do Reino veio para os primeiros, contudo, a rejeitaram e perseguiram o próprio propagador da mensagem. Consideravam-se como 'justos' para o público e por dentro, na verdade, eram pura vaidade e maldade. Motivo que aos pobres eram anunciadas as boas novas do Reino. Como um Pai que aguarda o filho retornar para casa, Deus recebeu aquelas e aqueles que eram chamados de pecados e impuros pela sociedade.

O Reino de Deus impôs um caráter político, cuja justiça e misericórdia estavam nas mãos de Deus, antagonizando as formas opressivas que desvalorizavam as pessoas. Era chegado um novo tempo de alegria e felicidade para os herdeiros do Reino. A nova ética se estabelecia para todos e todas que aderissem o discipulado de Jesus. Esse discipulado contrapôs a falsa paz estabelecida pelos romanos. Em virtude disso, somente aqueles que estavam dispostos a abandonarem tudo em favor da *práxis* de Jesus eram considerados discípulos e discípulas do Reino de Deus.

Aos ricos eram proferidas mensagens de condenação por causa do amor ao dinheiro, pois suas posses o impediam de exercerem ao chamamento ao arrependimento de suas ações. Neste sentido, viviam uma vida de insensatez que se encontravam em oposição a mensagem de Jesus. Por isso, dificilmente poderiam fazer parte do Reino de Deus. Assim, aqueles que ricos que decidissem trilhar nesse novo caminho poderiam fazer parte da nova família, ou seja, parte do Reino de Deus, assim como aqueles empobrecidos, que se tornaram bem-aventurados decorrentes da nova ótica trazida por Jesus

Portanto, o Reino de Deus estava em desacordo com as regras da antiga maneira de se viver em sociedade, pois causou a nova ótica de inversão que considerava como felizes, os que estavam na pobreza e o luto e as tristezas para os ricos. O Reino de Deus pôs fim a toda falsa segurança que se fundamentava apenas na riqueza, mostrando a sua soberania sobre todas as coisas.

CONCLUSÃO

Para a realização desta pesquisa, o capítulo 1 versou sobre a pobreza no Evangelho de Lucas, como também nos outros Evangelhos e no deutero-canônico de Tomé. A investigação possibilitou a percepção minuciosa que permeou o ambiente imediato da comunidade lucana. Lucas apresentou pessoas pobres que passavam por situações de miséria. Os membros de sua comunidade encontravam-se abaixo do mínimo necessário para a sobrevivência. Estes eram chamados de *ptochós* que significava pobres no sentido real da palavra. Sem recursos para enfrentarem os desafios do cotidiano, buscavam a mendicância como alternativa para a sobrevivência.

Observando mais a fundo alguns versículos que Lucas apresenta em seu Evangelho, percebe-se a situação imediata desses pobres nos trechos 4,18-19; 7,22; 14,13-14; 16,19-31; 18,22-23; 19,8-9; 21,3-4. Em comparação com outros Evangelhos sinóticos e o deutero-canônico de Tomé, Lucas utilizou mais vezes o termo *ptochós*. Pode-se verificar que o seu Evangelho fez uma descrição densa da real situação que os pobres enfrentavam em relação aos ricos dentro do judaísmo, bem como no contexto do sistema romano de dominação.

O aspecto político no ambiente lucano era regido pelo sistema de dominação chamado *pax romana*. Este era o principal motivo das construções assimétricas, pois como instância suprema ditava as relações entre ricos e pobres, além da legitimação em outros níveis de exclusão, discriminação e opressão, como mencionado nas condições étnicas e de gênero.

O sistema político econômico de arrecadação de taxas e impostos protagonizou o empobrecimento em massa, criando um abismo entre os ricos (suas elites, seus funcionários e a família romana) e os pobres (a grande maioria da população). Impulsionador imediato da lógica de faturamento, os romanos esbanjavam as riquezas e os bens do povo capturados por meio de juros e taxações. A fim de aumentarem suas riquezas e sustentarem os seus luxos, acrescentavam-se mais tributos e impostos aos endividados e até mesmo a escravizavam os devedores como forma de pagamento.

Para manterem a ordem e a organização, havia o referido sistema de controle constituído pelo exército, onde os militares exerciam a força bruta e

controlavam todos os que estavam no solo romano. A tática romana era constituída por três tipos de coerções: o domínio por meios dos símbolos sociais que asseguravam a supremacia, as representações sociais nas demais áreas de atuação: política, econômica e religiosa, e os juros como forma de empobrecimento.

A dominação romana perpassou a predominância cultural, fortemente helenizada. Dessa maneira, estabeleceu-se o critério do patriarcado, onde eram legitimadas todas as normas, comportamentos e leis que permeavam as esferas dos ricos e pobres. O sistema patriarcal romano tinha como predominância a dominação masculina que exercia a soberania sobre todas as mulheres, crianças e também sobre todos os demais subordinados. A partir deste aspecto sociocultural criou-se a base para a compreensão dos fatores sociais que levaram a decadência das relações sociais entre as pessoas. Como terceira forma de dominação romana tinha-se as arrecadações por meio de taxas, juros e impostos exorbitantes.

Estes elementos permitiram perceber como se construiu a avalanche de empobrecimentos ocorridos na comunidade lucana. Quanto mais a parte rica consumia, mais ela precisava arrecadar, explorar e extorquir daquelas e daqueles que estavam à sua mercê. Percebe-se que o sistema de dominação romana se baseou na coerção e na força bruta, nas representações sociais e na predominância cultural romano-helênica para escravizar e marginalizar as pessoas empobrecidas.

Em contraponto a este aspecto dimensional político propagado pela *pax romana*, Lucas apresentou Jesus como representante do Reino de Deus que pôs fim ao conceito antigo de *pax*, convertendo este conceito para uma nova compreensão de paz propagada por meio das boas novas. Neste sentido, apresenta-se a diaconia de mulheres no movimento de Jesus. A partir da desconstrução da ótica que visava a predominância masculina nas demais atividades, Lucas exibiu o protagonismo de Isabel e Maria que experienciaram a hierofania juntas, sendo entoados cânticos de resistência e desmascaramento aos poderes dos poderosos. Esses cânticos também visavam à exaltação e ao louvor, por Deus ter respondido suas orações e petições.

Desse modo, em oposição ao aspecto patriarcal, as mulheres participavam ativamente do movimento de Jesus, denunciando as opressões e discriminações vivenciadas nas relações sociais. Lucas apresenta Jesus como um personagem que interagiu com as mulheres, fazendo com que o seu movimento de libertação abrangesse todo e qualquer tipo de questão de gênero, classe e etnia. Jesus juntamente com os seus seguidores(as), eram os principais agentes da desestruturação patriarcal romana. A partir do Reino de Deus nunca mais as pessoas seriam excluídas e seria aberto um olhar para o amor e a fraternidade para com o próximo, visando o crescimento e a dignidade das pessoas.

Em gratidão ao serviço do Reino de Deus, as mulheres estavam nos encontros do dia a dia, no acolhimento, na doação em favor do próximo, na ajuda financeira, e juntamente com Jesus serviam de acordo com suas possibilidades. Isto representava o irromper do Reino de Deus e a consequente chegada do ano jubilar àqueles empobrecidos, doentes físicos e crônicos, bem como aos camponeses endividados.

Foi possível perceber que o ano jubilar era a missão central do movimento de Jesus que tinha como característica o perdão das dívidas, o resgate da esperança, as ações milagrosas de curas, libertação e a expulsão de espíritos impuros de pessoas atormentadas. Esse movimento veio contrapor a estrutura macrossocial estabelecida pela *pax romana*, levando a libertação para aquelas pessoas que estavam sob o jugo da dominação romana, especialmente às pessoas empobrecidas.

O capítulo 2 ocupou-se da análise exegética de Lucas 6,20, definiu os seus pressupostos e a interpretação do texto. Apresentou alguns tipos de leituras bíblicas, quais sejam: conservadora, espiritualista e histórico-crítica. Evidenciou-se o pressuposto teórico metodológico histórico-crítico, bem como as normas metodológicas e técnicas de Richter Reimer (2014), possibilitando uma delimitação da mensagem central que o autor lucano procurou transmitir. Foi examinada a estrutura narrativa do texto central que auxiliou na observação das relações de convergência, oposição e paralelismo no texto de Lc 6,20-26.

Dessa forma, os versículos 21a e 25a encontram-se em paralelos, revelando a oposição que havia entre a realidade dos pobres que passavam necessidades e os ricos que estavam sempre consolados. Os versículos 21b e

25b também mostram a mesma relação de oposição entre o choro dos pobres e o riso dos ricos. Nos versículos 22 e 26 foram apresentados o gozo e a saciedade dos ricos contrapostos à promessa de serem convertidos em luto e tristeza. Aos pobres foi proclamada a promessa de recompensa futura de bênçãos nos céus.

Diferentemente de Mateus, Lucas mostrou que os membros de sua comunidade passavam pela pobreza no sentido literal da palavra. Em Mateus eram considerados pobres no sentido espiritual. A expressão Reino dos Céus apregoada por Mateus possuía o mesmo sentido do descrito em Lucas. As principais características esboçadas entre os pobres e os ricos levaram à compreensão das situações de cada grupo em sua particularidade, como exemplo: os que choram/ os que riem, famintos/saciados e odiados, rejeitados, insultados, expulsos/ os que eram elogiados.

O capítulo 3 apresentou as principais questões que nortearam a temática do Reino de Deus sob a perspectiva do Evangelho de Lucas. Assim verificou-se que, a partir do anúncio de Jesus sobre a chegada do Reino de Deus, inverteram-se os valores sociais para quem fazia parte de seu movimento. Isso porque os ricos acreditavam na falsa segurança de que o acúmulo de riqueza garantiria um futuro promissor, de maneira que pudessem comer e beber sem se preocuparem com o amanhã, porque já tinham reservas suficientes. Frente a isso, os pobres padeciam necessidades e sofriam opressões. Dessa forma, o Reino de Deus contrapôs essa lógica mostrando que aos pobres era reservado um banquete nos céus e para os ricos eram destinadas perseguições, fome, luto e as mesmas condições que se deram aos falsos profetas.

Foram apresentadas, por meio do Evangelho de Lucas, as parábolas que simbolizavam como era estruturado o Reino de Deus, com os exemplos: o rico e o Lázaro; a parábola do filho infiel e a parábola do banquete, onde se inverteria a lógica vivida no século I. A ética do Reino propunha o abandono das estruturas basilares, como: a família, os cargos/trabalhos e para os ricos o abandonar das riquezas e a venda dos bens para dar aos pobres. Como opositor, o Reino de Deus propagado por Jesus tem como predominância o caráter político. Neste sentido, deixa de lado as estruturas antigas que estariam

em decomposição para uma luta sem armas, através do amor ao próximo, igualdade e fraternidade entre as pessoas por meio do serviço/diaconia.

Para a investigação desta pesquisa, foi trabalhada a hipótese de que a pobreza estava relacionada apenas com a falta de recursos causada por meio da cobrança de juros e impostos nas circunstâncias socioeconômicas. No entanto, no decorrer das investigações identificou-se que a ausência de recursos era apenas uma das questões que causavam o empobrecimento em massa da população. As causas estavam vinculadas a diversos problemas sociais, a nível local tinham-se as extorsões das elites, dos agentes e dos funcionários do império romano, e a nível comunitário destacou-se a aristocracia e os ricos que acumulavam suas riquezas sem se importarem com os serviços ao próximo, incluindo os doentes, os que mendigavam, as viúvas e os órfãos.

Foi também trabalhada a pergunta central da pesquisa, qual seja, quem eram os pobres no contexto de Lucas 6,20. Respondendo ao questionamento, observou-se nas passagens deste Evangelho os pobres como pessoas desprovidas de quaisquer recursos ou cuidados, tendo como a última alternativa para sua sobrevivência entregarem-se à mendicância. À vista disso, sobreveio o anúncio do ano jubilar que colocaria fim às relações assimétricas presentes no contexto lucano, a fim de proporcionar a redistribuição dos bens daqueles que possuíam mais recursos aos que não detinham nada, estabelecendo-se, assim, relações igualitárias a todas as pessoas.

Diante do exposto, observou-se que a proposta do autor lucano tinha como alvo a salvação dos empobrecidos que aguardavam esperançosos a chegada da promessa messiânica. Assim, foram anunciadas as felicitações aos pobres, posto que a eles pertencia o Reino de Deus. Aos ricos, que por amor às riquezas eram incapazes de ouvir a mensagem e atenderem ao chamado discipular de Jesus, foram proferidos os *ais*.

Como desafio para os tempos contemporâneos, pode-se fazer uma tentativa de releitura das desigualdades sociais à luz das soluções apresentadas pelo movimento do Jesus lucano em relação aos dias atuais. A proposta que o autor de Lucas mostrou foi de que, através do ensino de Jesus sobre as bem-aventuranças, o Reino de Deus objetivava o cuidado de pessoas que estavam sendo vítimas de violências e perseguições. O apego às riquezas

fazia com que as pessoas se tornassem amantes de seus bens e se esquecessem do próximo. Conseqüentemente, ocasionavam perseguições aos menos favorecidos e com interesse de obter mais poder e mais recursos, realizavam extorsões para satisfação pessoal. Por estar no poder, o império romano divulgou aquilo que considerava como *pax*. O Reino de Deus, por sua vez, por possuir um caráter tanto político quanto transcendental, encontrava-se em oposição àquela ideia exclusivista apenas aos romanos.

Um ponto particular que caracteriza a minha perspectiva a respeito dos pobres em Lucas, com relação aos dias atuais, é a ausência de fraternidade para com o próximo. As instituições religiosas possuem interesses exclusivistas que se revelam por meio das leituras bíblicas conservadoras, de modo que há uma priorização dos dogmas internos no momento das prédicas que geram interpretações errôneas dos textos bíblicos.

No cristianismo contemporâneo são apregoados em seus espaços litúrgicos algumas leituras conservadoras do Sermão da Planície, que cooperam para o seu distanciamento, como ocorria no contexto da comunidade lucana. Causa que contribui para a legitimação de algumas desigualdades sociais, como: a desvalorização da mulher, o desamparo do órfão e o esquecimento das viúvas.

Por esse motivo, entende-se que o discurso cristão aborda uma pobreza restritiva que abrange apenas o sentido espiritual do termo pobre, como no exemplo da interpretação de Mateus para a sua comunidade judeu-cristã. A leitura conservadora se limita apenas em doutrinas específicas. Diante dos desafios socioculturais, onde são discutidas as lutas das diversas classes e etnias, vê-se que a comunidade cristã atual tem se afastado bastante do anúncio e da *práxis* de Jesus.

Assim, a pesquisa não só possibilita a compreensão do ambiente relatado pelo autor lucano, mas também desafia principalmente os espaços ritualísticos cristãos a uma interpretação mais abrangente que desconstrua o senso hierárquico dominante e desigual nas relações entre as pessoas. Com isto, sentiremos maior proximidade com a proposta propagada pelo Jesus lucano. Caminhando em direção ao serviço e à fraternidade para com os menos favorecidos, o desafio para as igrejas é se encontrarem no amparo de vidas. Frente aos enfrentamentos em que vivemos hoje por conta da COVID-

19²⁶, os laços fraternais estão sendo quebrados em razão do medo de sair na rua, fazer compras no mercado, as incertezas, como por exemplo, o desemprego, em não saber se será demitida(o) e dentre outras situações.

Essa pesquisa objetiva encorajar leitoras e leitores a assumirem a nova ótica do Reino de Deus na visão lucana que foi apresentada para sua comunidade. Diante das situações complicadas e repletas de desesperança, tem-se o convite de Jesus a superar estes desafios a partir da comunhão entre as pessoas. Neste sentido, visa-se estimular as pessoas à busca de relacionamentos fraternos e solidários para com o próximo, com o propósito de obter laços fortalecidos e o enfrentamento das contrariedades, seja na partilha com aquelas e aqueles que nada têm, ou até mesmo com palavras de apoio nos momentos de sofrimento e de luto. Com o estreitamento dos laços, internamente encontra-se a paz consigo mesmo e em comunidade, possibilitando o desenvolvimento de potencialidades.

Hoje em dia, nesse período de isolamento social, tem-se como alternativa às redes sociais e os meios de comunicação para o estreitamento fraternal das relações interpessoais. Diante disso, as plataformas remotas de ensino, trabalhos e pesquisas científicas são meios de apoiar/dar respostas às milhares de pessoas que se encontram em '*home office*'.

Acredita-se que a proposta do Evangelho lucano, trazido por meio do movimento de Jesus para sua comunidade, pode e deve ser utilizada como a alternativa mais eficaz para a esperança e liberdade nestes tempos de pandemia que estamos vivendo. Eu mesmo fui uma das vítimas da COVID-19 com 70% de comprometimento pulmonar, quase à beira da morte, tive a graça da diaconia e do socorro por meio de tratamento hospitalar e da espiritualidade de pessoas que possuem a mesma fé e confiança na proposta de Jesus.

Portanto, que essa pesquisa seja proveitosa, reflexiva e prazerosa no momento da leitura, contribuindo para a realização em nível pessoal e acadêmico.

²⁶ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em abril/2021.

REFERÊNCIAS

- BARCLAY, W. *The Gospel of Luke*. Tradução Carlos Biagini. Glasgow: Trinity College, 1995.
- BARBAGLIO, Guiseppe. *Jesus, Hebreu da Galileia: pesquisa histórica*. Tradução Wlateral Eduardo Lisboa. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BERGER, Klaus. *As Formas Literárias Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 11. impr. São Paulo, 1985. (Coord.: José Bortolini).
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo F. Valério. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CASALEGNO, Alberto S.J. Pobreza e Riqueza no evangelho de Lucas. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 20. s.l. p. 9-33. 1988.
- COMENTÁRIO BÍBLICO WIERSBE NOVO TESTAMENTO. Tradução Regina Aranha. Santo André - São Paulo: Geográfica, 2009.
- CALDERÓN, Carlos. Quiénes son los pobres em Lucas 6:20?. *Kairós*, Nº 35, julio/dez, 2004.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo testamento Interpretado*. versículo por versículo. volume II, 9. ed. São Paulo, Candeia, 1995.
- COSTA, R. A; RICHTER REIMER, Ivoni. Priscila, Áquila e Paulo: caminhada de paz em vias (as)simétricas de relações de poder. In: RICHTER REIMER, Ivoni e REIMER, Haroldo (Org.). *Trilhas de paz*: São Leopoldo: Oikos, 2018b. p. 127-152.
- COSTA, Laurinda F.C. A paz e sua dupla grandeza: a ancestral e a cultural. In: RICHTER REIMER, Ivoni e REIMER, Haroldo (Org.). *Trilhas de paz*: São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 11-31.
- BECK, H; BROWN, C. Paz. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos II*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FREYNE, Sean. *Jesus, Um Judeu da Galileia: nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2008.

GOLPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução Martin Dreher e Ilson Kayser. 3.ed. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

GOURGUES, Michael. *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005.

GUERRA, Danilo Dourado. Entre a paz e o medo: ideários paradigmáticos de paz e vetores prototípicos de violência a partir de João 14,27. In: RICHTER REIMER, Ivoni e REIMER, Haroldo (Org.). *Trilhas de paz*: São Leopoldo: Oikos, 2018b. p. 111-126.

HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimento populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1986.

JONES. Martyn Lloyd. *Estudos no Sermão do Monte*. Tradução João Bentes. São José dos Campos, São Paulo: Editora Fiel, 1999.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento, volume 1: história e cultura e religião do período helenístico*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo, Paulus, 2005a [1926].

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento, volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo, Paulus, 2005 [1926].

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 17. ed. tradução Paulo Feine e Johannes Behm. São Paulo: Paulus, 1982. [1905]

LEMOS, Carolina Teles. Religião e Patriarcado: Elementos Estruturantes das concepções e das relações de gênero. *Caminhos*. v.11, n.2, p. 201-217, jul./dez. 2013.

MANSSILLA, Sandra Nancy. "Un Jubileo en la era de la postmodernidad. Sobre la necesidad de una hermenêutica permanente. Lectura del discurso programático de Jesús en la sinagoga de Nazeret (Lucas 4,14-30)", em *RIBLA*, nº 56, 1999, p. 141.

MALZONI, Cláudio V. Da CABEÇA AOS PÉS. A unção de Jesus em Betânia, em Mc 14,3-9 e nos textos afins na tradição. *Persp. Teol.* nº 30, 1998, p. 95-106.

MORACHO, Félix. *Como ler os Evangelhos para entender o que Jesus fazia e dizia*. Tradução Ivo Sorniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1994.

MOXNES, Halvor. *Economia do reino: conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*. Tradução Thereza Cristina F. Stummer. São Paulo: Paulus, 1995.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Leitura Bíblica Fundamentalista no Brasil: Pressupostos e desenvolvimento. *Caminhando*, São Paulo, v. 07, n 2 [10], 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.

PINCINATO, Mariana. O inferno e a figuração de Hades como o Demônio no mundo bizantino. *Academia.edu*, Londrina, 19-25 maio. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/15585316/O_inferno_como_componente_iconogr%C3%A1fico_do_Ju%C3%ADzo_Final_bizantino>. Acesso em: 25 set.2020. 13:42:00.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; JUNIOR, João Luiz Correia. Leituras anti-imperialistas e libertadoras da Bíblia. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano (Org.). *Pobres no espírito e Reino dos céus: uma interpretação libertadora da primeira bem-aventurança de Mateus (5,3)*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2018.

RICHARD Pablo. El evangelio de Lucas, estructura y claves para una interpretación global del Evangelio. *RIBLA*, n.44, 2003, p. 14.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Trabalhos Acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Terra e água na espiritualidade de Jesus*. Contribuições para um mundo globalizado. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: PUC, 2010.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres: textos, interpretações e história*. São Paulo: Paulus, 2013.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Compaixão, cruz e esperança: Teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

RICHTER REIMER, Ivoni. Mulheres transgressoras com Jesus e Paulo: história, textos e interpretações. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Por amor à vida!: crenças, resistências e conquistas na bíblia e na atualidade*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, p. 71-92.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 19.

RICHTER REIMER, Ivoni. Bíblia e hermenêuticas de classe, gênero e etnia. In: REIMER, Haroldo; DA SILVA, Valmor (Orgs.). *Hermenêuticas Bíblicas: Contribuições ao I congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006, p. 33-48.

RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e economia política: o jeito de organizar romano a casa. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Cebi; Sinodal, 2006b. p. 72-57.

RICHTER REIMER, Ivoni. Apostolado, diaconia e missão de mulheres nas origens do cristianismo: Rever tradições para empoderar e promover cidadania plena. *Revista Pós-Escrito*. N. 4, ago/dez. Rio de Janeiro, 2011. p. 110-126.

RICHTER REIMER, Ivoni. “Lucas 1-2 bajo una perspectiva feminista... y la salvación se hace cuerpo”, em *RIBLA*, nº 44, 2002, p. 32-52.

RICHTER REIMER, Ivoni. “El perdón de las deudas em Mateo y Lucas: Por una economia sin exclusiones”, em *RIBLA*, nº 33, 1999, p. 122-136.

SANTOS, Odja Barros; MUSSKOPF, André Sidnei. Interpretação Bíblica: raízes patriarcais e leituras feministas. *Interações*. Belo Horizonte. v.13, n. 24, ago/dez. 2018. p. 12.

SCHELLE, Udo. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004

SCHIAVO, Luigi; SILVA, Valmor da. *Jesus, Milagreiro e Exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SCHOTTROFF, Luise. Lucas 6,27-38: Sobre a coragem de imitar Deus. O amor às pessoas inimigas e o perdão das dívidas. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Cebi; Sinodal, 2006. p. 98-110.

SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria*. Uma introdução à interpretação Bíblica Feminista. Tradução Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

SCHWANTES, Milton. *O direito do pobre*. São Leopoldo: Oikos; São Bernardo do Campo: Editeo, 2013.

SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

SILVA, Cassio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo, Loyola, 2007.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O novo testamento em seu ambiente social*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

STEGEMANN, Ekkehard W; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012

STOGER, Alois. *O Evangelho de Lucas: Primeira parte*. Tradução de Frei Álvaro Machado. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1984.

STORNILO, Ivo. *Como ler o evangelho de Lucas: Os pobres constroem a nova história*. 11. ed. São Paulo, Paulinas, 2017.

TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento. Sua Origem e análise*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 1989.

THEISSEN, G. *Sociologia da Cristandade primitiva*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985 [1983].

THEISSEN, G. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Hermenêutica da Bíblia no mundo evangelical*. In: REIMER, Haroldo; DA SILVA, Valmor (Orgs.). *Hermenêuticas Bíblicas: Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006. p. 61-74.

WEGNER, Uwe. *Jesus, a dívida externa e os tributos*. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Cebi; Sinodal, 2006. p. 111-134.

_____. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade: experiência e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. Tradução de António M. da Torre. São Paulo: Paulinas, 1991.

WENZEL, João Inácio. *O caminho do seguimento no Evangelho de Lucas*. São Leopoldo: Cebi; Sinodal, 1998.

WITT, Osmar Luiz. 6º Domingo após Epifania: Lucas 6.17-26. In: *Proclamar Liberdade: Auxílios Homiléticos*, v. 26. São Leopoldo: Sinodal, 2001.